



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SILVANA APARECIDA MORAIS DA COSTA

**ANÁLISE DO HUMOR NOS GÊNEROS
QUADRINÍSTICOS:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Londrina
2017

SILVANA APARECIDA MORAIS DA COSTA

**ANÁLISE DO HUMOR NOS GÊNEROS QUADRINÍSTICOS:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), apresentada ao Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Borges.

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Costa, Silvana Aparecida Morais da.

Análise do humor nos gêneros quadrinísticos : uma proposta de intervenção / Silvana Aparecida Morais da Costa. - Londrina, 2017.
171 f. : il.

Orientador: Maria Isabel Borges.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.
Inclui bibliografia.

1. linguagem dos quadrinhos - Tese. 2. tira cômica - Tese. 3. humor - Tese. 4. pesquisa-ação - Tese. I. Borges, Maria Isabel. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SILVANA APARECIDA MORAIS DA COSTA

**ANÁLISE DO HUMOR NOS GÊNEROS QUADRINÍSTICOS:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), apresentada ao Centro de Letras e Ciências Humanas (CCLH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Borges
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 31 de agosto de 2017.

Dedico este trabalho às pessoas mais presentes na minha vida:

Meu pai, o mais generoso de todos os pais.

Minha mãe, a melhor pessoa que já conheci.

Minha filha, a mais dedicada, compreensível e amorosa.

Meu filho, adorável companheiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da minha experiência e por todas as pessoas que Ele colocou em meu caminho colaborando com o meu crescimento.

Aos meus pais, José Morais e Maria Aparecida Sevidanis Morais, que me motivaram, entenderam as minhas faltas e momentos de afastamento. Àqueles que me mostraram o quanto é importante estudar, mesmo não tendo eles a mesma oportunidade no passado.

Ao meu marido, Fábio Benjamim da Costa, por me incentivar a seguir com os meus objetivos e não esmorecer com as dificuldades.

Aos meus queridos e adoráveis filhos: Isabelle Morais da Costa e Otávio Morais da Costa, por terem me apoiado e incentivado nos momentos mais difíceis desta etapa.

À minha orientadora, Maria Isabel Borges, pelo apoio incondicional, pela amizade e confiança depositada na realização deste trabalho.

Aos professores do PROFLETRAS, pelo conhecimento adquirido durante o mestrado.

Aos colegas de turma: Andréa, Alex, Antônio, Marciane, Raquel e Valdirene, pela cumplicidade e amizade. À minha amiga, Andréa, sou extremamente grata pelo companheirismo e solidariedade nos momentos em que mais precisei.

Aos meus colegas e companheiros de escola, que me auxiliaram nos momentos de sobrecarga.

À minha amiga, Wérica Dias Micheletti, pelo companheirismo, tanto pessoal quanto acadêmico.

Às diretoras das escolas onde trabalho Daisy Martins Paes de Gois e Elizabete Eva Almeida Dantas, por me apoiarem e compreenderem a importância do estudo e da capacitação na prática pedagógica.

Aos meus alunos, que foram o principal motivo desta pesquisa e, ao mesmo tempo, fundamentais para a realização.

Aos pais dos alunos, por permitirem a participação dos filhos em todo o trabalho.

Gostaria de agradecer também a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para o cumprimento dessa etapa.

“Se as coisas são inatingíveis...ora!
não é motivo para não querê-las.
Que triste os caminhos, se não fora
a mágica presença das estrelas! ”
(Mário Quintana, **Das utopias**)

COSTA, Silvana Aparecida Morais da. **Análise do humor nos gêneros quadrinísticos: uma proposta de intervenção.** 2017. 171 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

O objetivo principal foi elaborar uma proposta de intervenção que explore, de maneira introdutória, os efeitos humorísticos para os alunos do sexto ano do ensino fundamental I de uma escola pública do norte paranaense. O humor pode funcionar como um dos aspectos para a construção de sentidos nos gêneros: história em quadrinhos de aventura, charge, cartum e tira cômica. A partir do gênero-âncora “tira cômica” — no caso, “Calvin e Haroldo” de Bill Watterson (2009, 2010, 2011, 2013) — foi possível a elaboração de tal proposta, em interação com outros gêneros (histórias em quadrinhos de aventura, charge, cartum, notícias, artigo de opinião, piadas). Os estudos de humor de Bergson (1983), Propp (1992) e Magalhães (2010) constituíram algumas referências norteadoras da proposta, ao lado de trabalhos relacionados aos gêneros quadrinísticos de Cagnin (2014), Vergueiro (2014) e Ramos (2009; 2011; 2014). A pesquisa-ação (THIOLLENT, 2004) foi a abordagem utilizada, o que permitiu a identificação de um problema em contexto escolar real e, de forma simultânea, a professora atuou como interventora: investigadora do contexto observado, elaboradora e executora da proposta. As etapas do trabalho foram: identificação do problema, elaboração da proposta, execução e análise dos resultados. Para a coleta dos dados, foram utilizados o diário de aula (ZABALZA, 2004) e todas as atividades (cartum, história de aventura, charge e tira cômica) produzidas pelos alunos durante o desenvolvimento da intervenção. Verificou-se, em linhas gerais, que os conflitos de Calvin e Susie em contextos escolar e familiar ocorrem de forma sutil e reflexiva, propiciando a construção do humor na perspectiva dos alunos, quando estabelecem maior afinidade com as situações apresentadas.

Palavras-chave: Linguagem dos quadrinhos. Tira cômica. Humor. Pesquisa-ação. Escola.

COSTA, Silvana Aparecida Morais da. **Humor analysis in comic strip genre: an intervention proposal.** 2017. 171p. Dissertação (Professional Master's Degree in Language and Literature – PROFLETRAS) – The State University of Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

The main objective was to elaborate an intervention proposal able to explore, in an introductory way, the humorous effects in students of sixth grade of middle school, that attend a public school in the north of the State of Paraná. The humor can work as an element for the construction of meanings in the genres: adventure comic books, daily cartoon, cartoon and comic strip. From the “comic strip” genre – as in “Calvin and Hobbes” by Bill Watterson (2009, 2010, 2011, 2013) – it was possible to elaborate this proposal, in interaction with other genres (adventures comics, daily cartoon, cartoons, News, opinion articles, jokes). Bergson's (1983), Propp's (1992) and Magalhães' (2010) humor studies set up some references for this proposal, as well as Cagnin's (2014), Vergueiro's (2014) and Ramos' (2009, 2011, 2014) works. The Action-Research approach (Thiollent, 2014) was applied allowing the problem identification in a real school context and simultaneously, gave to the teacher an intervenor role: by investigating the observed context, drawing up and developing this proposal. The stages of the work were problem identification, proposal writing, research implementation and analysis of the results. For the data collection, it was used the classes' diaries (Zabalza, 2004) and all the activities (cartoon, adventure story, cartoon and comic strip) produced by the students during the development of the research. It was broadly verified that the Calvin's and Susie's conflicts, in school and Family contexts, arise in a reflexive and subtle way and thus, fostering the humor's construction in the perspective of the students, when they share a higher affinity with the presented situations.

Key words: Comic book language. Comic strip. Humor. Action Research. School

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Um exemplo de tira cômica com formato fixo	19
Figura 2 -	Um exemplo de tira cômica de dois andares.....	20
Figura 3 -	Um exemplo de tira em formato vertical	21
Figura 4 -	Um exemplo de tira cômica produzida a partir de fotografias	22
Figura 5 -	Um exemplo de charge	23
Figura 6 -	Um exemplo de cartum	24
Figura 7 -	Linguagem dos quadrinhos	26
Figura 8 -	O tempo narrativo	27
Figura 9 -	Balão-fala.....	29
Figura 10 -	Balão- pensamento.....	29
Figura 11 -	Balão-cochicho.....	30
Figura 12 -	Balão-berro.....	30
Figura 13 -	Balão-trêmulo	31
Figura 14 -	Balão-de-linhas-quebradas.....	31
Figura 15 -	Balão-vibrado.....	31
Figura 16 -	Balão-glacial	32
Figura 17 -	Balão-uníssonos.....	32
Figura 18 -	Balões-duplos.....	32
Figura 19 -	Balões-compostos	33
Figura 20 -	Balão-zero ou ausencia de balão	33
Figura 21 -	Balão-mudo.....	34
Figura 22 -	Balão-sonho	34
Figura 23 -	Balão de apêndice cortado	35
Figura 24 -	Uso da legenda.....	36
Figura 25 -	Os 7 álbuns de <i>Calvin e Haroldo</i>	39
Figura 26 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “E foi assim que tudo começou”	39
Figura 27 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “Deu ‘Tilt’ no progresso científico”	39
Figura 28 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “A hora da vingança”	39

Figura 29 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “O ataque dos perturbados monstros de neve multantes e assassinos” 40
Figura 30 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “Yukon Ho!” 40
Figura 31 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “Criaturas bizarras de outro planeta!” 40
Figura 32 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “Tem alguma coisa babando embaixo da cama” 40
Figura 33 -	Título: <i>Calvin e Haroldo</i> e Subtítulo: “Título de forma única” 41
Figura 34 -	Valor expressivo da letra..... 42
Figura 35 -	Valor expressivo da letra em negrito 43
Figura 36 -	Valor expressivo do formato da letra 43
Figura 37 -	Valor expressivo da letra diferenciada..... 44
Figura 38 -	Valor expressivo da letra diferenciada - robotizada..... 45
Figura 39 -	Valor expressivo da letra escrita 45
Figura 40 -	Valor expressivo da letra durante a leitura..... 46
Figura 41 -	Som da martelada na mesa..... 47
Figura 42 -	Som da bola de neve acertando <i>Calvin</i> 47
Figura 43 -	Som da bola da campainha..... 47
Figura 44 -	Som de <i>Calvin</i> sendo arremessado na bola de neve..... 48
Figura 45 -	Som do secador de cabelo ligado 48
Figura 46 -	Som de que <i>Calvin</i> tomando refrigerante..... 48
Figura 47 -	Brincando de Tarzan 49
Figura 48a, b -	<i>Calvin</i> 50; 113
Figura 49a, b -	<i>Haroldo</i> 51; 114
Figura 50a, b -	Os pais de <i>Calvin</i> 52; 114
Figura 51a, b -	<i>Susie Derkins</i> 52; 115
Figura 52a, b -	Senhora <i>Wormwood</i> 53; 115
Figura 53a, b -	<i>Moe</i> 53; 116
Figura 54a, b -	<i>Rosalyn</i> 54; 116
Figura 55 -	O pedido de <i>Calvin</i> ao pai..... 56
Figura 56 -	<i>Calvin e Haroldo</i> : amigos inseparáveis 56
Figura 57 -	O pedido de <i>Calvin</i> ao pai..... 57
Figura 58 -	<i>Calvin</i> não faz sua parte 66

Figura 59 -	<i>Calvin</i> não fez tarefa	68
Figura 60 -	Brincadeira de criança.....	70
Figura 61 -	Alguns dos nossos heróis	80
Figura 62 -	Mulher Maravilha na forma realisata.....	81
Figura 63 -	Mulher Maravilha na forma estilizada.....	81
Figura 64a, b -	Mulher Maravilha na forma caricata	81; 83
Figura 65 -	Papai <i>Smurf</i>	82
Figura 66 -	<i>Popeye</i>	82
Figura 67a, b -	<i>Thor</i>	82; 83
Figura 68 -	Aldeia gaulesa.....	86
Figura 69 -	Alguns dos nossos heróis	86
Figura 70 -	Balão-fala e apêndice indicando fala dentro do prédio.....	88
Figura 71 -	Balão-mudo e uníssono.....	89
Figura 72 -	Balão-pensamento.....	89
Figura 73 -	As vozes presentes na legenda	90
Figura 74a, b, c -	Onomatopeia (1, 2, 3).....	91
Figura 75a, b -	Letra em negrito	92
Figura 76a, b -	Charge I: valorização do feijão no mercado (1, 2).....	95; 101
Figura 77 -	Charge de Paixão de 22/07/2016	95
Figura 78a, b -	Charge III: <i>Pokémon Go</i> (1, 2)	95; 102
Figura 79 -	Charge de Paixão de 27/07/2016	96
Figura 80 -	Charge de Paixão 06/08/2016	96
Figura 81 -	Cartum I: O poder da propaganda.....	106
Figura 82 -	Cartum II: Quero tracar!?!?	107
Figura 83 -	Cartum III: Hora de pagar impostos	108
Figura 84 -	Cartum IV: Posso hospedar-me?	109
Figura 85 -	Tira cômica de <i>Calvin e Haroldo</i> e o jornal.....	113
Figura 86 -	Bill Watterson	116
Figura 87 -	<i>Calvin e Haroldo</i> brincando	118
Figura 88 -	<i>Calvin e Haroldo</i> em conflito familiar.....	119
Figura 89 -	<i>Calvin e Haroldo</i> em conflito com <i>Susi</i>	119
Figura 90 -	<i>Calvin e Haroldo</i> em conflito escolar	120
Figura 91 -	<i>Calvin e Haroldo</i> em conflito com <i>Moe</i>	120
Figura 92 -	E foi assim que tudo começou (1).....	120

Figura 93 -	E foi assim que tudo começou (2).....	121
Figura 94 -	E foi assim que tudo começou (3).....	122
Figura 95a, b -	<i>Calvin</i> e a discriminação sexual (1, 2, 3, 4, 5, 6).....	123; 124
Figura 96 -	Dias de inverno	125
Figura 97 -	Descobrimo o amor	126
Figura 98 -	Brincando de adivinhar	127
Figura 99a, b, c, d, e -	Vamos brincar de índio? (1, 2, 3, 4)	128; 129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Introdução à linguagem dos quadrinhos	75
Quadro 2 –	Introdução à tira cômica.....	77
Quadro 3 –	Primeira parte do eixo 1: Gênero pertencentes ao hipergênero <i>histórias em quadrinhos</i> : apresentação, caracterização e comparação	78
Quadro 4 –	Segunda Parte do eixo 1: Charge e a construção do humor.....	94
Quadro 5a, b –	Charge: contexto de produção	98; 142
Quadro 6 –	Comparação entre as charges	103
Quadro 7 –	Terceira parte do eixo 1: O cartum e charge – semelhanças e diferenças	105
Quadro 8a, b –	Semelhanças e diferenças entre cartum e charge	110;143
Quadro 9 –	Terceira parte do eixo 1: O cartum e a charge – semelhanças e diferenças	111
Quadro 10 –	Os quatro movimentos na perspectiva de Innocente (2005)	124

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
	CAPÍTULO 1: A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS	17
1.1	OS GÊNEROS E OS RECURSOS QUADRINÍSTICOS	18
1.2	A TIRA CÔMICA E OS RECURSOS QUADRINÍSTICOS.....	25
1.2.1	A tira cômica e os recursos quadrinísticos: balões	28
1.2.2	A tira cômica e os recursos quadrinísticos: legenda e título.....	35
1.2.3	A tira cômica e os recursos quadrinísticos: letras.....	42
1.2.4	A tira cômica e os recursos quadrinísticos: representação dos sons pelas onomatopeias.....	46
1.2.5	A tira cômica e os recursos quadrinísticos: ideias de movimento por meio das linhas cinéticas.....	49
1.3	BILL WATTERSON E AS TIRAS CÔMICAS DE <i>CALVIN E HAROLDO</i>	49
1.3.1	Alguns olhares sobre <i>Calvin e Haroldo</i>	55
	CAPÍTULO 2: UMA REFLEXÃO ACERCA DO HUMOR	58
2.1	ALGUNS ASPECTOS SOBRE O HUMOR	58
2.2	O HUMOR NA TIRA CÔMICA	65
	CAPÍTULO 3: O PROBLEMA E A PROPOSTA DE INTENVENÇÃO	72
3.1	PROBLEMA	72
3.2	DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE INTRVENÇÃO	74
3.3	A PROPOSTA PARA O TRABALHO DOS EFEITOS DE HUMOR A PARTIR DA TIRA CÔMICA NO 6º ANO: ELABORAÇÃO, ETAPAS, INTRVENÇÃO, AVALIAÇÃO E EMCAMINHAMENTOS.....	78
	CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO	131
4.1	OS SUJEITOS DA PESQUISA E O CONTEXTO DE	

	OBSERVAÇÃO	131
4.2	COLETA DOS DADOS: INSTRUMENTOS E AGRUPAMENTOS	132
4.3	A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS: A CONEXÃO ENTRE LINGUAGEM QUADRINÍSTICA E GÊNERO	134
4.4	APERCEPÇÃO DOS ALUNOS: OS CONFLITOS ENTRE CALVIN E SUSIE	145
4.5	A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS: O HUMOR	153
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
	REFERÊNCIAS	161
	REFERÊNCIAS DAS FIGURAS	164

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho pode ser considerado como uma pesquisa de introdução à percepção do humor nos gêneros quadrinísticos, no caso, história em quadrinhos de aventuras (doravante HQ de aventuras), charge, cartum e tira cômica. O objetivo principal foi elaborar uma proposta de intervenção para o desenvolvimento da percepção do humor dos alunos de uma escola pública do Norte do Paraná. Esses alunos estavam cursando o sexto ano do Ensino Fundamental II no ano de 2016 e desempenharam a função de leitores de textos em quadrinhos alicerçados no humor de forma direta ou indireta.

A proposta configurou-se a partir da identificação de certa carência em torno do humor, da linguagem dos quadrinhos e dos gêneros quadrinísticos no livro didático de língua portuguesa adotado na escola (triênio de 2014 a 2017), produzido por Borgatto, Bertin e Marchezi (2012). Deve-se destacar a exploração do texto em quadrinhos para a mera exploração gramatical no livro didático citado e em outros. Também se observou posicionamentos de professores da escola que ministram diferentes disciplinas sobre a compreensão de textos envolvendo humor e quadrinhos. Por fim, considerou-se a necessidade da própria professora-pesquisadora em construir mais conhecimentos a respeito dos pontos levantados, tendo em vista a resolução do problema identificado.

Assim sendo, para a realização do objetivo principal já mencionado, é necessário elencar os objetivos secundários desenvolvidos:

- i) diagnosticar a percepção do humor por meio de textos em quadrinhos;
- ii) caracterizar a linguagem dos quadrinhos;
- iii) apresentar os gêneros pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos* e que são unidos pelo humor — a charge, o cartum e a tira cômica — incluindo uma HQ de aventuras que tenha traços de humor;
- iv) avaliar, após o desenvolvimento da proposta de intervenção, a percepção dos alunos com relação aos gêneros citados por meio das atividades realizadas.

Além destas considerações iniciais e das finais, este trabalho é constituído por quatro capítulos: 1) Linguagem dos quadrinhos; 2) Uma reflexão acerca do humor; 3) O problema e a proposta de intervenção; 4) Análise dos resultados da intervenção. No primeiro, foram focos aspectos ligados à linguagem dos quadrinhos (CAGNIN, 2014; RAMOS, 2011, 2014; VERGUEIRO, 2014a, 2014b) e aos gêneros HQ de aventuras, charge, cartum e tira cômicos, todos pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos* (INNOCENTE, 2005; LINS, 2002, 2012; RAMOS, 2011, 2014).

No segundo capítulo, foi feito um panorama sobre a representação do humor, conceitos e principais, como nos estudos de Bergson (1983), Propp (1983), Magalhães (2010), os quais compartilham da ideia de que o humor é algo inerente ao ser humano. Lins (2002), Innocente (2005) e Ramos (2009; 2011; 2014; 2015) esclarecem o funcionamento do humor nas tiras cômicas. Apesar de trilharem caminhos diferentes em seus estudos, compartilham da ideia de que o humor se configura na quebra de expectativa, seguida do desfecho inesperado presente na última vinheta.

No terceiro, encontra-se a proposta de intervenção preparada e elaborada para introduzir alguns aspectos ligados ao humor a partir da linguagem dos quadrinhos e dos gêneros já citados. Neste trabalho, optou pela pesquisa-ação (THIOLLENT, 2009), tendo a busca por respostas e soluções capazes de promover a transformação de representações e mobilizar os sujeitos para ações práticas. O objeto de estudo foi construído pela professora-pesquisadora na condição de professor regente da turma de sexto ano do Ensino Fundamental. O *corpus* compõe-se de diferentes textos humorísticos: HQ de aventuras, charge, cartum e tira cômica, com intuito de desenvolver e, posteriormente, verificar a percepção dos alunos acerca do que consideram engraçado. Para esta investigação, a principal ferramenta utilizada foi o diário de aula (ZABALZA, 2004), que permitiu à professora-pesquisadora fazer anotações a respeito das impressões sobre o que aconteceu e poderia acontecer em suas aulas. Seguiu-se um planejamento específico e organizado para atender às dificuldades e expectativas de seus alunos.

No quarto capítulo, as atividades realizadas pelos alunos e diário construído pela professora-pesquisadora possibilitaram a reflexão sobre a percepção dos alunos em relação ao humor. Para tanto, as características dos gêneros HQ de aventuras, charge, cartum e tira cômica também foram verificadas quanto à maneira como os alunos as compreenderam, pressupondo, é claro, o funcionamento dos recursos da linguagem dos quadrinhos nesses gêneros. Por consequência, foi possível avaliar a eficácia da proposta da intervenção na resolução do problema identificado, por meio do apontamento de pontos fortes e frágeis.

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

A linguagem dos quadrinhos, como qualquer outra linguagem, é marcada por alguns recursos usados recorrentemente. “Os pontos, linhas e massas não seriam outra coisa que rabiscos e borrões” (CAGNIN, 2014, p. 67)¹. Por isso, torna-se necessário o conhecimento da linguagem específica e característica dos quadrinhos.

Ao realizar uma leitura semiótica dos quadrinhos, Cagnin (2014) interpreta os signos envolvidos em uma forma de narrativa híbrida, que une imagem e texto e que faz esses elementos se contaminarem um com o outro. Quando se analisam as narrativas gráficas, ele examina os elementos constitutivos do texto e depois os elementos constitutivos da imagem.

É fácil compreender a função de complementaridade dos dois sistemas envolvidos nas histórias em quadrinhos. Se o verbal tem amplo poder de representação no vasto campo das ideias e dos conceitos universais, a imagem está revestida da imensa riqueza da representação do real e nos traz o simulacro dos objetos físicos e até a sugestão de movimento, pois a figura dos seres vivos, ainda que imóvel, é sempre, infalivelmente representada num momento dado da realização de um gesto ou ato. (CAGNIN, 2014, p. 42).

Verifica-se que as HQ fazem uso de dois códigos — verbal (escrita) e não verbal (imagens) — para contar suas histórias. O entendimento, nesse sentido, depende da interrelação entre eles. Cagnin (2014) apropriou-se dos termos: visual, para a imagem, e verbal, para a escrita, signo icônico e signo linguístico, respectivamente. Nos quadrinhos, é comum encontrar um signo icônico e transformá-lo em simbólico, por exemplo, a figura de uma pomba branca significando a paz. Os signos linguísticos são representados pelas letras, legendas, balões e onomatopeias. Para Cagnin (2014, p. 98, grifos do autor), “a linguagem ou código narrativo iconográfico dos quadrinhos consiste de **unidades mínimas de imagens que se articulam em sequências na linearidade temporal da ação**”.

Eisner (2010) denominou essas narrativas como arte sequencial, justificando que as sequências são montadas a partir de pequenas unidades narrativas dos momentos da ação, formando as histórias contadas nos quadrinhos. Os quadrinhos são segmentos sequenciados, resultados da decomposição de eventos capturados no fluxo da narrativa. Eles limitam o espaço onde se colocam objetos e se passam as ações. Desse modo, a tarefa do quadrinista ou artista sequencial é dispor essa sequência dos eventos, de tal modo que as lacunas da ação sejam

¹ A primeira publicação de *Os quadrinhos* pela editora Ática foi em 1975. Para este trabalho, utilizou-se da obra *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial — linguagem e semiótica*, versão atualizada e revisada pelo próprio autor e reeditada em 2014.

preenchidas. Isso requer do leitor a capacidade imaginativa e criadora, a partir da sua vivência, para completar a ação, tendo em vista uma construção coerente de sentidos.

Para Ramos (2014), as HQ utilizam-se da linguagem verbal e não verbal, as quais se completam e se explicam, permitindo que o interlocutor interprete os possíveis sentidos. Vergueiro (2014b) afirma o quanto se faz importante o ensino da leitura dos quadrinhos: “a “alfabetização” na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização” (VERGUEIRO, 2014b, p. 31).

Para compreender toda essa complexidade que há na leitura dos quadrinhos, a relação entre texto verbal e não verbal, são abordados, na sequência, alguns gêneros quadrinísticos.

1.1 OS GÊNEROS E OS RECURSOS QUADRINÍSTICOS

Discutir gêneros significa considerar as ideias de Mikhail Bakhtin (2003). Antes dele, os gêneros estiveram associados à literatura por meio de Platão e Aristóteles. Bakhtin (2003) abordou tanto os gêneros literários quanto os não literários, pois eles estão presentes em quaisquer atividades comunicativas, incluindo as produções artísticas e escritas.

Segundo Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Como enunciados, funcionam como uma unidade real de comunicação verbal em que a língua não pode ser considerada dissociada de seu contexto sócio-histórico, pois deve ser vista e analisada nas diferentes esferas de atividades. Nessas esferas, da interação social se materializam os enunciados orais ou escritos.

Dominique Maingueneau (2013) apresenta propostas bem semelhantes às de Bakhtin. Na visão de Ramos (2011), tal pesquisador francês trabalhou o gênero em dois momentos teóricos: no primeiro, defendeu que o gênero do discurso não se limita à organização textual. No segundo, o locutor e interlocutor travam um contrato, uma espécie de jogo, exercendo papéis definidos na situação comunicativa. Assim, o autor vê o gênero do discurso atrelado a uma cena comunicativa.

Maingueneau (2013) ainda estabeleceu uma distinção entre os gêneros instituídos (rotineiros e autorais) dos conversacionais (modelo muito instável e dependente da relação entre interlocutores). O linguista refletiu acerca do termo “rótulo”. Se um texto de cinco páginas é um ensaio, ele tende a ser assim visto pelo leitor. Entretanto, o mesmo texto pode ser rotulado como resenha ou artigo. Dessa forma, conclui que o uso dos rótulos influencia na forma como o leitor compreende o texto e, ainda, os aspectos formais do texto. Trata-se de um hipergênero.

Segundo Ramos (2014), nomear os gêneros pertencentes aos quadrinhos não é uma tarefa fácil, pois há diferentes nomes atribuídos a um mesmo gênero. Para exemplificar, o autor observou os diferentes nomes atribuídos à tira: tira, tira cômica, tira em quadrinhos, tira de quadrinhos, tirinha, tira de jornal, tira diária e tira jornalística. Tal confusão se repete no livro didático de língua portuguesa destinado ao 6º ano (Projeto Teláris) de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012), aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) para os anos de 2014 a 2016. Nele, verificou-se uma certa incoerência na nomeação das tiras cômicas, pois ora são chamadas de quadrinhos, ora de tirinhas. Watterson (2013), em seu livro *Calvin e Haroldo: o livro do décimo aniversário*, a nomeação dada é: produções de tiras de quadrinhos. O jornal *Folha de São Paulo* usa o termo “quadrinhos” no espaço do caderno de Cultura em que as tiras são publicadas.

Entende-se que esse excesso de nomes pode estar atrelado a um desconhecimento acerca das características das HQ e de seus diferentes gêneros (RAMOS, 2011). Alguns gêneros — charge e tira cômica, por exemplo — compartilham características, porém cada uma está a serviço das peculiaridades inerentes ao próprio gênero.

O nome *tira cômica* está relacionado com sua principal característica — o humor. Ramos (2011) observou que as tiras cômicas são semelhantes às piadas, por apresentarem uma sequência narrativa e um desfecho inesperado no final.

‘Tira’ (o formato) é o único elemento comum, mesmo que apareça na forma diminutiva, ‘tirinha’. Na prática, os nomes de cada eixo evidenciam características que se completam na análise do gênero. E, em todos, há a tendência de enxergar as tiras apenas sob o prisma do humor, forma que tem prevalecido nos jornais e na internet. (RAMOS, 2011, p. 95)

Figura 1 — Um exemplo de tira cômica com formato fixo.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 23.

A figura 1 é uma tira cômica com formato fixo (quadro retangular) pelo qual a sequência narrativa é desenvolvida, caracterizada pela brevidade. As personagens podem ser fixas ou não. Ramos (2011) alega que as estratégias textuais utilizadas na tira cômica são semelhantes às das piadas, para provocar efeito de humor (RAMOS, 2011).

Calvin estava martelando vários pregos sobre uma mesa, situação inicial marcada na primeira vinheta. A leitura é feita por meio dos signos icônicos: a onomatopeia “TAP TAP TAP”, correspondente ao som feito pelas batidas do martelo sobre a mesa. A mãe, ao ver a ação do filho, emitiu o grito de reprovação, juntamente com uma fala na forma de pergunta. Na terceira vinheta, *Calvin* interrompeu o que estava fazendo, depois de ser advertido pela mãe, e ficou olhando para seu feito. No final, respondeu à mãe de uma forma irônica e retórica, já que ele interpretou o questionamento e a advertência de forma literal. A reação do filho não era esperado pela mãe e provavelmente pelo leitor, contribuindo para o efeito de humor por meio da quebra da expectativa.

Na sequência, é apresentada uma tira cômica constituída por dois andares.

Figura 2 — Um exemplo de tira cômica de dois andares.



Fonte: Nik. Publicada em: 7 fev. 2013. Disponível em: <<http://kmtirinhasdomundogaturro.blogspot.com.br/2013/07/ele-e-o-exterminador-de-ratos.html>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

O cartunista argentino Nik propôs uma sequência narrativa, tendo em vista dois andares e quatro vinhetas, sob o título: *Ele é exterminador de ratos!* Na primeira vinheta, Gaturro é repreendido pela sua dona já que ele não caçava o rato que circulava pela casa. A perspectiva da tutora do animal de estimação está ligada à natureza da espécie felina: caçador de ratos para se alimentar. Gaturro, insatisfeito com a advertência, interrompeu sua leitura e pacientemente foi atrás do rato, como é possível observar por meio das linhas cinéticas e a onomatopeia presente na terceira vinheta. Mesmo ausente, subentende-se que se trata da movimentação do Gaturro.

A posição de sua dona com as mãos na cintura cria uma expectativa no leitor: a esperada captura do rato por Gaturro. Entretanto, na última vinheta, obteve-se um desfecho inesperado, Gaturro não matou o rato conforme solicitação de sua tutora, e sim cortou, fazendo uso de papel higiênico, longas orelhas para que o rato se parecesse com um coelho. A expressão de sua dona demonstra espanto e decepção pela atitude do gato. A quebra de expectativa por meio de um desfecho inesperado é responsável pela configuração do humor.

Em revistas em quadrinhos, as tiras cômicas podem aparecer dispostas na linha vertical.

Figura 3 — Um exemplo de tira em formato vertical.



Fonte: Maurício de Sousa, publicada em *Almanaque do Chico Bento*, n. 48, 2014. p. 82.

Em formato vertical, a tira cômica de Chico Bento, criação de Mauricio de Sousa, é composta por três vinhetas. O humor é revelado na última vinheta, quando Chico recebeu um

“coice” de Rosinha, por ter puxado seu “rabo de cavalo” (forma de penteado). Trata-se de um exemplo de produção de tira cômica em outro formato, mantendo a estrutura narrativa: temática atrelada ao humor a partir de um desfecho inesperado, em relação a construção de expectativa nas vinhetas anteriores à última.

Ramos (2011) ressalta que o cartunista pode optar por outras formas de construção das tiras cômicas, como se observa a seguir.

Figura 4 — Um exemplo de tira cômica produzida a partir de fotografias.



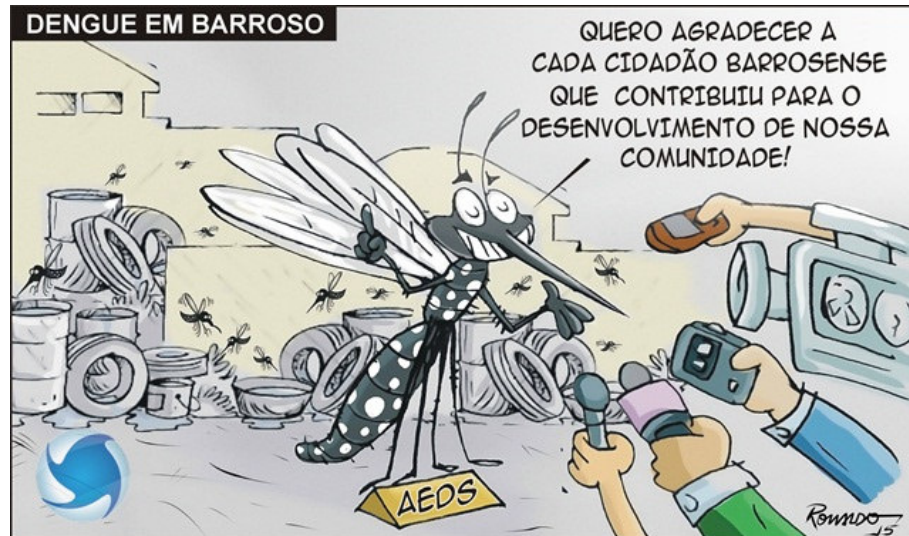
Fonte: Benett. Publicada em: 12 jul. 2001. Disponível em: <<http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

Ramos (2011) caracteriza a tira cômica como um gênero, geralmente representada por imagens desenhadas. As personagens são fixas ou não. Há presença de balões responsáveis pela interação verbal entre as personagens. E, por se tratar de tira cômica, tende a criar um desfecho inesperado.

É importante lembrar que algumas tiras apresentam títulos e nome do autor, outras não. Isso acontece porque muitas são compiladas em livros. Quando realizada a adaptação para o formato livro, retiram-se do topo esquerdo da tira o título e o nome do autor, uma vez que já constam na capa da obra.

A charge, segundo Ramos (2014), é um texto humorístico que aborda um fato ou tema relacionado ao noticiário. Ela recria um fato ficcional e estabelece relação com o noticiário, no caso, a epidemia de dengue.

Figura 5 — Um exemplo de charge.



Fonte: Rambo (2015). Disponível em: <<http://www.barrosoemdia.com.br/wp-content/uploads/DENGUE.jpg>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

Na charge (figura 5), refere-se a uma situação local e relata-se a falta de cuidado da população barrosense com a limpeza dos quintais, a qual colaborou com a proliferação do mosquito da dengue. Assim, a charge foi elaborada com o intuito de satirizar e, ao mesmo tempo, alertar a população para colaborar no combate ao mosquito, que é prejudicial à saúde da população. De uma forma humorística, o mosquito é personificado quando é entrevistado por repórteres. Ele se tornou uma celebridade em função da rápida proliferação motivada pelos descuidos dos moradores do bairro citado.

O chargista optou por trabalhar com cores, destacando o mosquito conforme sua cor original — preto e branco. Verifica-se a presença do texto verbal e não verbal e a ausência de balões. Os balões não são muito frequentes nas charges, mas podem aparecer, caso demonstre ser um recurso necessário para contribuir com o sentido proposto. O texto não verbal complementa a proposta apresentada na fala do mosquito, que aparece em entrevista agradecendo aos cidadãos barrosenses por contribuir com a proliferação do mosquito. A imagem de pneus, baldes, bacias e de vários mosquitinhos voando reafirmam o alerta à população para o que não deve ser feito.

Segundo Ramos (2011), como texto humorístico que faz uso dos recursos dos quadrinhos, a charge objetiva criticar de forma bem-humorada algum fato em discussão no noticiário jornalístico. Constitui um gênero vinculado à atualidade. Travaglia (2015, p. 71) define a charge como “um texto humorístico ligado quase invariavelmente à crítica social de um momento ou de uma ação de um ser identificável na sociedade”.

No exemplo (figura 5), identifica-se o humor devido ao fato de o mosquito, responsável pela doença, estar agradecendo à população por agir favoravelmente à proliferação do inseto ao invés de combatê-lo. Assim, o humor crítico está vinculado a um fato do noticiário, com vínculo temporal relacionado à atualidade: proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*.

Assim, a charge se configura como: humorística, caricatural, dissertativa e persuasiva. A charge, segundo Miani (2001), constitui-se de um instrumento de persuasão, intervindo no processo de definição política e ideológica do destinatário, por meio da representação humorística, criando um sentimento de adesão que pode culminar em um processo de mobilização. A charge expressa e transmite ideias, sentimentos e informações a respeito do assunto que está abordando. A charge em questão (figura 5) aborda o tema “dengue” e objetiva persuadir a população barrosense a cuidar de seu quintal, não permitindo alojar mosquitos, *Aedes aegyptis*, em seus quintais.

Muitas vezes, o gênero *cartum* é confundido com a charge, por compartilharem algumas características. Dentre as semelhanças, pode-se listar a presença de texto verbal e não verbal, humor, crítica ou reflexão a respeito de algo, o uso de uma ou mais vinhetas, a presença ou ausência de cor e balões. Quanto às diferenças, a charge está atrelada ao noticiário, estabelece uma relação dialógica com fatos atuais e contemporâneos ao momento de produção. Já o cartum não estabelece essa conexão com a atualidade, e sim com costumes e questões relacionadas ao humano, de forma desvinculado ao mesmo tempo da produção.

Figura 6 — Um exemplo de cartum.



Fonte: Alves (2006). Disponível em: <<http://www6.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/45/cartum/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

O cartum (figura 6) foi produzido com o objetivo de aproximar a Vigilância Sanitária (VISA) da população. Proporciona condições políticas, sociais e culturais favoráveis à

disseminação da informação, segundo o pressuposto ético de defesa e proteção da vida e à promoção à saúde. Produzido com ludicidade, interatividade e criticidade, o cartum questiona humoristicamente a forma inadequada de descarte do lixo hospitalar. O peixe está com agulhas introduzidas em seu corpo e, por isso, é questionado por seu amigo se está fazendo acupuntura. Esse procedimento consiste em um ramo da medicina chinesa tradicional que consiste em introduzir agulhas metálicas em pontos estratégicos para curar doenças ou funcionar como anestésico. Ele respondeu que, na verdade, as agulhas vieram do lixo hospitalar, um crime ambiental praticado por seres humanos inconsequentes.

No cartum, o humor é revelado a partir de uma situação corriqueira, ou seja, pela maneira como as personagens (peixes) se comunicam, personificando-as. Ao analisar o cartum, observa-se a presença de um texto narrativo, representado em uma única vinheta, com conteúdo crítico, na qual se evidencia a gravidade do ato que supostamente fora praticado por pessoas responsáveis pelo descarte do lixo hospitalar. O ato efetuado por essas pessoas é prejudicial ao meio ambiente.

A tira cômica, a charge e o cartum pertencem ao hipergênero *história em quadrinhos* (RAMOS, 2011; 2014). Na próxima subseção, são trazidos exemplos de recursos da linguagem dos quadrinhos comumente utilizados na tira cômica.

1.2 A TIRA CÔMICA E OS RECURSOS QUADRINÍSTICOS

Neste trabalho, como já dito anteriormente, a tira cômica constitui um gênero pertencente ao “guarda-chuva” (hipergênero) *histórias em quadrinhos*. (RAMOS, 2014). Sob tal “guarda-chuva”, os gêneros são narrativos e fazem uso da linguagem quadrinística. Esta tira cômica (figura 7) constitui um exemplo disso.

Figura 7 — Linguagem dos quadrinhos.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. A hora da vingança. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2009. p. 5.

Nessa tira cômica, é possível observar a presença de uma moldura que envolve a imagem. Segundo Cagnin (2014, p. 99), “sua função ultrapassa a simples representação geométrica (quadrangular, circular etc.) para se tornar signo ao englobar a imagem nos seus limites”, transformando o conjunto *moldura, imagem e linguagem* em unidade significativa, na linearidade narrativa.

Na figura 7, quatro vinhetas configuram a sequência narrativa denominada tira cômica. Somente na terceira, não há moldura, dando destaque ao final da construção da expectativa, nesse caso. Nota-se também o uso da linguagem verbal — representação da fala das personagens — expressa por meio dos balões, como se verifica no balão-fala na primeira, segunda e quarta vinheta. Na terceira, a fala da mãe de *Calvin* é expressa sem a presença do balão, apenas com apêndice voltado para sua boca, demonstrando ser ela quem fala. Dispensa-se o contorno do balão já que é possível inferir que ela está falando tendo em vista as vinhetas anteriores. O importante, nesse momento, é o uso do negrito em duas palavras — “**sério**” e “**agora**” — para indicar que a mãe está gritando.

As HQ representam aspectos da oralidade e reúnem os principais elementos narrativos, apresentados com o auxílio de convenções que compõem as características de sua linguagem. A linguagem verbal se manifesta por meio de diálogos, ideias, pensamentos, os quais geralmente acontecem no interior dos balões e manifestam as vozes das personagens (RAMOS, 2014; VERGUEIRO, 2014b). Ao realizar a leitura da tira cômica — compreendendo a linguagem dos quadrinhos — entende-se que a mãe de *Calvin* está muito brava, porque o garotinho está escondido e não a responde, quando chamado para tomar banho. Na fala final de *Calvin*, expressa na última vinheta, verifica-se o desfecho cômico, quando se nota que ele está em cima do telhado da casa, aguardando que a mãe se canse e pare de chamá-lo.

Ramos (2014) considera importante “fixar a ideia de que quadrinhos e literatura são linguagens diferentes” (RAMOS, 2014, p. 19). Chamar os quadrinhos de literatura pode ser entendido como a necessidade de procurar rótulos socialmente aceitos ou prestigiados pelo

meio acadêmico como argumento para justificar o gênero, o qual historicamente tenha sido visto de maneira pejorativa. O autor ressalta que “quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma” (RAMOS, 2014, p. 17). A autonomia pressupõe que existem mecanismos próprios para representar os elementos da narrativa.

Na figura 8, por exemplo, é possível observar como os elementos da linguagem dos quadrinhos são utilizados para a construção da sequência narrativa.

Figura 8 — O tempo narrativo.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Criaturas bizarras de outro planeta. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011, p. 9.

A tira cômica (figura 8) traz um agrupamento de cenas distribuídas em vinhetas, com cenários e personagens mobilizados para o desenvolvimento das ações. Identifica-se o local onde os fatos acontecem, a sequência de cenas que sugerem movimento e as personagens envolvidas na ação. No que diz respeito às características do gênero, verifica-se um texto

tendencialmente curto, com um desfecho inesperado, duas peculiaridades do gênero, como aponta Ramos (2014).

Também se nota (figura 8) quatro linhas ou andares, com oito vinhetas no total. Tal composição consiste em um exemplo de ruptura do padrão mais comum de construção da tira cômica. Mesmo assim, trata-se de uma tira cômica em função da organização narrativa em construção da expectativa e desfecho cômico (RAMOS, 2011).

As HQ não são a simples narração enquanto mimese. O tempo é “reproduzido pelas sucessões dos quadros, à medida que se vai lendo” (CAGNIN, 2014, p. 74). A história está disposta na tira de forma linear. Embora se tenha a visão geral de todas as vinhetas, a leitura vai caminhando conforme o leitor deseja. Segundo Cagnin (2014), uma mesma vinheta, à medida que a leitura desenvolve, passa por três tempos: passado (depois que foi lido), presente (no momento em que é lido) e futuro (enquanto não for lido).

O autor discorre sobre o tempo como época ou era, que pode ser informado pelos índices da própria imagem. O tempo astronômico — divisão do dia e noite — aparece com imagens de sol, lua e estrelas. Tem-se também a representação do tempo meteorológico, traduzido diretamente por figuras específicas, como neve caindo ou alojada no chão ou sobre os automóveis, como apresentado na figura 8. Os bonecos de neve feitos por *Calvin* e a presença de chapéu, toucas, luvas e agasalhos vestidos pelas personagens reafirmam o clima de inverno.

1.2.1 A tira cômica e os recursos quadrinísticos: balões

Segundo Cagnin (2014), os textos nos quadrinhos podem estar presentes: nos balões, nas legendas, nas onomatopeias e nos títulos das histórias. Acredita-se na importância de explicar cada um deles, pois entender suas funções e intenções colabora com a compreensão dos quadrinhos.

Os balões dos quadrinhos indicam o diálogo entre as personagens e induz o discurso direto na sequência narrativa, segundo Cagnin (2014). Para Eisner (2010), o balão é o recipiente do texto-diálogo proferido pelo emissor. Então, pode-se concluir que os balões estão representando a fala das personagens no discurso direto.

O balão tornou-se, também, imagem para representar as “diversas reações e emoções por que passa a personagem, formas metalinguísticas, portanto, como entonação da voz, o medo, o gaguejar, a raiva e tantos outros” (CAGNIN, 2014, p. 141). Enquanto o balão-fala representa o texto escrito do que a personagem fala, o balão-pensamento passa uma informação exclusiva ao leitor sobre o que ela está pensando.

Os exemplos seguintes pertencem às tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*.

Figura 9 — Balão-fala.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 20.

O balão-fala é o mais comum e expressivamente o mais neutro; possui contorno com traçado contínuo, reto ou curvilíneo; também é conhecido como balão de fala.

Figura 10 — Balão-pensamento.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 6.

O balão-pensamento pode apresentar o contorno ondulado, mas a característica principal é o apêndice em forma de bolhas; em muitos casos, o balão possui formato de uma nuvem, indicando o pensamento da personagem.

Além desses dois tipos convencionais adotados pelos cartunista e desenhistas, existem outros tipos de balões que expressam outras situações.

Figura 11 — Balão-cochicho.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 51.

O balão-cochicho apresenta linhas pontilhadas para representar que a personagem está falando em um tom de voz baixo, ou seja, a personagem *Haroldo* disse algo a *Calvin* em que não desejava ser ouvido por uma outra pessoa.

Figura 12 — Balão-berro.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 47.

O balão-berro apresenta as extremidades voltadas para fora como se fossem uma explosão, o que sugere um tão de voz alto.

Figura 13 — Balão-trêmulo.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Harold**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 125.

O balão-trêmulo apresenta as linhas tortas, sugerindo medo ou voz tenebrosa.

Figura 14 — Balão-de-linhas-quebradas.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Harold**. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 34.

O balão-de-linhas-quebradas é utilizado para indicar fala vinda de aparelhos eletrônicos.

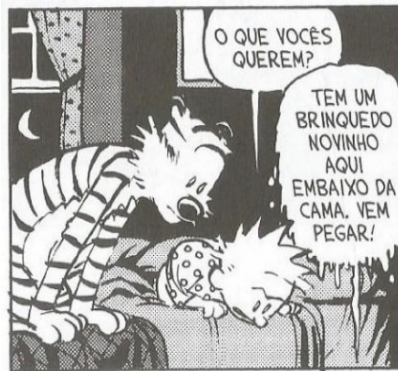
Figura 15 — Balão-vibrado.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Harold**. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 90.

O balão-vibrado procura representar a vibração de voz tremida.

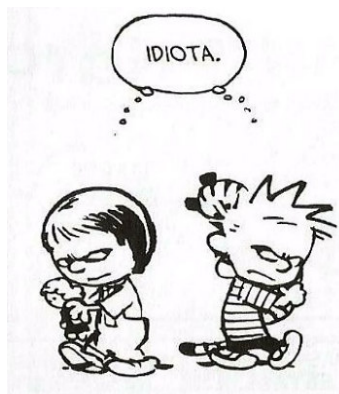
Figura 16 — Balão-glacial.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Harold**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 69.

O balão-glacial demonstra desprezo por alguém ou choro. É glacial devido à semelhança que apresenta com o gelo derretendo.

Figura 17 — Balão-uníssonos.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Harold**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 33.

O balão-uníssonos engloba a fala única de diversas personagens.

Figura 18 — Balões-duplos.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Harold**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 96.

Figura 19 — Balões-compostos.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 94.

O balão-duplo ou balão-composto é sugerido por Ramos (2014) por indicar mais que dois momentos de fala. A fala pertence a uma só personagem. Os balões estão ligados e informam que o discurso foi dividido por um breve silêncio. Cagnin (2014) também menciona os balões-intercalados, que, entre os dois globos, pode ser intercalada a fala de outra personagem.

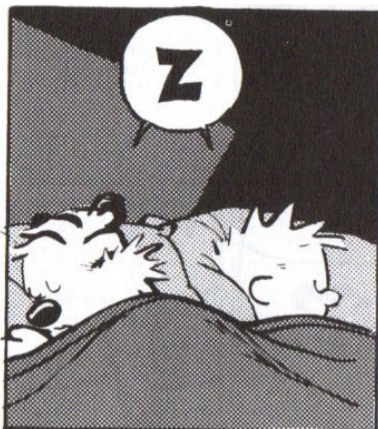
Figura 20 — Balão-zero ou ausência de balão.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 30.

O balão-zero ou ausência de balão é quando não há o contorno do balão. O apêndice pode estar presente ou não.

Figura 21 — Balão-mudo.

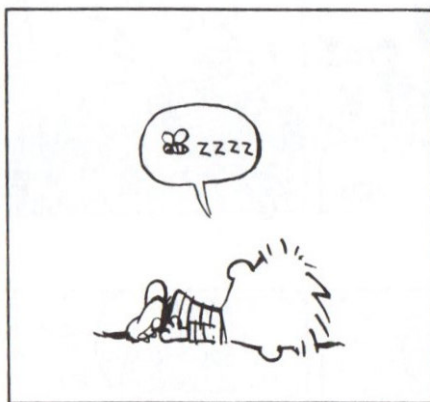


Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 69.

O balão-mudo não contém nenhuma fala, geralmente aparece com sinais diversos como pontos, letras, rabiscos.

As descrições feitas acerca dos balões foram pautadas nos estudos de Cagnin (2014). Ramos (2014), porém, pautado em Eguti (2001), traz mais três tipos diferentes de balões.

Figura 22 — Balão-sonho.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 8.

O balão-sonho mostra em imagem o conteúdo do sonho da personagem.

Os balões-especiais² ocorrem quando assumem a forma de uma figura e conotam o sentido visualmente representado. Pode ser contorno de coração.

² Balões-especiais não apresenta imagem porque não se encontra esse formato nas produções de Bill Watterson selecionadas para análise.

Figura 23 — Balão de apêndice cortado.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Harold**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 88.

O balão de apêndice entrecortado é usado para indicar a voz de um emissor que não aparece no quadrinho.

Verifica-se que as falas, gritos, pensamentos... das personagens estão representadas pelos balões e apêndices. Estes estão representados por uma “flecha” ou “bolha” indicada para a personagem responsável pelo discurso. Vale lembrar que, mesmos nos casos em que há ausência de balão, o apêndice se faz presente: “é raro encontrar um balão sem apêndice”, afirma Ramos (2014, p. 45).

1.2.2 A tira cômica e os recursos quadrinísticos: legenda e título

Os balões surgiram nos quadrinhos para substituir as velhas legendas das HQ. Essas legendas vinham nos pés das vinhetas, para narrar o que acontecia nas imagens. No entanto, o modelo americano inovou, substituindo as legendas pelos balões como representantes das falas e pensamentos das personagens. Apesar da inovação, as legendas não desapareceram dos quadrinhos, mas passaram a vestir outra roupagem.

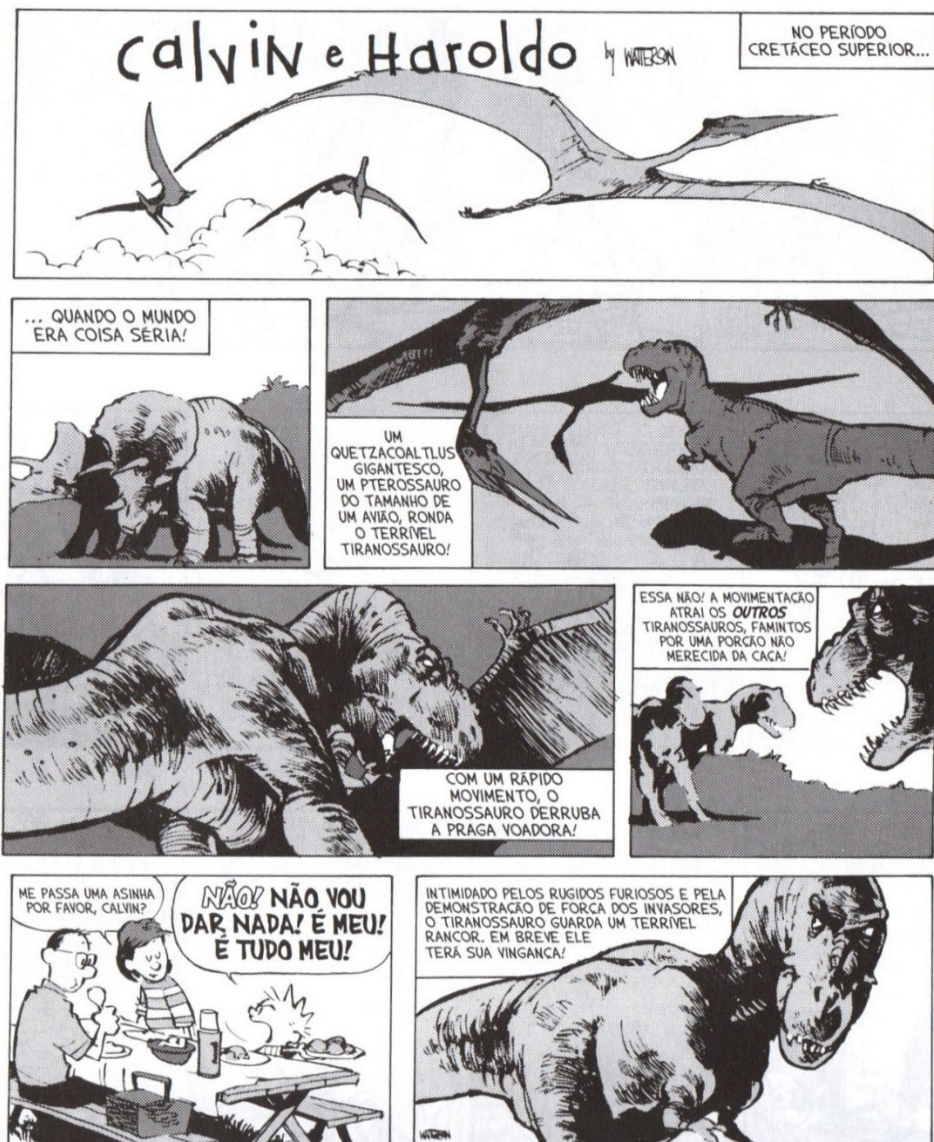
[...] um pequeno fragmento do discurso, sem outro objetivo senão o de fixação de um significado (o *ancrage* de Barthes), que não ficou claro na imagem ou no texto dos balões. Serve também de ligação com os diversos contextos que levam ao entendimento do texto e da imagem (CAGNIN, 2014, p. 157).

Observa-se que o autor entende o uso da legenda como um recurso acrescido às informações que não foram possíveis de transmitir nos diálogos entre os balões e as imagens. Vergueiro (2006) e Eguti (2001 *apud* RAMOS, 2014) apresentam leitura semelhante, o primeiro propõe que a legenda representa a voz do narrador onisciente e está localizada no canto superior do quadrinho, antes da fala das personagens. Pode ser a narração de alguém externo à

ação, marcada pelos verbos em terceira pessoa e narrador onisciente, ideia defendida por Eguti (2001). Ramos (2014) revela que pode aparecer também a voz do narrador-personagem, pois é comum, em algumas histórias, o aparecimento do rosto da personagem “geralmente fazendo menção a um fato no passado” (RAMOS, 2014, p. 50).

Compartilha-se com a leitura de Ramos (2014), ao afirmar que o texto apresentado na legenda, representa também a voz do narrador-personagem. Vergueiro (2014b, p. 62) acrescenta uma ressalva acerca da localização: a legenda encontra-se no canto superior do quadrinho, porém se observa que ela não tem uma localização específica. Pode localizar-se tanto no canto superior, no canto inferior ou mesmo centralizado.

Figura 24 — Uso da legenda.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 10.

Essa tira cômica se inicia com o título *Calvin e Haroldo*. Para Cagnin (2014), o título da história representa a voz do narrador para um leitor, enquanto legenda representa a voz do narrador iniciando a tira na primeira linha, em uma única vinheta: “No período Cretáceo superior...” Junto à legenda, identifica-se a imagem de três pterossauros que, segundo a história, viveram na Era Mesozoica, conhecida como a era dos grandes répteis. O período Cretáceo que o narrador faz referência é o último período da Era Mesozoica, o qual está mais próximo da atualidade.

A linha seguinte está dividida em duas vinhetas: a primeira traz a imagem de tricerátops com a legenda (“... quando o mundo era coisa séria!”), enquanto a segunda (“Um quetzacoaltlus gigantesco, um pterossauro do tamanho de um avião, ronda o terrível tiranossauro!”) apresenta a imagem de um tiranossauro rex, sendo vigiado por um pterossauro. A imagem destaca parte do corpo do pterossauro, que voou em direção do tiranossauro, pois a sombra do animal marcada no chão demonstra que a caça está sendo realizada durante o dia e também confirma a direção seguida pelo réptil.

Na primeira vinheta da terceira linha, há a comprovação da expectativa dada pela imagem anterior. Nela, verifica-se que o tiranossauro foi mais veloz que o pterossauro; e, com agilidade, abocanhou o animal, ação que é confirmada pela legenda “com um rápido movimento o tiranossauro derruba a praga voadora!”. Na parte superior à direita da próxima vinheta, tem-se: “Essa não! A movimentação atrai os **outros** tiranossauros, famintos por uma porção não merecida da caça!” Até esse momento, a imagem e a legenda confirmam um conflito entre os animais, mas o desfecho ainda não é revelado.

O mais interessante é a imagem que surge na primeira vinheta da quarta linha, quando se apresenta *Calvin* e seus pais sentados à mesa, provavelmente fazendo um piquenique, pois é o que propõe a imagem da cesta sobre o banco. Nessa vinheta, há um diálogo representado pelo balão-fala entre *Calvin* e sua mãe.

Ao se ler esse diálogo, é possível afirmar que o narrador representado na legenda é *Calvin*, pois ela faz parte de uma narrativa pertencente ao mundo fantasioso de *Calvin*. Assim, confirma-se a leitura de Ramos (2014), quando afirma que o narrador pode ser onisciente e também personagem.

A mãe de *Calvin* solicitou que ele passasse a asinha. *Calvin* pegou o prato subitamente e se negou em passar a asinha para mãe e, ainda, disse ser tudo dele. Sua expressão facial é bastante representativa, revelando o quanto ficou insultado com o pedido da mãe. Sua boca aberta e as letras negritadas mostram que a resposta saiu em tom áspero, o que vem ser

reafirmado com a expressão facial do pai e da mãe. O pai pareceu estarecido com a postura do filho, enquanto que a mãe expressou reprovação acerca da atitude egoísta do garoto.

Na última vinheta, confirma-se a expectativa inicial denotada pela tira cômica. A imagem do temido tiranossauro rex, com olhar furioso expressando sua indignação por ter que repartir a caça com aqueles que não fizeram por merecer, segue com a legenda: “Intimidados pelos rugidos furiosos e pela demonstração de força dos invasores, o tiranossauro guarda um terrível rancor. Em breve ele terá sua vingança!”.

Ao final da tira, pode-se inferir que toda a narrativa realizada por meio da legenda faz parte da imaginação fantasiosa de *Calvin*, o qual o coloca como o temido tiranossauro. Dividiu a comida porque os que o enfrentava eram tão, ou mais, temidos que ele.

A legenda apresentada na figura 25 aparece contornada, no entanto salienta Ramos (2014) que ela pode aparecer sem signo de contorno. Quando isso acontece, recebe o nome de legenda-zero. O autor também entende que o recordatório e a nota de rodapé aparecem nas HQ em legendas. O recordatório é utilizado na tira seriada para sintetizar a ação representada na tira anterior. E a nota de rodapé é usada para explicar o significado de uma palavra que pode não estar claro ao leitor. Como exemplo de legenda como nota de rodapé, tem-se as histórias de aventura de *Asterix e Obelix*. Nas revistas de super-heróis, a legenda é representada pela voz do editor para relembrar o leitor sobre o que está ocorrendo.

Segundo Cagnin (2014), os títulos das HQ apresentam a narração feita pelo narrador (autor), por isso as letras fazem parte desse conjunto e devem ser bem trabalhadas e dispostas harmoniosamente com os elementos dos quadrinhos. Alguns cartunistas optam pela forma única ou variável. A forma única é como um prefixo ou carimbo, ou seja, é a marca registrada do cartunista, a qual se repete sempre da mesma forma nos capítulos e nas histórias dos seriados semanais ou dominicais e nas tiras diárias. Caso exista subtítulo, apresenta-se variável. Os títulos variáveis são traçados com letras grandes e elegantes, podem apresentar uma espécie de alegoria com o herói e a personagem, resultando em uma arte exuberante e significativa.

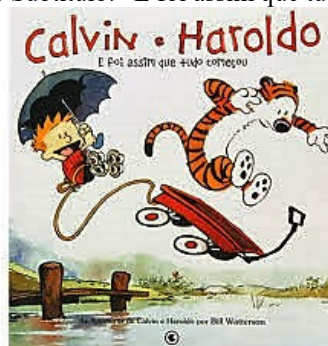
Um dos objetos de estudo, neste trabalho, são sete álbuns de *Calvin e Haroldo*, uma criação de Bill Watterson. Cada álbum, suporte que contempla o objeto de estudo, apresenta um título relacionado com a temática que se faz presente no decorrer das narrativas. Vale lembrar que a capa foi confeccionada num papel grosso e com imagem colorida. Segue-se a apresentação gráfica das capas de abertura deste objeto de estudo.

Figura 25 — Os 7 álbuns de *Calvin e Haroldo*.



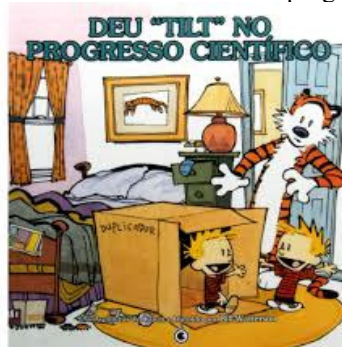
Fonte: Capas das antologias. Disponível em: <<https://www.americanas.com.br/busca/calvin-e-haroldo-box-7-volumes>>. Acesso em: 12 de fev. 2016.

Figura 26 — Título: *Calvin e Haroldo* e Subtítulo: “E foi assim que tudo começou”.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

Figura 27 — Título: *Calvin e Haroldo* e Subtítulo: “Deu ‘Tilt’ no progresso científico”.



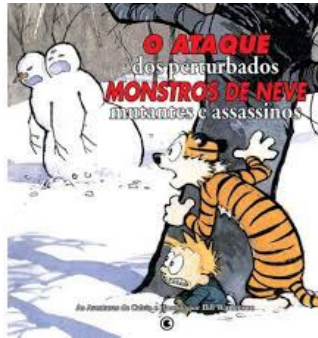
Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Deu “Tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009.

Figura 28 — Título: *Calvin e Haroldo* e subtítulo “A hora da vingança”.



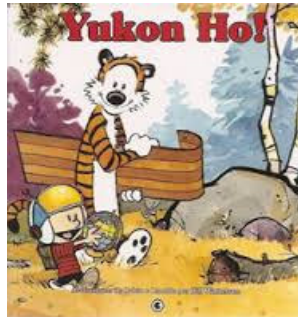
Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. A hora da vingança. São Paulo: Conrad, 2009.

Figura 29 — Título: *Calvin e Haroldo* e subtítulo “O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos”.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo:** O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo, Conrad, 2010.

Figura 30 — Título: *Calvin e Haroldo* e subtítulo “Yukon Ho!”.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo.** Yukon Ho! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

Figura 31 — Título *Calvin e Haroldo* e subtítulo “Criaturas bizarras de outro planeta!”.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo.** Criaturas bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011.

Figura 32 — Título *Calvin e Haroldo* e subtítulo “Tem alguma coisa babando embaixo da cama”.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo.** Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

As imagens demonstram as capas dos álbuns com seus respectivos títulos, os quais são classificados como variáveis, porque mudam de um álbum para o outro. Vale ressaltar que o interior de cada álbum traz uma coletânea de tiras cômicas produzidas por Bill Watterson, as quais foram primeiramente publicadas nos jornais americanos. Retomando ao título, que é foco de análise neste momento, observa-se o nome dado à primeira coleção de Watterson (2010) “*Calvin e Haroldo: E foi assim que tudo começou*”. O subtítulo do álbum “*As aventuras de Calvin e Haroldo por Bill Watterson*” fica no rodapé da página e depois se seguem as tiras sem nenhum novo título. Isso difere a primeira obra das demais, uma vez que as publicações posteriores trazem título, subtítulo e também um título único na abertura de cada coletânea de tiras, conforme demonstrado na figura 33. Nota-se que a tira se inicia com o nome: *Calvin e Haroldo*, escrito em letras garrafais e, logo embaixo e centralizado, a assinatura do cartunista, produtor da tira.

Figura 33 — *Calvin e Haroldo*: título de forma única.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Deu “tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad: 2009, p. 5.

A imagem de *Calvin* é específica dessa tira, o que não muda é o título e a forma como ele está disposto. Esse título segue o que afirma Cagnin (2014): ele se repete sempre da mesma forma, funciona como uma espécie de carimbo ou prefixo. Ramos (2011) esclarece que:

as tiras cômicas podem ser apresentadas de diferentes maneiras ao leitor. A começar pelo formato. Há livros que compilam tiras produzidas anteriormente na internet ou em jornais. No caso destes, a adaptação retirada de cima da tira o título e o nome do autor, informações que já constam na capa da obra. Não deixam, por causa disso, de construir o gênero tira cômica aos olhos do autor, do leitor e do editor da obra (RAMOS, 2011, p. 101).

As tiras cômicas, objeto deste estudo, foram compiladas em sete volumes, dos quais foram selecionadas algumas tiras cômicas para análise. A escolha não se deu de forma aleatória, pois o objetivo foi fazer com que os alunos conhecessem a coletânea, os temas abordados pelo autor, para ter condições de optar pela seleção de textos que foram analisados.

1.2.3 A tira cômica e os recursos quadrinísticos: letras

A letra mais utilizada nos quadrinhos é a de forma tradicional, escrita de maneira linear, sem negrito e predominantemente na cor preta. Ela indica uma expressividade neutra, no entanto a letra que foge a esse padrão certamente objetiva a expressão de algo diferente. Nesse caso, a letra passa a agregar sentidos que são condizentes com o contexto da narrativa. Segundo Cagnin (2014), os textos dos balões podem ser escritos à mão por um letrista competente. Mesmo com a produção realizada por equipes e por computador “tenta-se preservar a tradição evitando escrever o texto com caracteres tipográficos” (CAGNIN, 2014, p. 151). Dessa forma, a intencionalidade está também na apresentação das letras escolhidas.

Figura 34 — Valor expressivo da letra.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 8.

Na tira cômica (figura 34), observa-se que as letras apresentam um valor bastante expressivo. Na primeira vinheta, verifica-se, ao fundo da imagem das personagens, a onomatopeia “**BLAM**” em letras garrafais e negrito, bem como em letras garrafais, porém sem negrito e em tamanho um pouco menor. Tudo isso para indicar o som de passos de alguém que se aproximava, ora em uma tonalidade mais alta (**BLAM** em negrito), ora num som mais suave ou em uma tonalidade mais baixa (BLAM sem negrito). Assim, percebe-se que as letras carregam um valor significativo durante a leitura dos quadrinhos.

Figura 35 — Valor expressivo da letra em negrito.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 11.

O negrito pode sugerir tom de voz mais alto, para destacar algo ou para demonstrar emoção. A palavra “**NÃO!**” em letras garrafais e negrito demonstra que *Calvin* está gritando, enquanto a imagem de *Calvin* com a mão nos olhos e a boca bem aberta que está gritando. Verifica-se a presença dos elementos gráficos (negrito e tamanho da letra) em combinação com as falas, na intenção de complementar o sentido do texto. Na segunda vinheta, a palavra aparece menor e repetitivamente. Não há balão, mas novamente a imagem mostra a boca aberta de *Calvin* que está sendo carregado pela mãe, com expressão bastante séria e convicta de sua ação.

No desfecho, última vinheta, o leitor fica sabendo que todo aquele escândalo provocado por *Calvin* se deu pelo motivo de não querer tomar banho. O diálogo entre os pais foi tranquilo. O pai perguntou o motivo do escândalo de *Calvin* e a mãe respondeu, calmamente e sem se incomodar com o escândalo feito, que ele não queria tomar. Por isso, as letras aparecem sem efeito diferenciado.

Figura 36 — Valor expressivo do formato da letra.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 91.

Para Eguti (2001 apud RAMOS, 2014), a palavra com o recurso do negrito serve para dar destaque a determinado termo ou expressão, não precisando necessariamente indicar tom mais de voz em volume mais elevado. Tal recurso pode ser observado na figura 36. Na última vinheta, todas as palavras aparecem em letras garrafais e apenas a palavra **ARREPENDI** está negritada. Assim, entende-se que *Calvin* está dando ênfase ao seu arrependimento.

O formato da letra também pode ser usado para representar características da personagem ou da nacionalidade dela, ressalta Ramos (2014). Nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, verifica-se que todas as falas da personagem *Moe* aparecem em negrito e com uma fonte diferenciada do restante das personagens. Pode-se inferir que o cartunista diferencia as letras que representam a fala dessa personagem porque suas características também se destoam das outras personagens. *Moe* é uma criança grande em relação a Calvin e Susie, não gosta muito de estudar. Mas adora se impor perante Calvin, tirando proveito de sua estrutura física. Na figura 37, evidencia-se o recurso utilizado pelo cartunista nas falas de *Moe*.

Figura 37 — Valor expressivo da letra diferenciada.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 47.

A letra diferenciada pode indicar mudança de voz. *Calvin* está fingindo ser um robô. A letra é representada de forma diferenciada da fala de sua mãe, conforme expressa na tira de *Calvin e Haroldo* (figura 38).

Figura 38 — Valor expressivo da letra diferenciada – robotizada.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Criatura bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011, p. 101.

O tipo de letra pode representar a linguagem escrita do quadrinho. Na tira que segue (figura 39), verifica-se *Calvin* escrevendo uma carta à sua avó em agradecimento ao presente que recebeu de natal.

Figura 39 — Valor expressivo da letra escrita.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010, p. 82.

Além de escrita realizada pela personagem, tem-se a escrita de um livro que está sendo lido pelo pai de *Calvin*. Nesse caso, a letra da leitura de livro também se apresenta de forma diferenciada.

Figura 40 — Valor expressivo da letra durante a leitura.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 6.

A análise das tiras cômicas, tomando por base a utilização de letras, perpassa por interpretações possíveis decorrentes do conhecimento de cada leitor e de acordo com o contexto em que está inserida.

Por se tratar de uma arte realizada por Bill Watterson, é importante esclarecer como o cartunista produziu suas tiras cômicas. O autor diz fazer uso de pincel e tinta nanquim à prova d'água, em papel *bristol* da marca *Strathmore*. O letreiro é feito com uma caneta tinteiro *Radiograph*, caneta bico de pena, quando precisa de traços mais finos. Assim, verifica-se que o criador evita o uso de tecnologias ligadas ao computador.

1.2.4 A tira cômica e os recursos quadrinísticos: representação dos sons pelas onomatopeias

Para dar vida e aproximar a escrita da linguagem falada, a arte dos quadrinhos, utiliza as onomatopeias: “a palavra cuja pronúncia imita os sons e ruídos da coisa significada, como murmúrio, sussurro, cicio, chiado, mugir, pum, reco-reco, tique-taque” (CAGNIN, 2014, p. 155). Vale lembrar que não é a representação real do som, e sim uma tentativa de imitá-lo. Mesmo cartunistas brasileiros trabalhando na criação de onomatopeias com a “cara” do vernáculo, Cagnin (2014) diz que, muitas vezes, as onomatopeias são palavras oriundas da língua inglesa, pois a importância é atribuída ao som que o grafema expressa e não com o significado propriamente dito da palavra. Para Vergueiro (2014b), as onomatopeias variam de país a país, de acordo com seu idioma.

Figura 41 — Som da martelada na mesa.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 23.

Figura 42 — Som da bola de neve acertando Calvin.



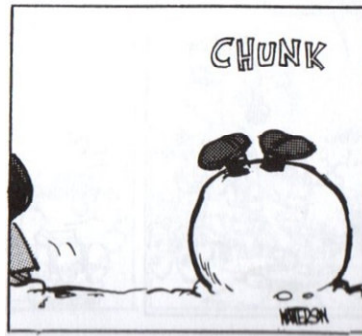
Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 45.

Figura 43 — Som da campainha.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010, p. 30.

Figura 44 — Som de Calvin sendo arremessado na bola de neve.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 27.

Figura 45 — Som do secador de cabelo ligado.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 57.

Figura 46 — Som de Calvin tomando refrigerante.



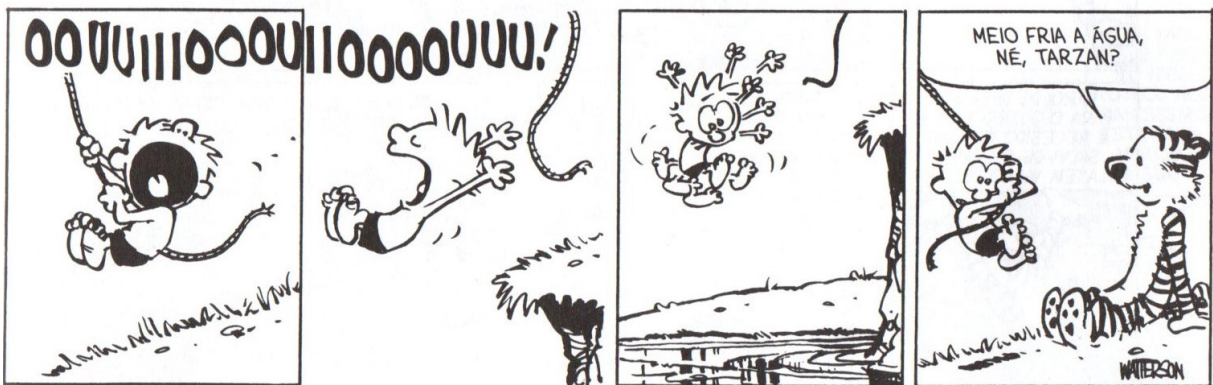
Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 97.

As onomatopeias encontradas nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo* e em outros gêneros quadrinísticos cumprem um papel muito importante, pois, por meio de inferências, favorecem a construção dos sentidos.

1.2.5 A tira cômica e os recursos quadrinísticos: ideias de movimento por meio das linhas cinéticas

A ideia de movimento é sugerida pelas imagens e por outros recursos, havendo, muitas vezes, acúmulo de funções. As expressões faciais e as metáforas visuais se somam, por exemplo, aos gestos das personagens e à postura do corpo. Na figura 47, em que *Calvin* estava fingindo ser Tarzan, verifica-se o quanto a imagem é expressiva e importante para atribuir sentido à tira cômica.

Figura 47 — Brincando de Tarzan.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 7.

Após a leitura (figura 47), nota-se a presença da onomatopeia representando o grito de Calvin, semelhante ao do Tarzan. As letras estão servindo de apoio à corda que *Calvin* estava apoiado. Na primeira vinheta, próxima à boca de *Calvin*, identifica-se três risquinhos, denominadas linhas cinéticas, as quais são responsáveis por indicar movimento. Na imagem, observa-se o movimento do balanço que *Calvin* realizava quando pendurado na corda. As linhas cinéticas se fazem presente na segunda e terceira vinhetas e cumprem o propósito de indicar movimento da personagem que balançava e caía na água fria, segundo o texto verbalizado por Haroldo.

1.3 BILL WATTERSON E AS TIRAS CÔMICAS DE *CALVIN E HAROLDO*

Há três décadas, o menino e o tigre caíram nas graças da população americana, propriamente, no dia 18 de novembro de 1985, quando Bill Watterson publicou sua primeira tira cômica, em alguns jornais americanos. Um ano depois, o jornal *O Estadão* passou a publicar as tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*.

Depois de dez anos, *Calvin e Haroldo* eram sucesso editorial no suporte *livro*, as coletâneas das tiras de Bill Watterson, e em jornais de vários países. Watterson, cartunista conservador e que sempre se recusou a licenciar a reprodução de *Calvin e Haroldo* em outro produto, anunciou em uma carta enviada aos jornais que deixaria de produzir as tiras de quadrinhos, maneira denominada pelo próprio autor.

Pouco antes, Watterson havia lançado o livro *Calvin e Haroldo: o livro do décimo aniversário*, em 1995, uma obra que explica a gênese, o perfil e as características de cada personagem das histórias. As primeiras vinte e duas páginas do álbum estão recheadas de textos produzidos pelo próprio cartunista, explicando o mercado estadunidense dos quadrinhos que se apresentava em transição. Critica a ideia de licenciamento alegando que as tiras podem se transformar em uma “mina de ouro” em produtos derivados, como canecas, bonecos, camisetas, entre outros objetos que podem apresentar a estampa das personagens. Watterson se opunha a tudo isso: “quanto mais ouço falar em licenciamento, menos gosto da ideia” (WATTERSON, 2013, p. 10). Justifica por que aceitou o período sabático, pois estava exaurido e incomodado por causa das brigas envolvendo o licenciamento.

Sobre a tira dominical, Watterson (2013) se queixou da arbitrariedade do jornal em deixar um espaço e formato que não favorecia adequadamente o desenvolvimento do enredo das tiras de *Calvin e Haroldo* e encerrou contando as origens de suas personagens: *Calvin*, seus pais, *Haroldo*, *Susie*, *Rosalyn* e *Moe*. Na sequência, são descritas as personagens produzidas por Watterson.

Figura 48a — *Calvin*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 16.

Calvin recebeu esse nome por causa de *Calvino*, um teólogo do século XVI que acreditava em predestinação. A maioria das pessoas acha que *Calvin* é baseado em um filho de Watterson ou em sua infância. Mas, na verdade, o quadrinista não teve filhos e, durante sua infância, foi uma criança tranquila e obediente. Watterson assume que *Calvin* se parece com ele enquanto adulto, pois “muitas das afirmações e metáforas de *Calvin* são minhas”. (WATTERSON, 2013, p. 21).

Figura 49a — *Haroldo*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 16.

Haroldo (*Hobbes*, no original) tem esse nome por causa de um filósofo do século XVII cuja visão da natureza humana era pessimista e possuía a dignidade, a paciência e o bom senso da maioria dos animais que conhecia. *Haroldo* foi inspirado em grande parte em uma gatinha de estimação de Watterson, chamada Sprite. Além de ser longilínea e ter o rosto largo como o de *Haroldo*, ela também foi o modelo para a responsabilidade dele. Apesar de *Haroldo* apresentar um comportamento humanizado pelo fato de andar sobre duas pernas e falar, seu lado felino é preservado em suas características físicas e em seu comportamento. “*Haroldo* é muito mais uma referência ao caráter subjetivo da realidade do que um boneco que ganha vida” (WATTERSON, 2013, p. 21).

Figura 50a — Os pais de *Calvin*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 85.

Os pais de *Calvin* são assim referidos nas tiras, pois eles são importantes apenas pelo papel que executam. Ele só aparecem como coadjuvantes, ou seja, só reagem a algo que *Calvin* faz. São personagens realistas, apresentam uma boa dose de humor por ter um filho como *Calvin*.

Figura 51a — *Susie Derkins*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 27.

Susie Derkins é uma menina boazinha, séria e inteligente. *Calvin* e *Susie* apresentam uma relação de amor e ódio. Parece que *Calvin* gosta de *Susie* e tenta expressar isso fazendo coisas irritantes, mas ela não se deixa abalar e acaba conseguindo lidar com as esquisitices dele.

Figura 52a — Senhora *Wormwood*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 28.

A *Senhora Wormwood*, a professora de Calvin, tem esse nome por causa do aprendiz de diabo em *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis. Ela está prestes a se aposentar, fuma demais e toma uma poção de remédios, leva muito a sério o valor da educação e não parece ser uma pessoa feliz.

Figura 53 — *Moe*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 76.

Moe é grandalhão, feio, cruel e demonstra pouca inteligência. Está sempre usando da força de forma ameaçadora para conseguir o que precisa.

Figura 54a: *Rosalyn*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Deu “tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009, p. 91.

Rosalyn é baba de *Calvin* e, provavelmente, é a única pessoa de quem tem medo. Ela parece explorar os pais de *Calvin*, aproveitando-se do desespero deles para exigir adiantamentos e aumentos.

Neste trabalho, sete álbuns (2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011), coletâneas das tiras cômica, são objeto de estudo, todos publicados pela editora Conrad no Brasil. A escolha se efetuou após o conhecimento desse grande cartunista que, durante uma década de produção, defendeu com muita veemência seus ideais, pois acreditava no seu trabalho e queria ter liberdade para realizá-lo. Não estava interessado em lucrar com seu trabalho, e sim em atender seu público fazendo o que mais gostava.

Watterson era criterioso na produção de suas tiras cômicas, anotava suas ideias em um caderno escolar comum e depois passava um bom tempo remexendo no texto, tentando encontrar a forma mais precisa de dizer as coisas. Escrevia a lápis e usava a borracha com frequência. Quando a ideia tomava forma, Watterson esboçava o desenho da tira com o intuito de marcar a fala de suas personagens; depois disso, revisava esse esboço durante dias: “muitas vezes o texto precisa ser melhorado, e em certos casos eu reformulo completamente a coisa toda” (WATTERSON, 2013, p. 20). O autor dizia elaborar umas trinta tiras cômicas, entregava à sua esposa para uma revisão criteriosa. E assim, ele relia e descartava aquelas que considerava mais fracas. Fazia a arte final daquelas de que mais gostou.

Conhecendo um pouco desse grande cartunista e de sua produção, considera-se a concretização de uma proposta de trabalho que pudesse proporcionar aos alunos que estavam

ingressando no Ensino Fundamental II um pouco de conhecimento acerca da linguagem dos quadrinhos e, principalmente, do humor representado nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*.

No decorrer da análise do objeto de estudo, deparou-se com várias temáticas, por exemplo: *Calvin* em conflito escolar, *Calvin* em conflito com seus pais, *Calvin* em conflito com a comida, *Calvin* em conflito com a babá, *Calvin* em conflito com *Susie*, *Calvin* com medo de monstros, *Calvin* sofrendo *bullying* de *Moe* na escola, *Calvin* viajando no espaço, entre outras que foram criteriosamente abordadas pelo seu produtor.

Ao experimentar a turma, não se teve dúvidas na escolha da temática. Por se tratar de uma turma heterogênea, com alunos mais imaturos e alunos menos imaturos e por se considerar os documentos oficiais produzidos pelo Ministério da Educação (MEC) — os chamados *Cadernos temáticos: gênero e diversidade sexual* (BRASIL, 2007) — optou-se por trabalhar com questões relacionadas aos momentos conflitantes, vivenciados por *Calvin* e *Susie*. Esclarece-se ainda que, ao se falar em gênero, não se discute apenas macho ou fêmea, e sim de masculino e feminino, em diversas e dinâmicas masculinidades e feminilidades.

Gênero, portanto, remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configuração de identidades, definições de papéis e funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes distribuições de recursos e de poder e estabelecimento e alteração de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres e o que é — e o que não é — considerado de homem ou de mulher, nas diferentes sociedades e ao longo do tempo (CADERNOS CECAD, 2007, p. 16).

A abordagem dessa temática não teve a intenção de disciplinar ou de doutrinar os alunos, e sim de problematizar questões, desenvolvendo a capacidade e a curiosidade acerca da construção social do saber em relação aos direitos humanos. A temática também se justifica por causa das características peculiares de *Calvin*: uma criança de seis anos, que, muitas vezes, apresenta reflexões curiosas a respeito do mundo que o cerca. Assim, com o intuito de conhecer um pouco mais dessa personagem que, em pouco tempo, conquistou o mundo, são narradas na sequência, algumas informações sobre esse garotinho e seu inseparável amigo — *Haroldo*.

1.3.1 Alguns olhares sobre *Calvin e Haroldo*

Calvin e Haroldo é uma criação de Bill Watterson. É possível chamá-lo de autobiográfico de Watterson em sua idade adulta, pois o autor diz ter sido uma criança tranquila e obediente, o oposto de *Calvin*.

Calvin é um garoto de seis anos de idade e demonstra bastante criticidade para sua idade, o que é possível observar na tira cômica seguinte.

Figura 55 — O pedido de *Calvin* ao pai.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 12.

Haroldo é o amigo inseparável de *Calvin*. Durante as narrativas, os dois se divertem muito. O tigre se comporta como um grande companheiro e conselheiro do garoto que adora aprontar. Quando os dois estão sozinhos, *Haroldo* é personificado e humanizado por *Calvin*. Quando há mais pessoas presentes nas narrativas, como os pais de *Calvin*, *Susie* ou qualquer outra personagem que faz parte do elenco, o tigre passa a ser representado como um bicho de pelúcia. A tira que se segue comprova as afirmações anteriores (figura 56).

Figura 56 — *Calvin e Haroldo*: amigos inseparáveis.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 19.

Observa-se que, na primeira vinheta, *Haroldo* aparece como um bicho de pelúcia atrás de *Calvin*, porque a mãe de *Calvin* estava presente na cena. Na segunda vinheta, não é possível visualizar a mãe de *Calvin*, mas o balão-fala com apêndice indicado para a primeira vinheta demonstra que a mãe, apesar de estar oculta na vinheta, ainda se fazia presente na cena. Na terceira vinheta, *Calvin* já estava saindo de casa com *Haroldo*, a mãe apontava a cabeça pela porta, preocupada com o filho que estava levando o bicho para a escola, pois ela temia que ele fosse gozado por seus amigos. *Calvin* não se importava com o que a mãe disse e seguiu com seu amigo. Quando a mãe já não se fazia presente, os dois sentaram no chão e *Haroldo* tomou a forma humanizada enquanto dialogava com o amigo.

Na primeira, segunda e terceira vinhetas, os traços do tigre são parecidos com um bicho de pelúcia; sua imagem não expressa vida nem movimento. O rosto apresenta-se imóvel e as patas são arredondadas. Na última vinheta, no qual *Haroldo* é personificado, é possível identificar movimento e vida na personagem, pois o balão-fala com apêndice voltado para ele complementa essa ideia. Seu rosto apresenta expressão de nojo com a língua para fora e as mãos, não mais patas, na barriga justificam a humanização do amigo inseparável de *Calvin*.

Calvin é um garoto impaciente que gosta das coisas sempre à sua maneira. Seus pais faziam o maior esforço para discipliná-lo, mas, muitas vezes, precisavam ceder um pouco.

Figura 57 — Hora da história.



Fonte: Watterson, Bill. *Calvin e Haroldo*. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 6.

Na tira cômica em questão (figura 57), *Calvin* estava argumentando com o pai, porque queria que ele lhe contasse uma história para dormir. Mesmo atarefado, o pai decidiu atender ao pedido insistente do filho. A narrativa elaborada pelo pai apresentava *Calvin* como protagonista com um desfecho nada agradável. *Calvin* confidenciou ao amigo que não gostou “dessa história com moral”.

Com as tiras cômicas abordadas, nesta subseção, foi possível conhecer um pouco da criação e das personagens criadas por Watterson. No próximo capítulo, são apresentados alguns aspectos sobre o humor, uma das características fundantes da tira cômica.

CAPÍTULO 2

UMA REFLEXÃO ACERCA DO HUMOR

Neste capítulo, serão abordados alguns aspectos sobre o humor, segundo Bergson (1983), Propp (1992) e Magalhães (2010). E sobre o humor nos quadrinhos, ampara-se nas reflexões de Lins (2002), Innocente (2005) e Ramos (2009; 2011; 2015).

2.1 ALGUNS ASPECTOS SOBRE O HUMOR

Na tentativa de descrever o humor, Henri Bergson³ (1983) foi procurar na farsa, na arte do palhaço, no dito picaresco e no jogo de palavras, os métodos de fabricação do cômico e percebeu que a comicidade é inerente ao ser humano, pois “não há comicidade fora do que é propriamente humano” (BERGSON, 1983, p. 12). O homem é tanto um animal que ri como aquele que faz rir. Mas, para que uma situação seja vista como engraçada, o “riso deve ter uma significação com a sociedade” (BERGSON, 1983, p. 14), podendo corresponder a certas exigências da vida em sociedade.

O riso precisa de eco — algo que se configura na interação humana. Por isso, não existe na ausência do ser humano, o que se explica o humor como um fenômeno social. Segundo o autor, o riso é causado pelo desajeitamento, ou seja, “não é, pois, a mudança brusca de atitude o que causa riso, mas o que há de involuntário na mudança, é o desajeitamento” (BERGSON, 1983, p. 14).

Há situações nas quais ocorrem com o ser humano de forma involuntária, por exemplo, tropeçar e cair. Isso pode ser fatos geradores de riso para alguns e para outros não, pois o ato não foi gerado com a intenção de fazer o outro rir. No entanto, há situações criadas com objetivo de causar riso em algumas pessoas. A arte reconhecida no palhaço é criada para fazer o outro rir. Com trapalhadas, tropeços, tombos, o palhaço empenha-se para fazer a plateia vibrar em gargalhadas.

Assim, entende-se que há situações em que o riso é provocado de forma involuntária e, em outros momentos, de forma proposital. Bergson (1983) explica que a única diferença nos dois casos é: na primeira situação, o riso é espontâneo e, na segunda, é produzido artificialmente.

³ *O riso: ensaios sobre a significação do cômico* de Henri Bergson foi publicado pela primeira vez em 1900. Bergson começa o livro indagando: o que é riso e o que existe no âmago do risível. Procurou na comédia, na farsa, na arte do palhaço, no dito picaresco e no jogo das palavras os métodos da fabricação do cômico.

Vladimir Propp⁴ (1992) também procurou compreender a natureza do riso e do cômico, definindo a comicidade sem se preocupar com o trágico enquanto tal, exceto em casos em que o cômico tivesse relação com o trágico. Os defeitos das pessoas podem ser considerados como cômicos. Mas, para considerar um “defeito”, faz-se necessário definir em quais casos eles serão ridículos:

[...] a falta de conceituação da especificidade do cômico constitui o outro defeito, por assim dizer quase constante da maioria dos tratados. Diz-se, por exemplo, que são cômicos os defeitos das pessoas. Claro está, contudo, que esses defeitos podem ser ou não ser absolutamente cômicos. Deve ainda ser estabelecido em que condições e em que casos quais defeitos serão ou não ridículos. A exigência pode ser generalizada, dizendo-se: diante de qualquer fato ou caso que suscite o riso, o pesquisador deve, a cada vez, colocar-se a questão do caráter específico ou não específico do fenômeno em exame, e de suas causas. (PROPP, 1992, p. 19)

O riso é proveniente do cômico, podendo realizar-se em um contexto específico. Ou seja, essa situação se realiza no momento em que os objetivos reais do mundo ao redor estão em desacordo com os conceitos das pessoas. Os ditos “defeitos” apresentados nas pessoas podem levar o outro a rir. Na verdade, o riso acontece quando se descobre que as situações reais do mundo à volta não correspondem aos conceitos que foram estabelecidos socialmente ou por um determinado grupo.

Ao falar do cômico e do ridículo, Propp (1992) afirma que há a necessidade de diferenciar a categoria estética da categoria extraestética, uma vista como superior e a outra como inferior. No nível superior, a comicidade é revelada pelo cômico; e, no inferior, a comicidade é expressa por meio do ridículo. Assim, verifica-se que diferentes aspectos de comicidade levam a distintos tipos de risos.

O riso se faz presente quando há um motivo para rir, o que justifica o interesse de estudiosos como Bergson (1983) e Propp (1992) pelas formas, condições e causas reveladoras do riso. Quando se encontram aqueles que não riem, Propp (1992) explica ser impossível fazê-los riem, pois a dificuldade está no nexos entre o objeto cômico e a pessoa. Rir não é obrigatório nem natural ao ser humano, “onde um ri, outro não ri” (PROPP, 1992, p. 31). Isso quer dizer que nem sempre o engraçado para um será engraçado para o outro. Assim, conclui-se que a expressão do riso está associada à visão do sujeito em relação ao que se considera como risível.

No entanto, não se pode desconsiderar a arte do palhaço, que é feita para rir. O objetivo da atuação do palhaço é de provocar riso, mas não se pode esquecer de que a reação do riso é inerente ao ser humano.

⁴ *Comicidade e riso* de Vladimir Propp foi publicado pela primeira vez em 1946. Em meio à sombria e terrível vida russa, o estudioso conduziu sua pesquisa no sentido de estabelecer uma tipologia do cômico, baseando-se em materiais fornecidos pela literatura e pelo folclore e também em trabalhos já produzidos referentes a esse tema.

O riso pode estar relacionado com questões históricas, sociais, nacionais e pessoais. Cada época e cada povo possui seu próprio sentido de humor que pode ser incompreensível em determinada época. É compreensível que cada cultura terá uma maneira individual de expressar o humor. Também se verifica a existência de humoristas natos e pessoas propensas ao riso em todas as classes sociais, sendo pessoas que gostam de rir e divertir os outros.

O homem expressa suas emoções do mundo exterior de forma diferenciada. Cada ser possui uma forma de expressar seus sentimentos de dor, raiva, angústia e alegria. Para expressar o humor, não seria diferente: cada ser apresenta-se de forma particular perante o cômico e o não cômico. Então, ri-se de quê? Segundo Propp (1992), ri-se do que é ridículo. Mas tal afirmação é uma tautologia obscura e que exige explicações mais detalhadas. Assim, por meio de exemplos e reflexões, o autor explica os episódios reveladores de defeitos que provocam riso nas pessoas. Pode-se rir de um defeito que se descobre e observa no outro. Quando esse defeito não existe ou não é identificado, simplesmente não se ri.

Magalhães (2010) também acredita que o humor se relaciona com os aspectos históricos e psicológicos, diferenciando-se de Propp (1992) apenas por não mencionar os sociológicos. Entretanto, os três autores já mencionados concordam que o humor é próprio do ser humano, pois quem torna algo engraçado é o ser humano, “com sua mente criativa e seu conhecimento anterior-epistemológico, empírico e linguístico” (MAGALHÃES, 2010, p. 25).

O riso é expresso por meio de causas externas ou internas ao ser humano. A estupidez é a incapacidade mais elementar de ligar causas e efeitos, também podendo despertar o riso. Os homens dizem coisas absurdas ou realizam coisas insensatas, as quais refletem em ideias ou conclusões errôneas, causando ações as quais são motivos para o riso.

O riso pode ser alegre ou triste, bom ou não. Propp (1992) entende que as condições para suscitar a comicidade estão atreladas à concepção que o homem apresenta ao que é justo e correto. O riso é uma descoberta inesperada, pois uma piada só é engraçada devido ao fato de conter um final inesperado e espirituoso. Entretanto, quando é ouvida mais de uma vez, ela pode perder a graça, pois deixa de ser surpresa e o final passa a ser esperado. No entanto, a reação de considerar o reconto da piada engraçada ou não dependerá da relação do ouvinte com o texto.

A natureza do risível se realiza no plano linguístico, por meio de uma consciência gramatical e a partir dos conhecimentos prévios, das inferências, da coerência e do contexto. A comicidade pode ser encontrada nas semelhanças e diferenças. Segundo Propp (1992, p. 56), “o riso não nasce apenas da presença de defeitos, mas de sua repentina e inesperada descoberta”.

No entanto, quando as pessoas se acostumam com “aquela situação” (diferente ou semelhante), a graça pode deixar de existir.

A fuga do padrão determinado pela sociedade é disforme e pode ser cômico, mas nem toda deformidade é cômica. Para exemplificar essa questão da deformidade, constata-se que, quando, por exemplo, depara-se com uma pessoa com um pescoço longo. Essa característica ao ser humano não é comum, por isso pode expressar riso. Entretanto, à girafa é natural, o que não causa riso nem estranheza.

Os defeitos deveriam ser considerados cômicos desde que sua existência e seu aspecto não causassem danos e ferimentos ao outro. No entanto, na prática, não é bem assim que acontece. Rir de uma deficiência física de alguém, por exemplo, é sinal de imaturidade. Também há defeitos físicos de outro gênero. As crianças ou mesmo pessoas ingênuas que consideram ridículos os defeitos físicos de qualquer gênero, tais como: uma pinta na ponta do nariz, boca torta, lábios caídos, boca ou nariz grande, entre outros. Propp (1992) explica que esses defeitos não revelam nenhuma imperfeição pessoal interior, pelo fato de constituírem uma deformidade natural e contrariarem noções de harmonia e proporção.

Sob o ponto de vista das leis gerais da natureza, são tomados como racionais. Dessa forma, Propp (1992) constata que a similitude dos homens com os animais, tais como porco e macaco, podem gerar risos

[...] para as comparações humorísticas e satíricas são úteis apenas os animais a que se atribuem certas qualidades negativas que lembram qualidades análogas do ser humano. Chamar uma pessoa com o nome de um animal qualquer é a forma mais difundida de injúria cômica tanto na vida como nas obras literárias. Porco, asno, camelo, gralha, cobra etc. são xingamentos comuns que suscitam o riso do espectador. São possíveis aqui associações as mais diversas e insólitas (PROPP, 1992, p. 67).

Nesse contexto, a comparação com o animal é cômica apenas quando ressalta um defeito qualquer ao ser humano. Quando isso não ocorre, a comparação pode demonstrar uma forma de carinho ou elogio. Chamar uma pessoa de gatinho, por exemplo, consiste em um carinhoso elogio, pois está sendo caracterizada afetiva e positivamente.

A comicidade também se faz presente nas comparações realizadas entre o homem e a coisa. Geralmente um caráter pode ser definido a partir de uma comparação com uma coisa. A representação do ser humano por meio de uma coisa só se torna cômica, na visão de Propp (1992), quando é intrinsecamente comparável à pessoa, de forma que expresse seu defeito. Pode-se intensificar se a coisa se assemelha a uma pessoa determinada e não apenas a um ser humano em geral.

Pode-se evidenciar a comicidade homem-coisa nos teatros de marionetes. A marionete em si é uma coisa representada no teatro — uma coisa que se mexe — o que pode relacionar a

uma alma humana que, na realidade, não existe. Ou seja, o princípio do teatro de marionetes reside na automatização de movimentos que imitam parodiando os movimentos humanos.

Para Propp (1992, p. 85), “a paródia representa um meio de desvendamento da inconsciência interior do que é parodiado”. Para compreender se a paródia abarca as peculiaridades individuais e que o exagero é próprio da caricatura, Propp (1992) examinou alguns materiais para tirar suas conclusões. Ao citar uma imitação dos movimentos graciosos de uma amazona de circo por um palhaço, sempre se provoca o riso, devido à falta de desenvoltura que o palhaço representa durante a imitação. Isso revela a ausência das características positivas que imita. Propp (1992) verifica que a paródia é cômica somente quando revela a fragilidade interior do que é parodiado. À paródia estão intimamente ligados diversos procedimentos do exagero, vistos como cômico quando se desnuda um defeito.

Os casos expostos até então podem ser considerados como paródia, na visão de Propp (1992), a qual pode ser vista como um exagero das peculiaridades individuais. No *Dicionário de termos literários*, Moisés (1974, p. 388) afirma que a paródia “designa toda composição literária que imita, cômica ou satiricamente, o tema e/ou a forma de outra obra. O intuito é ridicularizar uma tendência ou um estilo que, por qualquer motivo, se torna apreciado ou dominante”.

O riso também pode ser expresso pelo exagero da caricatura, da hipérbole e do grotesco. A caricatura é expressa no momento em que se toma uma particularidade qualquer de uma pessoa e a exagera, representando-a como única. A hipérbole é ridícula somente quando ressalta as características negativas do ser e, muitas vezes, é expressa por meio da sátira, para reforçar a comicidade que aparece no homem como herói ou ridículo. O grotesco é o grau mais elevado do exagero, extrapolando os limites de um mundo realmente possível. O grotesco é cômico quando encobre o princípio espiritual e revela o defeito.

A comicidade aparece, no âmbito discursivo, por meio de pequenos reveses provocados pelas próprias pessoas. Mas, quando o revés é provocado por outrem, nesse caso, agem duas pessoas. A comicidade pode surgir em pequenos acontecimentos como: tomar uma chuva forte, deixar cair seus pacotes ou tropeçar e cair. Nesses fatos, terão aqueles que irão rir e os que vão ajudar e, ainda, aqueles que ajudam e riem. Então, percebe-se que o humor é manifestado em situações agradáveis ou não. Na verdade, dependerá muito da reação dos envolvidos. “É indispensável mencionar a propósito as brincadeiras e as peças, às vezes cruéis, pregadas em pessoas absolutamente inocentes e às vezes até muito boas, mas que, não obstante suscitam o riso” (PROPP, 1992, p. 105).

Em casos de concentração errada de ideias, quando o homem diz coisas absurdas, o alogismo é cômico em si mesmo para aqueles que veem ou sentem sua manifestação. E, quando os homens realizam coisas insensatas, há a exigência de um desmascaramento da situação que reflete o riso. Assim, para a pessoa que faz a ação, o desnudamento intervém habitualmente somente no momento em que ela sente as consequências de sua estupidez em si mesma. E, para aquele que recebe ou observa a ação, o desmascaramento de um contrassenso escondido pode ocorrer devido a uma tirada espirituosa e inesperada do interlocutor, que, com sua resposta, expressa a inconsistência do juízo de quem age.

Propp (1992, p. 108) adverte que o alogismo, ou seja, a estupidez absurda “é, quem sabe, a forma mais comum de comicidade”. No entanto, o cômico pode ser entendido como um mecanismo de pensamento que prevalece sobre o conteúdo. Existem situações de erros que não são cômicas, por exemplo, um médico que faz um diagnóstico errado. Tal estupidez não gera riso. E também existem casos em que alogismo é imperceptível à primeira vista, porque nem todos os notam assim; o riso não se concretiza.

Ainda afirma o autor que comicidade pode originar-se do alogismo e da tolice. Propp (1992) evidencia a tolice nos contos russos, os quais contam com tolos que suscitam a simpatia e a compreensão dos ouvintes. Os bobos dos contos russos apresentam qualidades morais, porque a estultice evidente ou disfarçada suscita um riso saudável e saboroso. A tolice e o alogismo podem ajudar no desvendamento da comicidade encontrada na mentira. Segundo Propp (1992), há dois tipos de mentira cômica. No primeiro, o impostor procura enganar o interlocutor, atribuindo à mentira o valor de verdade. No segundo, o impostor não se propõe a enganar quem ouve, e sim divertir.

A mentira enganadora é considerada cômica quando não resulta em consequências trágicas. Quando uma mentira é contada, há aquele que conta e aquele que ouve. Em alguns casos, o desmascaramento e o reconhecimento da mentira estão relacionados aos ouvintes e não ao mentiroso, o qual está convicto da credibilidade de sua mentira. As pessoas à sua volta ouvem-no com prazer, permitindo que o impostor realmente acredite no convencimento de seus ouvintes. Mas, na verdade, eles já desconfiam de sua mentira. A comicidade de uma situação como essa não se descarrega de repente, ela perdura por um instante, não provocando fortes risos. O mentiroso, sem perceber, faz papel de bobo.

No segundo caso, um surto de riso pode ser provocado devido ao fato de algum ouvinte agir com a intenção de desmascarar imediatamente o mentiroso. Nesse caso, o impostor é desmascarado, à medida que sua mentira é punida. O riso acontece no momento do desmascaramento, quando o oculto de repente se manifesta. Nos contos russos analisados por

Propp (1992), o mentiroso não é desmascarado aos olhos das personagens que tomam parte da ação e sim na vida real. O mentiroso é desmascarado e o riso acontece na sua própria presença. Desse modo, o riso se faz presente no momento do desmascaramento.

Propp (1992) também faz um estudo acerca dos instrumentos linguísticos que revelam a comicidade. A língua não é cômica por si só, possivelmente reflete traços da vida espiritual do falante e a imperfeição de seu raciocínio. A comicidade e a zombaria são expressas na língua pelos trocadilhos, paradoxos, ironias e tiradas.

Para explicar o trocadilho, Propp (1992) recorre a variados significados que são atribuídos ao termo. Calembur, do francês *calembour*, é um jogo de palavras que ocorre quando o interlocutor compreende a palavra em seu sentido amplo ou geral. Trocadilho ou calembur dirigido contra os aspectos negativos da vida é visto como uma sátira afiada e precisa. Não se pode afirmar, porém, que sua característica seja imoral e tampouco moral, pois depende do modo como é empregado o alvo que ele visa. O emprego do jogo das palavras para finalidades satíricas é encontrado frequentemente no folclore, relata Propp (1992).

Próximos dos trocadilhos, encontram-se aquelas sentenças em que o predicado contradiz o sujeito e recebe o nome de paradoxo. E, próximo a ele, está a ironia, a qual se expressa com as palavras um conceito, mas que se submete a um outro (contrário). Diz-se algo positivo pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que fora dito. Assim, a ironia revela os defeitos daquele de quem se fala. Segundo Propp (1992, p. 129), “o âmbito da comicidade conseguida graças a meios linguísticos é bastante rico e variado”.

O estudioso acrescenta que os nomes podem funcionar como meios linguísticos de se obter a comicidade. Os autores de comédias e de obras cômicas dão aos seus personagens nomes próprios, nomes de comida, sobrenomes estrangeiros e nomes relacionados às características e à posição social de seus donos. É importante lembrar que todo escritor tem seu estilo próprio; os nomes são elementos acessórios e não o principal responsável pelos efeitos cômicos. A comicidade dos nomes não possui sempre a mesma origem, podendo ocorrer, basicamente, como descrita anteriormente.

O humor pode ser explicado a partir da interpretação que se faz com o outro, seja de forma verbal, seja não verbal. Neste trabalho, a preocupação se concentra na análise do humor presente em alguns gêneros quadrinísticos, em especial, as tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, de Bill Watterson (2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011). Por essa razão, acredita-se na importância de fazer uma reflexão teórica acerca do humor. Os autores citados, mesmo não tratando do humor nas tiras cômicas, tornam-se relevantes pelo fato de apresentarem uma série de exemplos, análises e reflexões que podem ser observados no gênero em questão.

2.2 HUMOR NA TIRA CÔMICA

Para compreensão de como ocorre o efeito de humor nos gêneros quadrinísticos, em especial nas tiras cômicas, é feita uma explanação das teorias abordadas por Lins (2002), Innocente (2005) e Ramos (2009; 2011; 2015).

As tiras cômicas, rotuladas por Lins (2002) como tiras de quadrinhos, são pequenos textos conversacionais, nos quais o humor parece surgir de situações construídas a partir de acontecimentos sociais. São pequenas narrativas estruturadas a partir de dois códigos — o linguístico e o visual — e são publicadas diariamente nas partes internas dos jornais. A autora fez análises acerca da construção do humor nos jogos interativos das tiras cômicas de Mafalda de Quino, a partir dos conceitos da Sociolinguística Interacional em interface com noções da Pragmática. Com os estudos advindos da Pragmática, o texto é concebido para além do enfoque sintático-semântico. Para a linguista, o texto é um fenômeno que se constrói em determinada situação de interação, envolvendo os usuários e seus objetivos da interação. Assim, o texto passa a ter significado e atinge seu objetivo no momento da interação entre leitor e texto.

Lins (2002) descreve os mecanismos que provocam o humor dentro das relações interativas entre personagens, levando em conta os aspectos linguísticos e visuais que atribuem movimentos às personagens nos eventos encenados. As tiras representam jogos interativos explícitos, tanto na composição das personagens como na construção das histórias, com intuito de fazer crítica. O humor é revelado a partir da existência do jogo interacional entre as personagens, estando dividido em dois momentos. O primeiro jogo interacional constitui as personagens atuando de modo que o “esquema de conhecimento sejam postos em comparação/contraste” (LINS, 2002, p. 83), devendo-se observar as pistas de contextualização representadas nas falas, expressões faciais e nos gestos das personagens. Podem demonstrar estranhamento pela atitude uns dos outros, porque as estruturas de expectativas são frustradas. E, no segundo jogo, o humor é produto de comparação dos esquemas de conhecimento operado pelo leitor a partir da descoberta da incongruência em relação ao esperado, levando-se em consideração o modelo social de fazer conexão para produzir sentido nas coisas do mundo.

A linguista defende que o jogo interativo entre as personagens

se faz a partir da comparação de diferentes enquadres. Quando um personagem muda de alinhamento inesperadamente, infringindo as estruturas de expectativas do senso comum, há parte de outro, ou outros personagens, uma atitude de surpresa pelo não esperado. Já no jogo interativo do autor das tiras de quadrinhos com o leitor, diferentemente do primeiro, a surpresa não gera conflito: ela é apenas situação de incongruência que causa o humor (LINS, 2002, p. 84).

A leitura das incongruências se aplica nas piadas, porque o conflito gerado por elas ajuda o leitor na descoberta da crítica e do uso que o autor produziu no texto. Já nas tiras cômicas, o conflito é esperado, pois, para interpretar e compreender o texto, o leitor procura fazer inferências acerca do conflito.

Lins (2002), em seus estudos sobre as tiras cômicas da *Mafalda*, produzidas por Quino, aponta que suas histórias constroem uma relação entre o esperado e o não esperado, em termos de modelo social, no jogo interativo entre as personagens. Encontra-se a quebra de expectativa, responsável por gerar humor junto à crítica. Nas tiras analisadas pela autora, o humor é revelado pelo recurso de alinhamento das personagens, o qual é explicado pelo alinhamento da personagem infantil que atua como um adulto, na medida em que ela expressa atitudes de reflexão e crítica em relação a posicionamentos políticos e sociais. Na verdade, *Mafalda* atua coerentemente com um discurso não pertinente aos esquemas de conhecimentos relacionados ao alinhamento pressuposto.

Tomando-se como base os estudos de Lins (2002), uma tira cômica de *Calvin e Haroldo* é analisada com o intuito de demonstrar que, assim como *Mafalda*, *Susie* apresenta reflexões relacionadas ao alinhamento de uma criança adulta, principalmente nos momentos conflitantes com *Calvin*, uma criança impetuosa.

Figura 58 – *Calvin* não faz sua parte.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Yukon Ho! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 116.

Nessa tira cômica (figura 58), percebe-se que *Susie* tem um trabalho escolar para realizar com seu amigo de sala *Calvin*. Infere-se que houve uma divisão de tarefas. *Susie* foi realizar a sua parte do trabalho e ficou na expectativa de que *Calvin* faria a parte dele. Quando ela retornou, ficou indignada ao perceber que *Calvin*, em vez de realizar o trabalho escolar, estava “desenhando marcianos”. Nesse processo, a narrativa constrói uma relação entre o esperado e o não esperado. *Susie* — uma garota responsável, aplicada e muito comprometida com suas tarefas escolares — fez sua parte e esperava que *Calvin* fizesse a dele. Infelizmente,

não foi o que aconteceu, *Calvin* não demonstrou importância alguma ao trabalho que precisava cumprir. Tal atitude deixou *Susie* desesperada.

Segundo Lins (2002), o humor é revelado a partir da existência do jogo interacional entre as personagens, como ocorre na tira cômica em análise: interação entre *Susie* e *Calvin*. Num primeiro momento, há um jogo em que estão postas em comparação e contraste: *Calvin* não gosta de estudar e tampouco faz as lições de casa. *Susie* é uma aluna aplicada e comprometida com as tarefas escolares. O humor está presente na quebra de expectativa de ambos, pois um demonstra estranhamento pela atitude do outro. *Calvin* esperava que *Susie* fizesse o trabalho por ele, já que ela gosta de estudar, à medida que *Susie* esperava a colaboração de *Calvin*, devido ao fato de o trabalho ser feito em grupo.

No segundo jogo, o humor é produto de comparação dos esquemas de conhecimento operado pelo leitor, ou seja, ele só identificará o humor se conseguir compreender essa incongruência relacionada ao esperado. A tira cômica foi produzida com intuito de causar riso, mas somente a interação entre o leitor e o texto possibilitará a identificação do humor.

Innocente (2005) realizou um estudo com o gênero *tira em quadrinho* — termo utilizado pela autora — com os objetivos de identificar e analisar a estrutura e a função do gênero a partir de sua inserção no jornal impresso. Por meio de uma análise sob a perspectiva sociorretórica, a estudiosa considerou 46 tiras de vários quadrinhistas, todas coletadas no *Jornal do Brasil* e no *Diário Catarinense*. Abordou os seguintes aspectos: a estrutura composicional do gênero, o humor, as particularidades gráficas, a tira em relação à comunidade discursiva e ao suporte jornal. Interessa-se, neste trabalho, as abordagens realizadas acerca da estrutura composicional do gênero, do humor e das partículas gráficas, pelo fato de serem questões também abordadas aqui.

Innocente (2005), amparada na perspectiva sociorretórica de Bhatia (1990)⁵ e Melo (1985; 1992)⁶ e Swales (1990; 1992)⁷, descreveu o gênero tira em quadrinho e, em relação ao humor, levou em consideração as ideias de Possenti (1998)⁸. Apesar deste linguista não abordar o humor nas tiras, segundo ela, apresenta uma série de exemplos, análises e várias estratégias que contribuem para a explicação do humor.

⁵ BHATIA, V. K. *Analyzing genre: language use in professional settings*. London; New York: Longman, 1993.

⁶ MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

⁷ SWALES, J. M. *Genre analysis: english in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press, 1990.

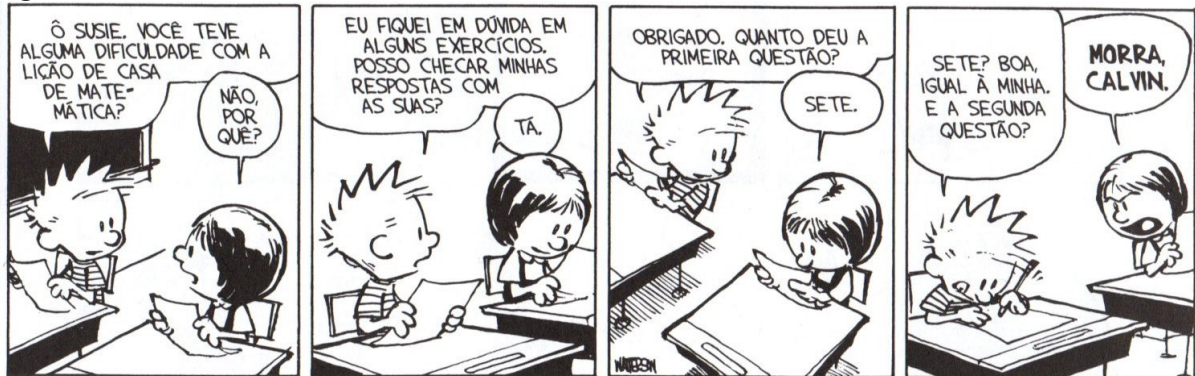
_____. *Re-thinking genre: another look at discourse community effects*. **RE-THINKING GENRE COLLOQUIUM**. Ottawa: Carleton University, 1992.

⁸ POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análise linguística de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

Além do texto verbal, as tiras em quadrinhos possuem particularidades gráficas bem definidas, afirma Innocente (2005). Todos os recursos possuem um propósito — para transmitir uma mensagem, completar e contribuir para o entendimento do texto — pois, quando se lê um texto em quadrinhos, “o leitor não apenas decodifica as palavras, mas contextualiza, interpreta e faz conexão com outros contextos” (INNOCENTE, 2005, p. 31).

Em relação ao estudo de Innocente (2005), neste trabalho, foram levados em consideração os quatro movimentos retóricos, os quais se referem à estrutura composicional do gênero. São eles: 1) apresentação do título, 2) preparação do cenário, 3) apresentação do clímax e 4) quebra de expectativa. Trata-se de uma abordagem bastante funcional para o trabalho da tira cômica na escola.

Figura 59 – Calvin não fez a tarefa.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo. Criaturas bizarras de outro planeta!* 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011, p. 111.

O primeiro movimento se refere à apresentação do título e do autor, normalmente presente no canto superior esquerdo da tira. Por se tratar de uma antologia, isso é feito na capa do suporte livro: *Calvin e Haroldo. Criaturas bizarras de outro planeta!* do autor Bill Watterson (2011). O segundo movimento é a preparação do cenário: as personagens *Calvin* e *Susie* estão na escola, confirmando-se pela presença do quadro negro na primeira vinheta e pelo fato de as personagens estarem sentadas em carteiras enfileiradas.

No terceiro movimento, sugere-se o clímax presente na terceira vinheta, quando *Calvin* perguntou para *Susie* qual o resultado da primeira questão, pois tinha por objetivo conferir as respostas com a amiga. O clímax é identificado a partir da compreensão da sequência narrativa. *Calvin* alegou apresentar “dificuldade” para realizar a tarefa de matemática, porque ficou com “dúvida em alguns exercícios”. *Susie* estranhou a dificuldade de *Calvin*, pois ela não teve dificuldades em realizar a tarefa de matemática. A intenção de *Susie* era a de atender ao pedido de *Calvin*, ajudando-o com a checagem da tarefa, enquanto a intenção de *Calvin* era outra. Na

verdade, ele não havia feito a tarefa e desejava ter acesso às respostas dos exercícios feitos pela amiga.

Por fim, a situação que marca a quebra de expectativa construída a partir do clímax é apresentada na quarta vinheta, quando Susie descobriu a verdadeira intenção de *Calvin*: a de copiar as respostas dos exercícios, porque não havia feito a lição de casa. Innocente (2005) trabalha com a ideia de que o humor está presente a partir dessa quebra de expectativa presente na última vinheta.

As tiras cômicas também estão presentes nas avaliações que visam verificar o nível de aprendizagem dos estudantes da rede pública de ensino. Ao verificar que os alunos do Ensino Fundamental e Médio apresentavam dificuldades na leitura e na compreensão de textos, inclusive os de humor, por meio do Sistema de Avaliação de São Paulo (Saresp), Ramos (2009) esboçou uma reflexão acerca do ensino dos quadrinhos na sala de aula.

Segundo o autor, “o resultado autoriza dizer que há tendência de os alunos paulistas do terceiro ano do ensino médio da rede pública apresentarem dificuldade na compreensão de textos, entre eles a tira cômica” (RAMOS, 2009, p. 186). Levanta algumas discussões sobre o assunto e elabora um roteiro com propostas que servem como subsídios ao trabalho pedagógico do professor. Para que o aluno identifique o humor nos textos, primeiramente, ele necessita de ler e compreender o conteúdo do texto, “humor e entendimento textual são elementos interligados, um depende do outro” (RAMOS, 2009, p. 187). Assim, ler piadas, crônicas, tiras cômicas, charges, cartuns, ou seja, textos que trazem o humor como elemento constituinte, trata-se de práticas fundamentais para desenvolver as habilidades relacionadas à interpretação.

A piada, por exemplo, vista como uma narrativa tendencialmente curta, com personagens fixas ou não, “possui necessariamente um desfecho inesperado, que leva a uma inferência e a um efeito de humor, construído dentro de um contexto social, cognitivo e interacional” (RAMOS, 2011, p. 53). As piadas podem ser contadas (código oral) ou escritas (código verbal). A expressividade pode sofrer perdas nas piadas escritas, mas o conteúdo é conservado, tanto nas piadas escritas quanto nas contadas. Ramos (2009) entende as tiras cômicas como uma forma de piadas, relatadas com os recursos da linguagem dos quadrinhos.

As tiras cômicas são um texto narrativo de humor e necessariamente sintético, consequência das limitações e formato, descreve Ramos (2009; 2011; 2014; 2015). Podem apresentar personagens fixas ou não, mas precisam ter um final inesperado, o qual surpreenderá o leitor. Esse desfecho inusitado é “provocado por elementos verbais escritos, visuais ou verbo-visuais, que quebra a expectativa na narrativa e provoca o efeito de humor” (RAMOS, 2009, p. 198), revelado nas tiras cômicas.

Tanto a piada quanto a tira cômica compartilham de características semelhantes, como: humor, síntese, inferências, conhecimento prévios, quebra de expectativa no final, uso de personagens conhecidos ou não. Para compreender o humor na tira, o aluno necessita recuperar os elementos verbais e visuais apresentados no texto, pois há uma série de elementos, de ordem social e cognitiva, que são acionados no processo interativo para a construção dos sentidos.

As tiras são ótimos textos para trabalhar a interpretação, como observado nos resultados discutidos adiante. Geralmente o aluno tende a ler as tiras sem se preocupar com o caminho percorrido para construir os sentidos presentes no texto de humor, bem como a presença das imagens como parte integrante do gênero “tira cômica” e de outros gêneros quadrinísticos, tudo para facilitar a atribuição de sentido.

Nesta tira cômica de *Calvin e Haroldo* (figura 60), é possível a construção de sentido em decorrência do humor.

Figura 60 — Brincadeira de criança.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 23.

Para compreender os sentidos da tira cômica e identificar o humor, o aluno/leitor necessita, primeiramente, acionar seus conhecimentos prévios em jogo no desenvolvimento da sequência narrativa. Além dos conhecimentos prévios, há as inferências e a identificação do desfecho cômico que colaboram com a construção de sentidos. O leitor familiarizado com as personagens, saberá que se trata de *Calvin* em diálogo com *Susie*, uma criação de Bill Watterson.

Calvin estava brincando de carrinho, na primeira vinheta, *Susie* chegou sorridente e o convidou para brincar de casinha. Na segunda, *Calvin* continuou brincando com seu carrinho e pediu para *Susie* explicasse a ele como se brincava de casinha. Na terceira, *Calvin* não apareceu, mas o aluno/leitor infere que o diálogo está ocorrendo entre *Susie* e *Calvin*; e, como o questionamento partiu de *Calvin*, a resposta certamente está direcionada a ele. A resposta de *Susie* aparece nas duas últimas vinhetas. E, para compreender o humor na tira, é necessário

acionar os conhecimentos prévios acerca de como é “brincar de casinha” no repertório infantil, para assimilar sentido à visão adulta referida por Susie ao descrever a brincadeira.

O humor se faz presente na última vinheta no momento em que *Susie* encerrou sua explicação da brincadeira, conforme uma visão adulta correspondente à família tradicional e que vivencia conflitos diários. *Susie*, ainda, encerrou sua explicação com um sorriso no rosto e *Calvin* expressou uma feição de espanto depois de ouvir toda explicação.

Ramos (2009) explica que a comicidade pode ocorrer tanto no texto verbal como no visual. No caso desse exemplo (figura 60), a comicidade se completa no texto visual, representado pela expressão de espanto de *Calvin* na última vinheta. No entanto, a construção do humor iniciou na expectativa apontada na terceira vinheta e concluída inesperadamente na última. É inesperada porque o esperado seria *Susie* explicando a brincadeira de acordo com o repertório infantil.

Para Ramos (2015), o sentido é construído por uma sucessão de etapas, inferidas pelo aluno durante a leitura. O aluno deve necessariamente ler signos verbais escritos — como as falas de *Susie* e *Calvin*, representadas pelos balões-fala — e também signos de ordem visual, no caso dos desenhos que foram elementos essenciais para a construção do sentido.

Para todos os autores mencionados nesta subseção, o humor se configura na quebra de expectativa. Em relação à nomeação do gênero, Ramos (2009; 2011; 2014; 2015) adota o termo *tira cômica*, diferenciando-se das demais terminologias já apontadas e procurando estabilizar as flutuações terminológicas e marcar uma das principais características do gênero: a comicidade. Neste trabalho, adota-se tal termo e leva-se em consideração os princípios de Ramos (2009; 2011; 2014; 2015) para a caracterização do gênero em questão e os movimentos retóricos para o desenvolvimento da sequência narrativa, segundo Innocente (2005).

CAPÍTULO 3

O PROBLEMA E A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção foi elaborada para os alunos do Ensino Fundamental II, com o intuito de proporcionar reflexões que os levem a compreender a linguagem dos quadrinhos e a presença do humor inserido nos gêneros quadrinísticos: HQ de aventura, charge, cartum e tira cômica.

3.1 O PROBLEMA

A linguagem dos quadrinhos, como qualquer outra linguagem, é marcada por alguns recursos, sendo eles tão recorrentes que, para aqueles que não estão habituados, podem apresentar dificuldades em compreendê-los. As HQ utilizam-se da linguagem verbal e não verbal, as quais se completam e se explicam, permitindo que o leitor interprete os sentidos.

Para Eisner (2010), os quadrinhos são segmentos sequenciados, resultado da decomposição de eventos capturados no fluxo da narrativa e limitam o espaço onde se colocam objetos e se passam as ações. Desse modo, a tarefa do quadrinista ou artista sequencial é dispor essa sequência dos eventos de tal modo que as lacunas da ação sejam preenchidas. Isso requer do leitor a capacidade imaginativa e criadora, a partir da sua vivência, para completar a ação, criar coerência e construir sentidos.

Durante uma década de experiência com alunos do ensino regular, foi possível observar que grande parte desses alunos apresenta dificuldades para ler, interpretar e compreender o humor presente na linguagem dos quadrinhos. “A tendência de dificuldade na leitura e na compreensão de textos, inclusive os de humor, inicia-se já no ensino fundamental” (RAMOS, 2009, p. 186). Para tanto, a compreensão do humor presente num texto exige a atribuição de sentido ao que está sendo lido. Assim, “humor e entendimento textual são elementos interligados, um depende do outro” (RAMOS, 2009, p. 187).

A obra *Projeto Teláris — Português* de Borgatto, Bertin e Marchezi (2012), adotada pela escola pública para o trabalho nos anos de 2014 a 2016, foi aprovada pela Secretaria de Educação Básica, a qual qualificou o material em sua forma física e pedagógica. Porém, verificou-se uma sutil exploração da linguagem dos quadrinhos e dos gêneros. A obra apresenta uma página com a chamada: *histórias em quadrinhos*, seguida de um breve resumo sobre elas, com uma mistura de desenho e escrita “para registrar as histórias imaginadas pelo contador” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2012, p. 27). Em seguida, é apresentada uma tira

cômica de *Lola, a andorinha*, com alguns questionamentos sobre o texto, tais como: identificação das personagens, leitura de imagem e dos momentos narrativos.

Assim, observa-se apenas um breve comentário sobre quadrinhos sem a exploração da linguagem, gênero ou humor. Vale ressaltar que o livro didático auxilia o trabalho pedagógico, mas não é o único material abordado pelo professor.

Vivenciando sua prática pedagógica para renovar e dinamizar seu trabalho em prol do ensino-aprendizagem dos alunos, o professor apresenta condições de analisar o material e suprir suas lacunas. Neste estudo, não se pretende criticar ou mesmo analisar o livro didático abordado pela escola, e sim mostrar uma possível proposta de trabalho que venha favorecer o ensino-aprendizagem dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental.

Desde meados dos anos 1970, as HQ passaram a ter maior importância nos meios acadêmicos, com publicações de trabalhos, pesquisas, dissertações e teses. Em resultado, percebe-se a presença de tais estudos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), nas Diretrizes Curriculares de Educação Básica: Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008). E, ainda, com a iniciativa do Programa Nacional da Biblioteca na Escola, foram distribuídas obras ao Ensino Fundamental, possibilitando a leitura dos quadrinhos aos alunos da rede pública de ensino. Além disso, Ramos (2009) acrescenta a presença dos quadrinhos nas questões do Sistema de Avaliação de Rendimento escolar do Estado de São Paulo (Saresp) e em provas de vestibulares. No estado do Paraná, observa-se também a presença dos quadrinhos nos dois exames complementares que compõem o Sistema de Avaliação da Educação Básica, Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e a Prova Brasil.

Dado esse contexto, o trabalho tem como foco o humor que permeia as tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, personagens de Bill Watterson (2009a; 2019b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011), e sua inclusão em práticas complementares de ensino, visto que, muitas vezes, os alunos não conseguem compreender o efeito de humor inserido nesse gênero. Tal dificuldade pode estar atrelada ao desconhecimento de determinados mecanismos de leitura. Com a contribuição de Vergueiro (2014), verifica-se a necessidade de preparar/alfabetizar para uma melhor compreensão do gênero.

Assim, tem-se a preocupação em iniciar uma discussão acerca da leitura dos quadrinhos com ênfase no humor, por meio de análise de gêneros como: HQ de aventuras, charge, cartum e, sobretudo, nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo* de Bill Watterson (2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011). Nesta proposta de trabalho, procura-se levantar questões significativas que conduzam os alunos ao entendimento da linguagem dos quadrinhos, bem como a percepção do humor.

Ramos (2014), ao estudar o humor, verificou que a tira cômica apresenta sempre uma temática atrelada ao humor, o que explica a opção pelo nome. Vale lembrar que a tira cômica também é chamada por uma série de outros nomes — tira, tirinha, tira de jornal, tira em quadrinhos etc. No entanto, neste trabalho, adota-se a nomenclatura *tira cômica*, devido à sua composição e formato (tira) e a presença do desfecho cômico. Essa nomenclatura já sinaliza duas características fundamentais do gênero em questão (RAMOS, 2009; 2011; 2014, 2015).

Assim, o *corpus* é constituído por algumas tiras de *Calvin e Haroldo* que exploram a temática: *situações conflituosas vivenciadas por Calvin e Susie* (WATTERSON, 2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011). A partir deste *corpus*, procura-se atingir o objetivo principal: elaborar uma proposta de exploração dos efeitos de humor a partir das tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, para os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de uma cidade do norte paranaense. Assim, acredita-se na possibilidade de uma iniciativa que venha colaborar com a compreensão de sentidos dos alunos no que diz respeito ao gênero tira cômica.

3.2 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção propõe mostrar que, a partir de algumas dinâmicas, é possível mediar a leitura e compreensão dos sentidos explícitos e implícitos nos textos por meio da linguagem dos quadrinhos. Neste trabalho, não se pretende elaborar um manual ou um roteiro prescritivo a ser seguido, e sim em provocar algumas inquietações naqueles que trabalham com o ensino da língua.

Dessa forma, o trabalho está estruturado em dois eixos organizados em antes e depois das tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*. No primeiro eixo, que se subdivide em três partes, apresenta-se e explora-se a linguagem dos quadrinhos, com foco no humor a partir do gênero *HQ de aventuras*. Em seguida, exploram-se as peculiaridades do gênero *charge* e, por fim, o gênero quadrinístico *cartum*. No segundo eixo, inicia-se com a exploração da linguagem dos quadrinhos e do humor nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, criadas pelo cartunista Bill Watterson (2009a; 2019b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011). Vale ressaltar que se optou por trabalhar com os sete volumes que contemplam algumas tiras de *Calvin e Haroldo*, são eles:

1. *Calvin e Haroldo*: Foi assim que tudo começou (2010a);
2. *Calvin e Haroldo*: Deu “Tilt” no progresso científico (2009a);
3. *Calvin e Haroldo*: A hora da vingança (2009b);
4. *Calvin e Haroldo*: O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos (2010b);

5. *Calvin e Haroldo*: Yukon Ho! (2010c);
6. *Calvin e Haroldo*: Criaturas bizarras de outro planeta! (2011);
7. *Calvin e Haroldo*: Tem alguma coisa babando embaixo da cama (2010d).

Não foi possível abordar todas as tiras cômicas da coletânea, assim optou-se por aquelas que contemplassem os momentos conflitantes entre Calvin e Susie. Observa-se que, durante as narrativas, Calvin provocava Susie constantemente, jogando bolas de neve, excluindo-a das brincadeiras, as quais, segundo ele, são apenas para meninos e seguem as inúmeras provocações vivenciadas na escola e nos momentos em que estão juntos. Verifica-se que os conflitos ocorrem porque o garoto ainda não sabia controlar e nem demonstrar seus verdadeiros sentimentos por Susie. A escolha dessa temática se justifica pelo fato de aproximar-se do interesse dos alunos, os quais estão entrando na adolescência, momento de construção social, e gostam de opinar sobre os assuntos que dizem respeito aos conflitos vivenciados por meninos e meninas.

Para melhor compreensão da estrutura deste trabalho, organizou-se um quadro para sintetizar as atividades propostas a partir do gênero em foco.

Quadro 1 — Introdução à linguagem dos quadrinhos.

Gênero quadrinístico	Proposta de atividades
HQ de aventuras: <i>Asterix: O papiro de César</i> de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad ⁹ (2015)	1. Leitura coletiva do álbum <i>Asterix: O papiro de César</i> Objetivo: conhecer o gênero <i>HQ de aventuras</i> em sua estrutura e função social, percebendo as especificidades de sua linguagem e a presença do humor.
	2. Participação do debate oral a partir das questões apresentadas. Objetivo: conhecer e compreender a HQ de aventuras <i>Asterix: O papiro de César</i> .
	3. Resolução das questões propostas. Objetivo: identificar as características das personagens e a presença do humor.
	4. Compreensão da linguagem dos quadrinhos a partir da exploração da HQ de aventuras <i>Asterix: O papiro de César</i> Objetivo: compreender a linguagem dos quadrinhos: tipos de balões, legenda, onomatopeia, valor expressivo da letra etc.
Charges de Benett e Paixão publicadas no jornal <i>Gazeta do Povo</i> (2016)	5. Painel com cinco charges do <i>site</i> do jornal <i>Gazeta do Povo</i> apresentadas pelos chargistas: Benett (2016) e Paixão (2016). Objetivo: ler e compreender o contexto das charges apresentadas e a presença do humor como característica do gênero.
	6. Resolução das questões propostas sobre as charges apresentadas no painel, comparando-as com a HQ de aventuras lida. Objetivo: perceber semelhanças e diferenças entre HQ de aventuras e charge.
	7. Elaboração de um quadro com o contexto de produção de cada charge lida. Objetivo: identificar o contexto de produção de cada charge trabalhada.

⁹ René Goscinny e Albert Uderzo criaram os álbuns de *Asterix o Gaulês*. Em 1961, foi publicado o primeiro álbum. René Goscinny morreu em 1977 e, desde então, Uderzo dá continuidade à obra, em parceria com Jean-Yves Ferri e Didier Conrad.

	8. Elaboração de um quadro comparativo entre as charges Objetivos: comparar as charges lidas; identificar o fato que gerou a criação da charge e sua crítica social; identificar os recursos dos quadrinhos nas charges em estudo; explorar o humor presente nas charges abordadas.
Cartum de Quino (1982)	9. Apresentação e discussão de três cartuns de Quino. Objetivos: conhecer o gênero <i>cartum</i> ; ler e compreender os cartuns; identificar a presença do humor nos cartuns estudados.
	10. Resolução de questões propostas sobre o cartum Objetivos: ler e interpretar o cartum; identificar a linguagem dos quadrinhos nesse gênero; identificar o humor nele presente.
Cartum de Quino (1982) e charges de Benett e Paixão (<i>Gazeta do Povo</i> , 2016)	11. Elaboração de um quadro comparativo entre o cartum e a charge. Objetivo: comparar os elementos constitutivos da charge e do cartum, relacionando suas semelhanças e diferenças.

Fonte: A própria autora (2016).

O primeiro eixo iniciou-se com a leitura coletiva da HQ de aventuras *Asterix: O papiro de César* (FERRI; CONRAD, 2015), para que os alunos conhecessem o gênero, entrassem em contato com a linguagem dos quadrinhos e passassem a observar suas peculiaridades. Além disso, a identificação da presença do humor no decorrer da narrativa fez parte desse primeiro eixo. Após a leitura, os debates orais e os questionamentos escritos foram elaborados com o intuito de propor situações relevantes para a compreensão da narrativa lida, bem como a presença do humor no texto em quadrinhos.

As charges são textos que trazem como principal característica o humor. Assim sendo, compreendê-las é uma tarefa extremamente importante para este trabalho. As atividades propostas foram norteadas pelos objetivos apresentados no Quadro 1. Ressalta-se um paralelo entre os gêneros HQ de aventuras e charge, sobretudo em relação às semelhanças: linguagem dos quadrinhos, presença de humor, linguagem verbal e não verbal, sequência narrativa. Quanto às diferenças, abordou-se que HQ de aventuras se trata de um álbum escrito com uma sequência de diversas vinhetas, ultrapassando uma página, enquanto charge como uma ou duas vinhetas, também configurando uma sequência narrativa.

Para finalizar o primeiro eixo, apresentaram-se três cartuns de Quino (1982) para leitura e compreensão, identificação do humor e da linguagem dos quadrinhos. Após a exploração dos gêneros, foi proposto um paralelo entre charge e cartum, com o intuito de demonstrar a principal semelhança que há entre os dois, o primeiro está relacionado a um fato do cotidiano, enquanto o segundo desconsidera a relação com um fato do cotidiano.

Segue-se o quadro com a apresentação das atividades relacionadas com tira cômica, humor e linguagem dos quadrinhos.

Quadro 2 — Introdução à tira cômica.

Gênero	Proposta de atividades
Tira cômica e charge do jornal <i>Folha de Londrina</i>	12. Exploração dos gêneros <i>tira cômica</i> e <i>charge</i> presentes no jornal <i>Folha de Londrina</i> (2016), por meio de questionamentos orais e escritos. Objetivos: ler e compreender a tira cômica e a charge produzidas e publicadas no jornal <i>Folha de Londrina</i> .
	13. Confecção de um cartaz com as charges e tiras cômicas presentes no jornal <i>Folha de Londrina</i> . Objetivo: elaborar um cartaz identificando as características dos gêneros <i>charge</i> e <i>tira cômica</i> .
Tira cômica de Calvin e Haroldo Bill Watterson (2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011).	14. Apresentação da tira cômica de <i>Calvin e Haroldo</i> de Bill Watterson e de suas personagens. Objetivos conhecer as personagens que fazem parte das tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i> e o cartunista Bill Watterson.
	15. Apresentação das temáticas abordadas nas tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i> Objetivo: conhecer as temáticas inseridas nas tiras cômicas criadas por Bill Watterson.
	16. Brincando com a tira – “Expectativa”. Objetivos: participar da brincadeira “Expectativa”; compreender e identificar a linguagem dos quadrinhos na tira abordada; compreender a presença do humor na tira cômica de <i>Calvin e Haroldo</i> .
	17. Apresentação e análise dos quatro movimentos propostos por Innocente (2005) nas tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i> . Objetivo: identificar os quatro movimentos: título e autoria, cenário, clímax e desfecho cômico.
	18. Avaliação da compreensão do humor presente nas tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i> . Objetivos: identificar o humor como característica principal do gênero <i>tira cômica</i> ; compreender a linguagem dos quadrinhos; ler e compreender a tira cômica “Vamos brincar de índio?”

Fonte: A própria autora (2016).

A proposta de intervenção foi pensada e desenvolvida na turma de sexto ano, com vinte e cinco alunos matriculados no Ensino Fundamental de uma escola pública e estadual do norte paranaense. Os alunos que pertencem à turma são provenientes de escolas públicas do município. A cidade dispõe de quatro escolas municipais com ensino de Educação Infantil (6 anos) e Fundamental do 1º ao 5º ano; uma escola estadual, escolhida para o desenvolvimento da proposta em questão, que atende alunos do 6º ao 9º ano; um colégio estadual de ensino médio, profissional e de jovens e adultos. O município também conta com duas escolas privadas, que atendem alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Os vinte e cinco alunos vieram das quatro escolas municipais da cidade. A turma foi formada com uma quantidade de cinco a seis alunos de cada escola municipal. Os alunos são referenciados pela numeração de 1 a 25, para que sua identidade seja preservada. A proposta de intervenção dura aproximadamente vinte e cinco aulas. Nota-se que a grade curricular do sexto ano do Ensino Fundamental contempla cinco aulas de língua portuguesa de cinquenta minutos. Para aplicação da proposta, sugerem-se as cinco aulas no período de um mês.

Vale ressaltar que serão apresentadas expectativas de respostas (E. R.) que servirão apenas como referências para futuros desenvolvimentos da proposta.

3.3 A PROPOSTA PARA O TRABALHO DOS EFEITOS DE HUMOR A PARTIR DA TIRA CÔMICA NO 6º ANO: ELABORAÇÃO, ETAPAS, INTERVENÇÃO, AVALIAÇÃO E ENCAMINHAMENTOS

A proposta de intervenção objetivou propiciar uma construção de humor nos alunos investigados, bem como sua afinidade com o gênero estudado. Vale ressaltar que as questões que se seguem trazem expectativas de respostas, como já dito anteriormente, com o objetivo de referenciar o trabalho. No entanto, as respostas dos alunos foram consideradas de acordo com a coerência e criatividade do aluno.

Quadro 3 — Primeira parte do eixo 1: Gênero pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos*: apresentação, caracterização e comparação.

Título	Apresentação da HQ de aventuras de <i>Asterix: O papiro de César</i> de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015)
Duração	10 aulas de cinquenta minutos
Objetivo principal	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o gênero <i>HQ de aventuras</i> em sua estrutura e função social, percebendo as especificidades de sua linguagem.
Objetivos secundários	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e compreender a HQ de aventuras <i>Asterix: O papiro de César</i> • Identificar as características das personagens e a presença do humor • Compreender a linguagem dos quadrinhos: tipos de balões, legenda, onomatopeia, valor expressivo da letra etc.
Conteúdo programático	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão do gênero <i>HQ de aventuras</i>
Desdobramentos metodológico	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura coletiva do álbum <i>Asterix: O papiro de César</i> Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015) • Debate oral a partir dos questionamentos propostos na atividade 2. • Resolução das questões propostas na atividade 3. • Exploração da linguagem dos quadrinhos, conforme a proposta de atividade 4.

Fonte: A própria autora (2016).

Proposta de atividades 1 e 2	Número de aulas: 5	Data: 03/08/2016 a 05/08/2016
-------------------------------------	---------------------------	--------------------------------------

Proposta de atividade 1

Leitura coletiva do álbum *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015)

Proposta de atividade 2

Questionamentos orais

a) Vocês já conheciam o álbum que acabamos de ler?

Expectativa de Resposta (daqui em diante, adota-se a abreviatura **E. R.**).

E. R. Espera-se que parte da turma conheça o álbum lido ou outro álbum da coleção.

b) Já conheciam as personagens que fazem parte da história?

E. R. Espera-se que a resposta seja favorável.

c) Retomem a página 4 do álbum e leiam-na novamente para destacar a personagem que mais apreciou. Justifique sua resposta.

E. R. Espera-se que os alunos encontrem uma personagem que melhor se identificam de acordo com suas qualidades.

Proposta de atividades 3	Número de aulas: 2	Data: 10/08/2016
--------------------------	--------------------	------------------

Figura 61 — Alguns dos nossos heróis.



Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 4.

3. É possível relacionar alguma das personagens de *Asterix: O papiro de César* com alguma personagem contemporânea que você conhece?

E. R. Espera-se que os alunos façam a relação com Popeye, devido ao fato de ele ter que comer espinafre para ficar forte, à medida que Asterix tem que tomar poção para ficar forte. Os dois são baixinhos e de aparência semelhantes. É possível aceitar outras relações.

4. Quais sentimentos foram despertados em você após a leitura e análise das figuras?

E. R. Espera-se que os alunos relatem sentimentos relacionados ao humor.

Os diferentes estilos de desenhos

Para Cagnin (1975), as personagens podem ser desenhadas de maneira realista, estilizada ou caricata.

As imagens a seguir mostram a Mulher Maravilha representada, respectivamente, nos três estilos:

Figura 62 — Mulher Maravilha na forma realista.¹⁰



Fonte: Disponível em: <<https://hqrock.wordpress.com/2015/11/30/mulher-maravilha-filmagens-confirmam-trama-na-i-guerra-mundial/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 63 — Mulher Maravilha na forma estilizada¹¹.



Fonte: Disponível em: <http://forum.jogos.uol.com.br/batman-gordo-e-mulher-maravilha-magrela_t_3719927>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 64a — Mulher Maravilha na forma caricata¹².



Fonte: Disponível em: <<http://emmanuelcaricaturas.blogspot.com.br/2015/04/dica-de-caricatura-mulher-maravilha.html>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

¹⁰ Imagem realista está mais próxima da imagem humana.

¹¹ Imagem estilizada aproxima-se do desenho.

¹² Imagem caricata aproxima-se da caricatura.

Agora, seguem-se algumas imagens para realização da atividade 3.

Figura 65 — Papai *Smurf*.



Fonte: Disponível em: <http://pt-br.smurfs.wikia.com/wiki/Papai_Smurf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 66 — *Popeye*.



Fonte: Disponível em: <<http://thefwoosh.com/2015/04/he-yam-what-he-yam-its-time-for-a-new-popeye-toyline>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 67a — *Thor*.



Fonte: Disponível em: <<https://quadrinhos.wordpress.com/2015/11/01/o-deus-do-trovaio>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

5. Apresentamos a imagem de três personagens das HQ para você fazer a relação com algumas das personagens que fazem parte da HQ que lemos *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015).

a) Papai *Smurf* pode ser comparado com qual das personagens? Por quê? Procure identificar semelhanças e diferenças para responder essa questão.

E. R. Espera-se que os alunos comparem o Papai *Smurf* com o druida *Panoramix*, porque é o mais velho, é venerável e respeitado pelos membros da vila e faz poções, assim como o Papai *Smurf*.

b) E o *Popeye* poder ser relacionado com alguma personagem? Justifique sua resposta.

E. R. Espera-se que os alunos relacionem o *Popeye* com o *Asterix*, devido à aparência física, ambos são parecidos. Um precisa tomar poção para ficar forte e o outro espinafre. Os dois são heróis.

c) De que forma o *Thor* assemelha-se com alguma personagem?

E. R. Espera-se que os alunos assemelhem o *Thor* com o *Obelix*. Os dois são heróis, grandes e fortes.

d) As personagens abaixo relacionadas estão desenhadas de maneira realista, estilizada ou caricata? Explique.

Figura 67b — Thor.



Fonte: Disponível em: <https://quadrinhos.wordpress.com/2015/11/01/o-deus-do-trovaio/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 64b — Mulher Maravilha.



Fonte: Disponível em: <http://emmanuelcaricaturas.blogspot.com.br/2015/04/dica-de-caricatura-mulher-maravilha.html>. Acesso em: 20 jul. 2016.

E. R. A imagem de *Thor* é estilizada e da Mulher Maravilha é caricata, porque a imagem de *Thor* aproxima-se do desenho animado e já a Mulher Maravilha teve sua imagem deformada. O rosto da personagem feminina apresenta um tamanho superior ao proporcional, o que a aproxima com a caricatura.

Contextualizando...

"Estamos no ano 50 antes de Cristo. Toda a Gália foi ocupada pelos romanos... Toda? Não! Uma aldeia povoada por irreduzíveis gauleses ainda resiste ao invasor. E a vida não é nada fácil para as guarnições de legionários romanos nos campos fortificados de Babaorum, Aquarium, Laudanum e Petibonum..."

Essa é a introdução que aparece antes de cada aventura de *Asterix*, o gaulês, famoso herói das histórias em quadrinhos francesas. Nas aventuras de *Asterix*, os legionários romanos quase sempre aparecem apanhando dos gauleses, especialmente de Obelix, o melhor amigo de Asterix.

Refleta...

- Será que os antigos romanos eram parecidos com os mostrados nessas histórias?

E. R. Espera-se que os alunos responderam positivamente.

- E os outros povos da Antiguidade que também aparecem nessas histórias (gauleses, bretões, gregos, egípcios...)? Será que apresentavam semelhanças?

E. R. Espera-se que respondam positivamente.

- Será que alguma tribo de gauleses conseguiu mesmo resistir aos romanos?

E. R. Espera-se que respondam positivamente.

Contextualizando...

Segundo Vilela (2005), para responder essas e outras perguntas, precisamos separar o que é real do que é imaginário.

As histórias de *Asterix* foram criadas com o propósito de divertir e não com a pretensão de "ensinar História". As histórias de *Asterix* refletem muito mais a época em que foram criadas do que propriamente a época em que elas se passam.

Asterix foi criado pela dupla de franceses *René Goscinny* (escritor já falecido) e *Albert Uderzo* (desenhista, que continuou a criar as histórias, após a morte de Goscinny em 1977). A personagem apareceu pela primeira vez na revista francesa *Pilote*, em 1959. Segundo vários críticos, o fato dessas histórias tratarem de um povo (os gauleses) resistindo à dominação de outro (os romanos) pode ter sido inspirado na resistência francesa à ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ou uma crítica à hegemonia dos Estados Unidos, após a Segunda Guerra. Seja como for, ao ler *Asterix*, podemos aprender mais a respeito do mundo contemporâneo do que a respeito do mundo antigo.

Inicialmente, os gauleses conseguiram oferecer resistência, mas acabaram sendo conquistados pelo exército de César. Em 52 a.C., o chefe gaulês *Vercingetórix* conseguiu unir as tribos do centro e do leste da Gália contra os romanos. Tudo o que sabemos desse chefe é aquilo que o próprio Júlio César escreveu em sua obra *Das guerras na Gália*. No início, esse chefe conquistou algumas vitórias usando a prática da "terra queimada", que consistia em abandonar as terras, mas deixando-as de maneira que o inimigo não conseguisse se reabastecer (sem comida). No entanto, após uma derrota numa batalha, *Vercingetórix* se rendeu para poupar seu povo. Foi levado como prisioneiro para Roma e jogado em uma cela. Há indícios de que tenha morrido estrangulado na prisão em 46 a.C. Como se vê, apenas nas aventuras de *Asterix*, os gauleses vencem os romanos no final.

Fonte: Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/quadrinhos-e-antiguidade-o-mundo-antigo-segundo-asterix-e-obelix.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

A professora apresentou outros álbuns, tais como: *Asterix: uma volta pela Gália com Asterix* de René Goscinny e Albert Uderzo (2014); *Asterix: A galera de Obelix* de Uderzo, Albert (1997); *O aniversário de Asterix e Obelix: O livro de ouro* de René Goscinny e Albert

Uderzo (2014); *Asterix: o escudo Arverno* de René Goscinny e Albert Uderzo (2008); *Asterix: A odisseia de Asterix* de Albert Uderzo (2012) e *Asterix gladiador* de René Goscinny e Albert Uderzo (1985), para realizar os seguintes questionamentos:

6. Observem as páginas três e quatro de todos os álbuns e responda se há diferenças e semelhanças entre elas.

E. R. Espera-se que os alunos identifiquem as semelhanças existentes em todos os álbuns. Na página três de todos os álbuns, encontramos o mapa da Gália com a Aldeia Gaulesa destacada por uma lupa, com uma legenda ao lado esquerdo, na parte inferior da página, com informações que contextualizam a obra. Na página quatro, encontramos a caracterização das quatro personagens principais da história.

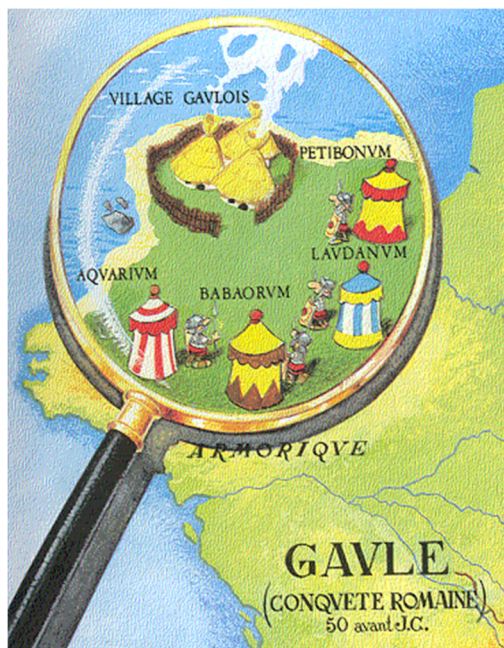
7. Por que os romanos são mais poderosos historicamente?

E. R. Porque são mais numerosos e estão mais estruturados.

8. Por que os gauleses resistem?

E. R. Eles resistem para defenderem sua cultura, seu povo e suas terras.

Figura 68 — Aldeia Gaulesa.

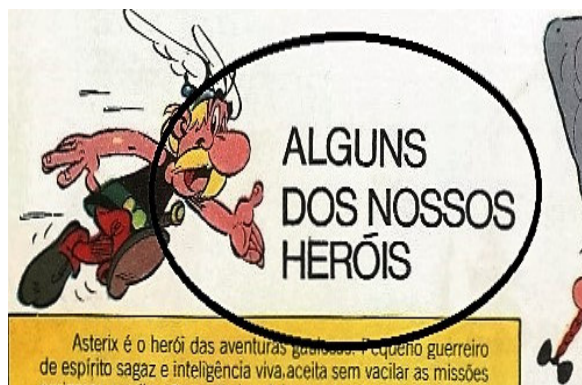


Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 3.

9. O que a imagem da lupa representa?

E. R. A vila é tão pequena que precisa de uma lupa para ser visualizada no mapa.

Figura 69 — Alguns dos nossos heróis - *Asterix*



Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 3.

10. Por que os gauleses são chamados de heróis?

E. R. Porque eles não desistiram de lutar pelos seus ideais.

11. Há dois grupos de personagens, os romanos e os gauleses. Identifique-os e escreva alguns nomes dessas personagens:

Gauleses	Romanos
<i>Asterix</i>	<i>Promocionus</i>
<i>Obelix</i>	
<i>Panoramix</i>	
<i>Chatotorix</i>	

12. Dentre os heróis gauleses descritos na página quatro, com qual você mais se identificou? De que maneira as características da descrição das personagens são reafirmadas na história?

E. R. Espera-se que os alunos se identifiquem com uma das personagens apresentados e ainda percebam que suas características são retomadas em cada nova história, por exemplo: *Obelix*,

amigo inseparável de *Asterix*, adora javalis e de boas brigas. Durante as narrativas, essas características são retomadas. *Obelix* sempre está junto com *Asterix*, são leais companheiros. *Obelix* está sempre com fome e dizendo que quer comer javalis e muitas vezes aparece em fartas refeições de javalis. Em suas lutas, adora colecionar capacetes, por ter caído no caldeirão de poção quando criança, é o mais forte e, por isso, sempre combate o maior número de romanos.

Proposta de atividades 4	Número de aulas: 3	Data: 11/08/2016 e 12/08/2016
--------------------------	--------------------	-------------------------------

Iniciando a linguagem dos quadrinhos

Proposta de Atividades 4

Vamos retomar a HQ de aventuras *Asterix: O papiro de César!*

13. A história é contada fazendo apenas uso de palavras? Explique.

E. R. A linguagem é expressa por meio de imagens (não verbal) e escritas (verbal). Por se tratar de uma HQ de aventuras, as narrativas são representadas por meio de balões e legendas, à medida que a presença das imagens enriquece a narrativa e dispensa a elaboração de detalhes.

Antes de iniciarmos a análise da linguagem dos quadrinhos, precisamos fazer algumas contextualizações acerca dos recursos que aparecem na história de *Asterix: O papiro de César*. Acevedo (1990) classifica os balões de duas formas: o continente (corpo e rabicho/apêndice) e o conteúdo (linguagem escrita ou imagem).

Figura 70 — Balão-fala e apêndice indicando fala dentro do prédio.



Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 5.

O **balão-fala** é o mais comum e expressivamente o mais neutro; possui contorno com traçado contínuo, reto ou curvilíneo; também é conhecido como balão de fala. A personagem que fala por meio do balão não precisa estar, necessariamente, presente na cena. Sua experiência pode ficar implícita no contexto da leitura. Pode ser representado com balões de apêndice cortado ou com balões de fala.

No caso da figura 1, o **apêndice** vai em direção a um espaço do prédio. Infere-se que a personagem que está falando se localiza na parte interna do prédio e lá está a personagem que está falando.

Figura 71 — Balão-mudo e uníssono.



Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 6.

O **balão-mudo** não contém fala; em geral, aparece com um sinal gráfico (como pontos). Na imagem apresentada, observamos os balões-fala com um ponto de interrogação e expressam dúvida sobre a afirmação de Promocionus, que confia o sigilo de seu feito pelo fato de seus escribas serem mudos. O apêndice está voltado para várias personagens indicando ser expressa por todas.

Figura 72 — Balão-pensamento.



Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 34.

O **balão-pensamento**, com contorno ondulado e apêndice formado por bolhas, possui o formato de uma nuvem; indica pensamento. O balão está expressando o pensamento do jornalista que recebeu uma mensagem de Júlio César marcando um encontro. As letras garrafais

<<MEU ENCONTRO COM JULIO CÉSAR>> sugerem que o jornalista está pensando na manchete da reportagem. Em seguida, temos “Pelo grande mensageiro Superpolemix...”, indicando a continuidade do texto da reportagem.

Figura 73 — As vozes presentes na legenda.



Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 6.

A **legenda** é outro recurso da linguagem dos quadrinhos apresentada, na maioria das vezes, na parte superior da vinheta, representando o narrador onisciente ou personagem. No caso da figura 73, ela se apresenta na parte superior, na forma retangular, com fundo amarelo, representando a fala do narrador onisciente, mostrando a sequência narrativa e permitindo ao leitor contextualizar-se nos acontecimentos.

Na parte inferior da vinheta, encontramos uma legenda apresentando uma nota com o significado da palavra “númidas”, que se apresenta na parte superior da legenda.

14. Retome a página 5 do álbum e verifique se todas as falas estão representadas por balões. Por quê?

E. R. Não. Existe um texto verbal no formato de legenda, representando a fala do narrador personagem.

15. Ainda na página 5, observe que, na primeira vinheta da última linha, há um balão-fala em que a apêndice está cortado na linha que fecha o balão. Justifique o motivo desse balão estar sendo representado dessa forma.

E. R. O apêndice entrecortado representa que a pessoa produtora do discurso não está na cena. Nesse caso, para sabermos de quem se trata, é necessário retomar o quadrinho anterior para verificar quem está conversando com César: Promocionus.

As onomatopeias representam uma aproximação do som e nunca uma reprodução exata. Elas podem aparecer dentro ou fora dos balões.

16. Observe no álbum que você leu e verifique como esse recurso aparece.

E. R. Espera-se que os alunos folheiem o álbum para buscarem as onomatopeias.

17. Releia a página 26. Identifique os balões que são diferentes e justifique o efeito causado na leitura e compreensão da passagem.

E. R. Encontramos balão-vibrado, indicando o som tremido que está saindo da flauta de Gasdesxistix. O balão-fala é o mais comum e expressivamente o mais neutro representado, por exemplo, na primeira vinheta pelas falas de *Asterix* e Druida.

Os diferentes valores expressivos da letra

Figura 75 — Letra em negrito.



Fonte: FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. *Asterix: O papiro de César*. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 7.

18. Nas páginas seis e sete, temos casos em que as letras dentro dos balões estão em negrito. O que isso representa enquanto efeito de sentido?

E. R. Nesses casos, o negrito representa que as personagens estão falando mais alto ou até mesmo gritando.

19. Observe as outras páginas do álbum e observem que tal recurso se repete com esse mesmo sentido.

E. R. Espera-se que os alunos olhem o álbum e identifiquem que há bastante palavras negritadas e com sentidos variados, expressando: gritos, alguns casos de onomatopeias, destacando o nome da manchete....

20. Na página catorze do álbum, Naftalina, mulher de Abracurcix, chefe da aldeia, é uma baixinha bastante temperamental, que, por meio de suas atitudes, demonstra não ter muito respeito pelo marido. Na passagem da página catorze, observamos que a esposa demonstra pouca credibilidade às atitudes do marido. A maneira que expressa suas advertências é feita para rir, expressam humor. Agora, observe outras passagens do álbum e identifique um outro fato que considerou engraçado.

E. R. Espera-se que os alunos identifiquem o humor presente em outras passagens com Naftalina e Abracurcix (p. 17); com Veteranix e sua esposa (páginas 12 e 19); quando os pombos-correios dos romanos escapam e batem na cabeça de Obelix (p. 21); combate entre gauleses e romanos (p. 21); o disfarce dos romanos (p. 22); encontro de Panoramix com o velho pirata Gasedixistix...

REFERÊNCIAS

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial; linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2014.

FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix**: O papiro de César. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VILELA, Túlio. **Quadrinhos e Antiguidade**: O mundo antigo segundo Asterix e Obelix. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/quadrinhos-e-antiguidade-o-mundo-antigo-segundo-asterix-e-obelix.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

Para continuação da proposta, o quadro quatro demonstra como estão organizadas as aulas que foram aplicadas, com intuito de explorar o gênero *charge*, suas características, principalmente, a presença do humor, o contexto de produção e a linguagem dos quadrinhos.

Quadro 4 — Segunda parte do eixo 1: Charge e a construção do humor.

Título	Humor principal característica da charge.
Duração	5 aulas de cinquenta minutos.
Objetivo principal	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e compreender as charges trabalhadas e a presença do humor como principal característica.
Objetivos secundários	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e compreender o contexto das charges apresentadas • Perceber semelhanças e diferenças entre HQ de aventuras e charge. • Comparar as características das cinco charges lidas, apontando as semelhanças e diferenças existente ente elas e a HQ de aventuras lida no início da proposta. • Identificar os recursos da linguagem dos quadrinhos nas cinco charges propostas.
Conteúdo programático	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão do gênero discursivo <i>charge</i> • Linguagem dos quadrinhos.
Desdobramentos metodológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração do painel com as cinco charges elaboradas pelos chargistas Benett e Paixão, no <i>site</i> do jornal <i>Gazeta do Povo</i>. • Resolução das questões propostas sobre as charges apresentadas no painel, comparando-as com a HQ de aventuras lida no início da proposta. • Elaboração de um quadro apontando o contexto de produção das cinco charges trabalhadas no painel. • Elaboração de um quadro comparativo entre as cinco charges abordadas no painel.

Fonte: A própria autora (2016).

Proposta de atividades 5	Número de aulas: 2	Data: 17/08/2016
---------------------------------	---------------------------	-------------------------

Proposta de atividades 5

21. Montar um painel no quadro com 5 charges do site *Gazeta do Povo*, apresentadas pelos chargistas Benett e Paixão, sem apresentar o contexto de produção. São elas:

Figura 76a — 1- Charge de Paixão de 23/06/2016.



Fonte: Paixão. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-06-23-5usid67r11p7gmewzclxc0h2e>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 77 — 2- Charge de Paixão de 22/07/2016.



Fonte: Paixão. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-07-22-86kfflizzsqo7yzp0t6q3bkvvs>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 78a — 3- Charge de Benett de 25/07/2016.



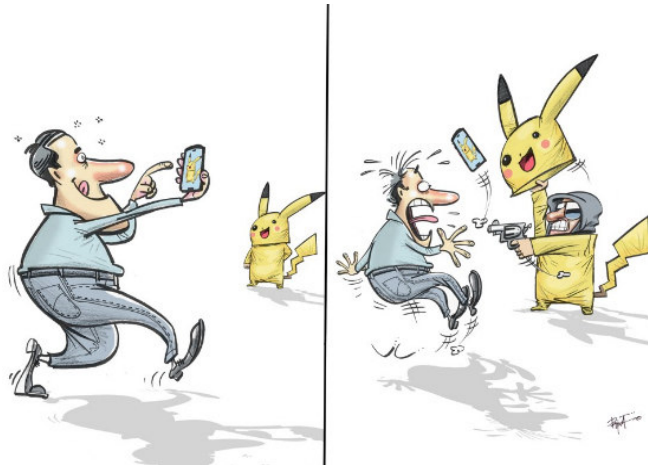
Fonte: Benett. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/2016-07-25-b0gv25qqdbvchq7z6f4b2965k>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 79 — 4- Charge de Paixão de 27/07/2016.



Fonte: Paixão. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 27 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-07-27-aliw2abugoaupqb8korzyymkv>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 80 — 5- Charge de Paixão de 06/08/2016.



Fonte: Benett. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 6 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/charges/paixao/2016-08-06-evneqbx98heqrypl06mdjm695>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Proposta de atividades 6	Número de aulas: 1	Data: 18/08/2016
---------------------------------	---------------------------	-------------------------

22. Reflita...

Observem as charges que estão anexadas no painel e conversem com seus colegas a respeito do assunto que está sendo retratado em cada uma delas. E verifiquem se há semelhanças e diferenças com a HQ de aventuras de *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015).

E. R. Espera-se que os alunos levantem de suas carteiras de forma organizada para observarem o painel que está fixado no quadro, dentro da sala de aula e, depois, conversem com seus colegas sobre a leitura que fizeram das charges. A conversa contribuirá para que um possa complementar a leitura do outro ou provocar algumas inquietações de possíveis leituras, pois não lhes revelamos as datas de publicações nem o contexto social das charges, neste primeiro momento. E ainda façam relações com a HQ de aventuras lida no início da proposta.

Proposta de atividades 7	Número de aulas: 1	Data: 19/08/2016
---------------------------------	---------------------------	-------------------------

23. Agora situe as charges, relacionando-as com a temática a que elas se referem.

Quadro 5a — Charges: contexto de produção.

Charge 1	Charge 2	Charge 3	Charge 4	Charge 5
E. R. O aumento exagerado do preço do feijão.	Recesso branco, que são férias extraoficiais, aprovada pela Câmara dos Deputados.	Pirataria do jogo <i>Pokémon Go</i> no Brasil.	As complicações que o Brasil está enfrentando para sediar as Olimpíadas Rio 2016.	Envolvimento exagerado com o jogo do <i>Pokémon Go</i> .

Fonte: A própria autora (2016).

Proposta de atividades 8	Número de aulas: 1	Data: 19/08/2016
---------------------------------	---------------------------	-------------------------

Segundo Ramos (2014), a charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual.

Contextualizando....

Nesse momento, são apresentados as charges e os artigos de opinião que foram publicados na data da publicação das charges, para os alunos fazerem a relação com o contexto de produção.

24. Agora, vamos ler dois artigos de opinião que fazem parte do contexto de produção de duas charges já estudadas.

Texto I: Governo zera imposto de importação para feijão preto e carioca por 3 meses, relacionado com a charge 1 — Valorização do Feijão no mercado.

Governo zera imposto de importação para feijão preto e carioquinha por 3 meses

A tarifa para importação dos feijões de países fora do Mercosul até então era de 10%

A Câmara de Comércio Exterior (Camex) zerou o Imposto de Importação para os feijões preto e carioquinha pelo período de três meses. O prazo foi estabelecido em reunião nesta quinta-feira, 23, presidida pelo ministro da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Marcos Pereira.

A medida foi assinada pelo ministro e será publicada amanhã no Diário Oficial da União (DOU). “A decisão foi tomada em função da elevação do preço do produto, motivada por uma combinação de fatores, dentre eles problemas climáticos que afetaram a safra”, informou o ministério.

“Como não há perspectiva do aumento da oferta do produto no mercado no curto prazo que seja proveniente da produção doméstica, decidimos que é necessário facilitar a importação,

por meio da redução da alíquota do Imposto de Importação”, explicou o ministro Marcos Pereira em nota divulgada hoje.

A tarifa para importação dos feijões de países fora do Mercosul até então era de 10%. A redução será feita por meio da inclusão de dois códigos relacionados ao feijão na Lista de Exceções à Tarifa Externa Comum (Letec).

A decisão de zerar o imposto de importação para o feijão foi anunciada ontem pelo presidente em exercício Michel Temer em sua conta no Twitter. O peemedebista usou a hashtag #TemerBaixaOPreçoDoFeijão para anunciar a medida. O termo estava nos trending topics (assuntos mais comentados) da rede social, em meio a brincadeiras de internautas com o preço elevado do grão.

Temer e o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, também anunciaram a liberação da importação de feijão da Argentina, do Paraguai e da Bolívia. Na prática, não existem barreiras para a compra do grão em países do Mercosul, mas o governo quer “quebrar o monopólio” de um pequeno grupo de importadores e permitir que redes de supermercados busquem o alimento fora do País.

Em junho, o feijão carioca (o mais consumido) ficou 16,38% mais caro, de acordo com o IPCA-15, índice prévio da inflação oficial. Já no acumulado de 12 meses até junho, os preços do produto já subiram 58,62%, também de acordo com o IPCA-15.

CASTELLANO, Daniel. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 23 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/agricultura/governo-zera-imposto-de-importacao-para-feijoes-preto-e-carioquina-por-3-meses-e2fu7uzgyht3unageoh83puq4>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

Figura 76b — Charge I: valorização do feijão no mercado (2).



Fonte: Paixão. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/charges/paixao/2016-06-23-5usid67r11p7gmewzclxc0h2e>>. Acesso em 2 ago. 2017.

25- De que forma a crítica social apresentada está associada ao humor?

E. R. O humor é revelado na charge por meio dos policiais que carregam o feijão com muito cuidado em um carro forte, pois, devido ao aumento exagerado do preço do produto, está sendo transportado como algo muito valioso.

Texto II – Imenso sucesso de “Pokémon Go” dá medo quanto ao futuro dos videogames relacionado com a charge III – Pokémon Go

Imenso sucesso de “Pokémon Go” dá medo quanto ao futuro dos videogames

Em vez de investimentos em bons jogos, aparecerão cópias baratas. E isso poderá acabar sendo um pesadelo para os jogadores mais veteranos como eu.

Foi super efetiva a decisão recente da Nintendo de se aventurar no mundo dos jogos para celulares, para dizer o mínimo. E isso poderá acabar sendo um pesadelo para os jogadores mais veteranos como eu.

É claro que o Pokémon Go está fazendo milhões de pessoas saírem de casa, se exercitarem e conhecerem outras pessoas na vida real. Não nego que é divertido: eu mesmo sou um treinador nível 13 no Team Valor, e, na semana passada, até participei de uma caminhada Pokémon pelo National Mall. Mas o sucesso estrondoso do aplicativo é uma prova daquilo que os desenvolvedores vêm dizendo há anos: “O futuro dos jogos são os jogos para celular”.

Quem disse isso foi Hideki Hayakawa, executivo-chefe da Konami, a distribuidora japonesa responsável por muitas séries amadas pelos gamers como “Castlevania” e “Metal Gear Solid”. Mas, graças à sua atitude de privilegiar os jogos para celular acima de todo o resto, a Konami se tornou uma das distribuidoras mais odiadas da indústria: em outubro, eles cancelaram o “Silent Hill”, que seria dirigido por Guillermo del Toro e contava com muita antecipação por parte dos fãs.

Park, Gene (Tradução de Adriano Scandolara). *Gazeta do Povo*. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/oimenso-sucesso-de-pokemon-go-da-medo-quanto-ao-futuro-dos-videogames-cur6o2kkbc1f2cxwtvkh3yccv?ref=aba-ultimas>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

Figura 78b — Charge III – *Pokémon Go* (2).



Fonte: Benett. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/2016-07-25-b0gv25qqdbvchq7z6f4b2965k>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Obs.: O contexto de produção das charges: II Recesso Branco, IV *Pokémon Go* no Brasil e V Atletas olímpicos chegando ao Brasil são comentados pela professora. Nesse momento, será retomada a questão 2, em que será feita a correção do quadro, de acordo com as expectativas de respostas.

26- Após a leitura e discussão, preencha o quadro de comparação entre as charges:

Quadro 6 — Comparação entre as charges,

Charge	Fato da atualidade	Crítica social	Recursos dos quadrinhos
Charge I	E. R. Preço do feijão.	E. R. Aumento exagerado.	E. R. Cor, expressão facial, linhas cinéticas, linguagem verbal e não verbal, sequência narrativa.
Charge II	E. R. Recesso branco.	E. R. Os senadores não precisam “bater ponto” no Congresso e nem justificar sua ausência.	E. R. Cor, imagem caricata de personagem pública, texto verbal e não verbal, sequência narrativa.
Charge III	E. R. Pirataria do jogo <i>Pokémon Go</i> .	E. R. Delírios tecnológicos resultantes da pirataria do jogo.	E. R. Cor, expressão facial, linhas cinéticas, linguagem verbal e não verbal, sequência narrativa.
Charge IV	E. R. As dificuldades que o país estava enfrentando para sediar as Olimpíadas Rio 2016.	E. R. Problemas que os atletas estão enfrentando para se instalarem na cidade Olímpica no Rio de Janeiro e terem uma estadia de qualidade.	E. R. Cor, linguagem não verbal.
Charge V	E. R. Uso excessivo do jogo <i>Pokémon Go</i> .	E. R. O uso excessivo do jogo resulta em desastres como assaltos.	E. R. Cor, expressão facial, linhas cinéticas, texto não verbal, sequência narrativa dividida em dois momentos.

Fonte: A própria autora (2016).

Segundo Ramos (2014), a cor está presente nas histórias em quadrinhos. Os signos plásticos contêm informação que, muitas vezes, são mais relevantes para compreensão do texto narrativo.

REFERÊNCIAS

BENETT. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/>> . Acesso em: 2 ago. 2016.

_____. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

CASTELLANO, Daniel. *Gazeta do Povo*. Disponível em: 23 jul. 2016 <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/agricultura/governo-zera-imposto-de-importacao-para-feijoes-preto-e-carioquinha-por-3-meses-e2fu7uzgyht3unageoh83puq4>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

PAIXÃO. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/charges/paixao/2016-06-23-5usid67rl1p7gmewzc1xc0h2e>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

_____. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/charges/paixao/2016-07-22-86kfflizesqo7yzp0t6q3bkvvs>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

_____. *Gazeta do Povo*. Publicação em: 27 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/charges/paixao/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

PARK, Gene (Tradução de Adriano Scandolaro). *Gazeta do Povo*. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/oimenso-sucesso-de-pokemon-go-da-medo-quanto-ao-futuro-dos-videogames-cur6o2kkbc1f2cxwtvkh3yccv?ref=aba-ultimas>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

A terceira parte do primeiro eixo diz respeito ao trabalho que se desenvolveu com o gênero *cartum*. As atividades abordam aspectos característicos do gênero, linguagem dos quadrinhos e o humor. O quadro 5 resume os objetivos propostos, duração, conteúdo abordado e a metodologia abordada durante as aulas.

Quadro 7 — Terceira parte do eixo 1: O cartum e charge – semelhanças e diferenças.

Título	A presença do humor nos cartuns de Quino.
Duração	2 aulas de cinquenta minutos.
Objetivo principal	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e compreender o cartum relacionando as semelhanças e diferenças com a charge.
Objetivos secundários	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o gênero <i>cartum</i>. • Ler e compreender os cartuns de Quino. • Identificar a presença do humor. • Identificar a linguagem dos quadrinhos no cartum. • Comparar os elementos constitutivos da charge e do cartum, relacionando suas semelhanças e diferenças.
Conteúdo programático	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão do gênero discursivo <i>cartum</i>. • Linguagem dos quadrinhos.
Desdobramentos metodológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção das imagens de três cartuns tv <i>pendrive</i> para a leitura e discussão com os alunos. • Realização das atividades propostas.

Fonte: A própria autora (2016).

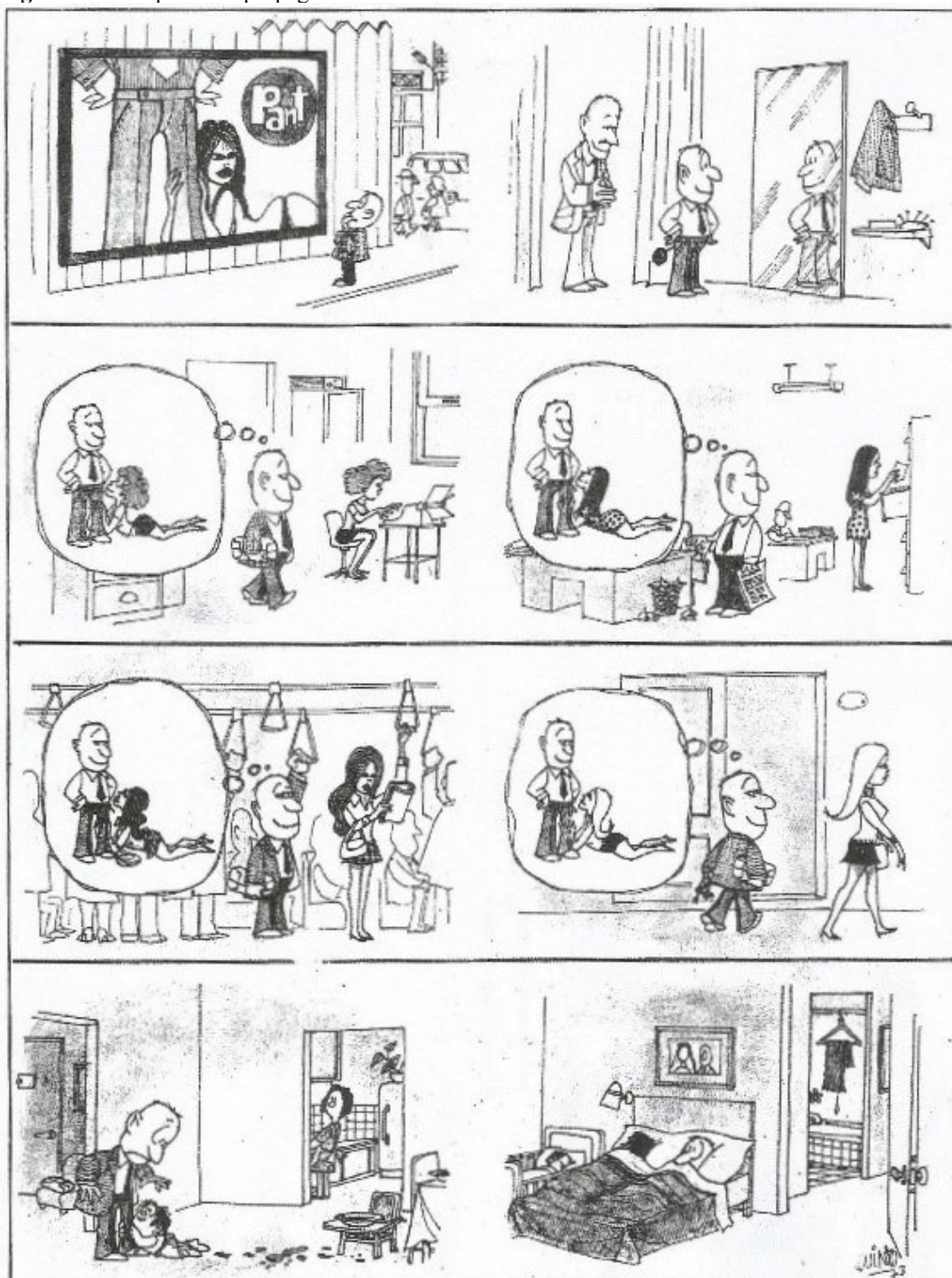
Proposta de atividades 1	Número de aulas: 2	Data: 24/08/2016
--------------------------	--------------------	------------------

Proposta de atividades 1

Apresentar a imagem de três cartuns na tv *pendrive* e entregar uma cópia impressa aos alunos.

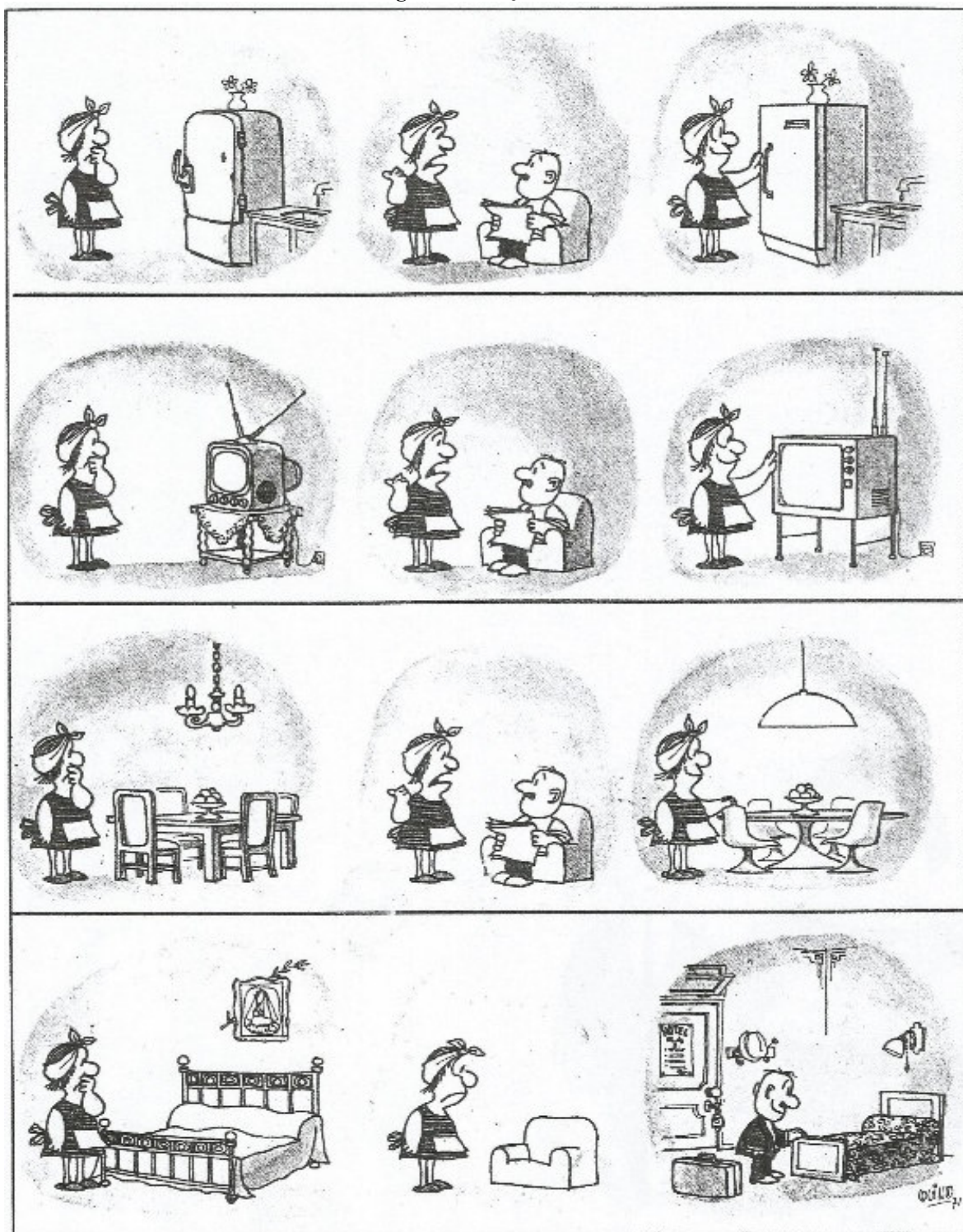
Cartum I

Figura 81 — O poder da propaganda.



Fonte: QUINO. *Ibem, obrigado, e você?* n. 4, 2. ed. 1982.

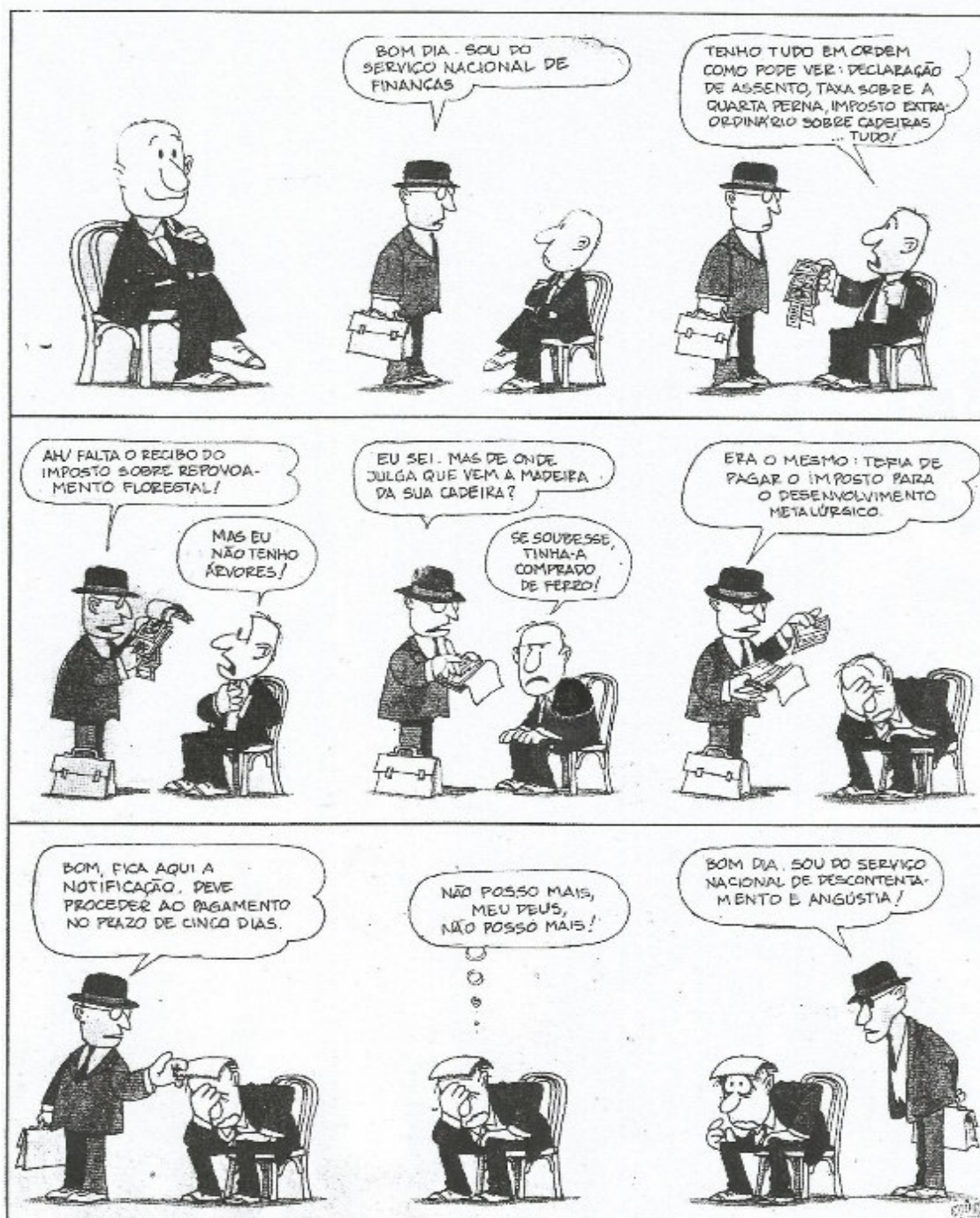
Cartum II
Figura 82 — Quero trocar!?



Fonte: QUINO. *Ibem, obrigado, e você?* n. 4. 2. ed. 1982.

Cartum III

Figura 83 — Hora de pagar impostos.



Fonte: QUINO. *Ibem, obrigado, e você?* n. 4. 2. ed. 1982.

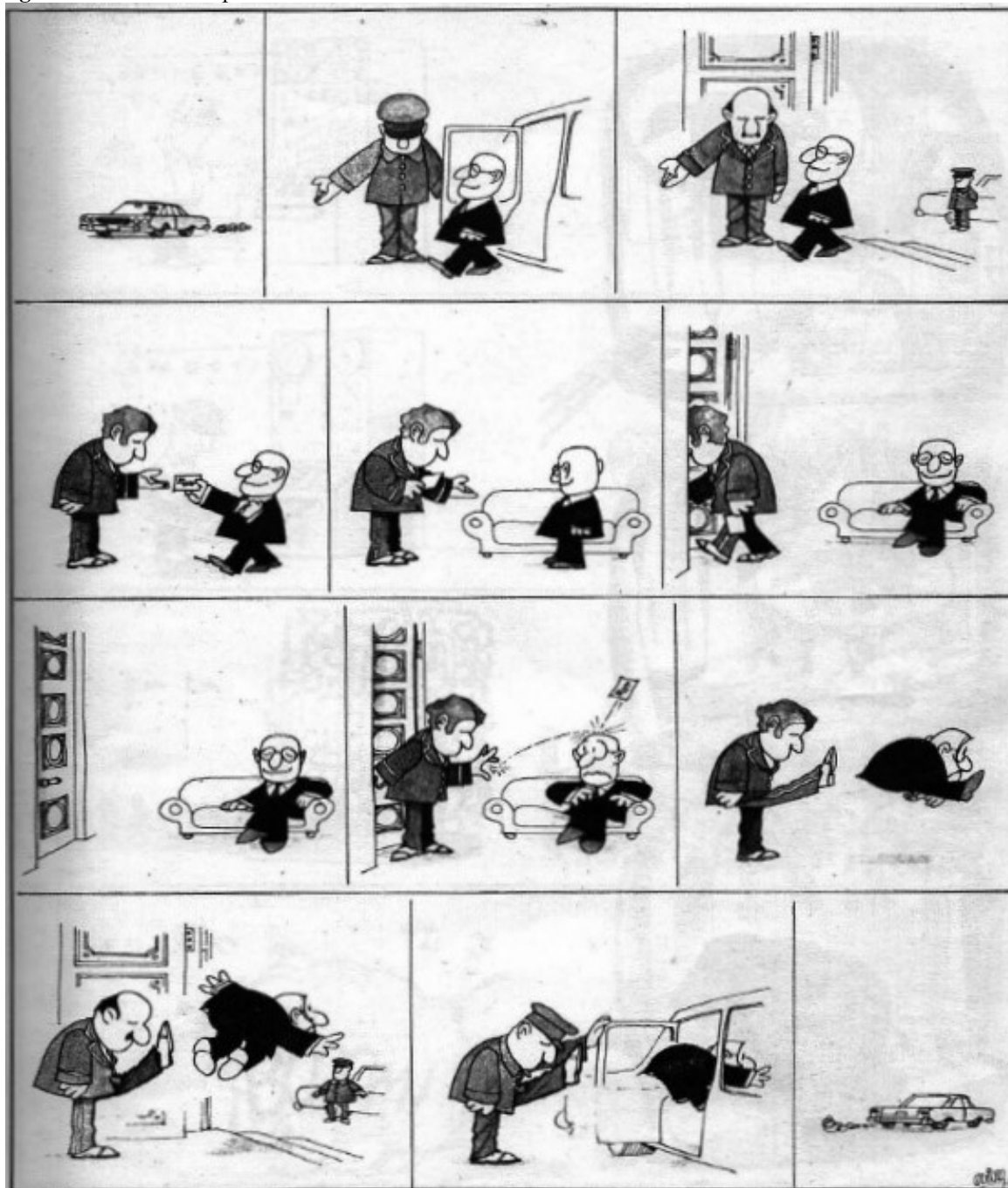
Conversar sobre cada cartum com os alunos, para compreenderem as características do cartum, relacionando semelhanças e diferenças entre eles.

Realizar uma análise comparativa entre o gênero *charge* (vínculo com atualidade, temporal, crítica social, com humor) e *cartum* (reflexão dos costumes e temas universais, com humor, narratividade).

Análise do cartum — Posso hospedar-me?

Cartum IV

Figura 84 — Posso hospedar-me?



Fonte: QUINO. *Ibem, obrigado, e você?* n. 4. 2. ed. 1982.

Após a leitura do cartum, responda as questões de 27 a 29:

27. As vinhetas aparecem interligadas no cartum numa sequência que permite ao leitor compreender a ação ou os acontecimentos. Observe o cartum de Quino e narre a sequência, usando apenas a linguagem verbal.

E. R. Um carro vem na direção, provavelmente, de um hotel. O porteiro abre a porta do carro para o homem descer. Com boa aparência e bem vestido, o homem é conduzido na direção do hotel, onde é recebido por outro homem. Este lhe mostra o caminho a seguir. Ao entrar, é recebido por outro homem, certamente, o gerente do hotel. O senhor bem vestido entrega um cheque ou cartão ao gerente que segue para fazer a consulta, verifica tratar-se de um trapaceiro e joga o cheque na sua cabeça. Em seguida, coloca-o para fora de casa em pontapés. O mesmo ato é repetido pelos homens que o recebera. Sem alternativas de permanecer no hotel, o homem segue com seu carro.

28. Retome a oitava vinheta, justifique o significado das linhas cinéticas e relacione-a com humor.

E. R. Demonstra que o cheque saiu da mão do gerente do banco e foi arremessado na cabeça do homem que tentava hospedar-se no hotel.

29. Observe que a construção do movimento se dá na visão do leitor, quando ele inicia a leitura desde a primeira vinheta até a última. Retome a décima vinheta e justifique de que maneira podemos observar que as personagens estão se movimentando.

E. R. Quando retomada a oitava vinheta, verifica-se a posição do personagem. Na nona, mantém-se outra posição e, na décima, já está sendo atirado dentro do carro.

Quadro 8a — Semelhanças e diferenças entre cartum e charge.

Gêneros	Texto humorístico	Vínculo temporal	Temática	Narratividade	Recurso da linguagem dos quadrinhos
Cartum	Humor com vínculo à situação corriqueira/cotidiana.	Sem vínculo temporal.	Reflexão dos costumes e temas universais.	Texto narrativo em um ou mais vinhetas.	Linguagem não verbal, Personagens, vinhetas, linhas cinéticas.
Charge	Humor com vínculo em um fato jornalístico com intuito de fazer uma crítica social.	Com vínculo temporal, relacionado à atualidade.	Fatos da atualidade, figuras públicas e fatos do noticiário.	Texto narrativo em uma vinheta (maioria), podendo apresentar mais de uma.	Linguagem verbal e não verbal, personagens, vinhetas, linhas cinéticas, cor etc.

Fonte: A própria autora (2016).

REFERÊNCIA

QUINO. **Ibem, obrigado, e você?** n. 4. 2. ed. 1982.

Quadro 9 — Terceira parte do eixo 1: O cartum e charge – semelhanças e diferenças.

Título	Tira cômica: humor e linguagem dos quadrinhos
Duração	8 aulas
Objetivo principal	<ul style="list-style-type: none"> • Ler, compreender e identificar a presença do humor nas tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i>.
Objetivos secundários	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os gêneros quadrinísticos presentes no jornal <i>Folha de Londrina</i>. • Identificar as características dos gêneros: tira cômica e charge. • Conhecer as personagens que fazem parte das tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i>. • Conhecer cartunista e produtor das tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i> de Bill Watterson. • Participar da brincadeira <i>Expectativa</i> proposta. • Conhecer as temáticas inseridas nas tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i>, criadas por Bill Watterson. • Identificar os quatro movimentos presentes nas tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i>. • Identificar o humor como característica principal do gênero <i>tira cômica</i>. • Compreender a linguagem dos quadrinhos. • Ler e compreender as tiras cômicas estudadas.
Conteúdo programático	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e compreensão do gênero discursivo <i>tira cômica</i>. • Caracterização do humor. • Biografia de Bill Watterson. • Caracterização dos personagens da tira cômica de <i>Calvin e Haroldo</i>.
Desdobramentos metodológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração dos gêneros quadrinísticos presentes no jornal <i>Folha de Londrina</i>: charge e tira cômica. • Confecção de um cartaz com as tiras cômicas e charges encontradas no jornal <i>Folha de Londrina</i>. • Apresentação das tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i>, biografia de Bill Watterson e seus personagens. • Identificação das temáticas abordadas nas tiras cômicas de <i>Calvin e Haroldo</i>. • Exploração das tiras cômicas de Bill Watterson a partir das propostas de atividades. • Avaliação da proposta de trabalho desenvolvida com os alunos.

Fonte: A própria autora (2016).

Para desenvolver o trabalho com a tira cômica, primeiramente, explora-se seu suporte *jornal*, para depois propor o objeto de estudo, que são as tiras de *Calvin e Haroldo* publicadas, inicialmente, nos jornais americanos, e, mais tarde, nos jornais de outros países, como no Brasil e em coletâneas editadas pela Conrad.

Proposta de atividades 1, 2 e 3	Número de aulas: 3	Data: 25/08/2016 e 26/08/2016
--	---------------------------	--------------------------------------

Introdução ao gênero *tira cômica*

Proposta de atividades 4

Levar o jornal *Folha de Londrina* para sala de aula: 5 exemplares para os alunos trabalharem em grupo de 5 alunos, realizando as seguintes atividades:

1. Identifique, no jornal *Folha de Londrina*, quais são os textos que estão ligados ao hipergênero *histórias em quadrinhos*. Agora, coloque sim ou não na tabela abaixo para os gêneros identificados:

Charge	Cartum	Tira
E. R. sim	E. R. não	E. R. sim

30. Em que espaço (folha) do jornal esses gêneros se encontram?

E. R. Charge – *Folha Opinião* e tira – *Folha 2*.

31. Agora vamos montar um cartaz com as charges. O cartaz tem que apresentar: título, charge, o contexto de produção (da charge), crítica social e os recursos dos quadrinhos de maior destaque.

32. Recorte e cole as tiras presentes no jornal e cole-as no sulfite.

a) Faça uma lista de quais recursos dos quadrinhos foram utilizados.

E. R. Cor, linguagem verbal e não verbal, presença de balões e narratividade em três vinhetas.

b) Quantas tiras há no jornal?

c) Quem produziu?

d) Servem para divertir?

e) São engraçadas? Por quê?

Figura 85 — Tira cômica de *Calvin e Haroldo* e o jornal.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*: o livro do décimo aniversário. São Paulo: Conrad, 2013. p. 6.

As histórias em quadrinhos são meios maravilhosamente versáteis, uma poderosa combinação de palavras e imagens. A tira cômica é capaz de retratar diversas situações que o quadrinista tenha imaginação para produzir.

São produzidas para serem publicadas nos jornais de acordo com o cronograma diário dentro do espaço delimitado pelo jornal.

Proposta de atividades

Vamos conhecer as personagens que fazem parte das tiras cômicas de *Calvin e Haroldo* que será objeto de nosso trabalho.

Figura 48b — *Calvin*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 16.

Calvin recebeu esse nome por causa de Calvino, um teólogo do século XVI que acreditava em predestinação. A maioria das pessoas acha que Calvin é baseado em um filho de Watterson ou em sua infância. Mas, na verdade, o quadrinista não teve filhos. Durante sua infância, foi uma criança tranquila e obediente. Watterson assume que Calvin se parece com

ele enquanto adulto, pois “muitas das afirmações e metáforas de Calvin são minhas” (WATTERSON, 2013, p. 21).

Figura 49b — *Haroldo*.



Fonte: obra do cartunista.

Haroldo (Hobbes, no original) tem esse nome por causa de um filósofo do século XVII cuja visão pessimista era quanto à natureza humana. Possuía a dignidade, a paciência e o bom senso da maioria dos animais que se conhece. Haroldo foi inspirado em grande parte em uma gatinha de estimação de Watterson, chamada Sprite. Além de ser longilínea e ter o rosto largo como o de Haroldo, ela foi o modelo para a responsabilidade dele. Apesar de Haroldo apresentar um comportamento humanizado pelo fato de andar sobre duas pernas e falar, seu lado felino é preservado em suas características físicas e em seu comportamento. “Harolde é muito mais uma referência ao caráter subjetivo da realidade do que um boneco que ganha vida” (WATTERSON, 2013, p. 21).

Figura 50b — Os pais de *Calvin*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 85.

Os pais de Calvin são assim chamados, pois, no que diz respeito ao universo da tira, eles são importantes apenas pelo papel que executam. Os pais de Calvin só aparecem como coadjuvantes, ou seja, só reagem a algo que Calvin faz. São personagens realistas, apresentam uma boa dose de humor por ter um filho como Calvin.

Figura 51b — *Susie Derkins*.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 27.

Susie Derkins é uma menina boazinha, séria e inteligente. Calvin e Susie apresentam uma relação de amor e ódio. Parece que Calvin gosta de Susie e tenta expressar isso fazendo coisas irritantes. Mas Susie não se deixa abalar e acaba conseguindo lidar com as esquisitices dele.

Figura 52b — Senhora *Wormwood*.



Fonte: obra do cartunista.

Senhora Wormwood é a professora de Calvin e tem esse nome por causa do aprendiz de diabo em *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C.S. Lewis. Ela está prestes a se aposentar, fuma demais e toma uma porção de remédios, leva muito a sério o valor da educação e não parece ser uma pessoa feliz.

Figura 53b — *Moe*.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 76.

Moe é grandalhão, feio, cruel e demonstra pouca inteligência. Está sempre usando da força de forma ameaçadora para conseguir o que precisa.

Figura 54b — *Rosalyn*.



Fonte: Watterson, Bill. *Calvin e Haroldo: Deu “tilt” no progresso científico*. São Paulo: Conrad, 2009, p. 91.

Rosalyn é a babá de Calvin e, provavelmente, é a única pessoa de quem tem medo. Ela parece explorar os pais de Calvin, aproveitando-se do desespero deles para exigir adiantamentos e aumentos.

Figura 86 — Bill Watterson.



Fonte: Disponível em: <<http://depositodocalvin.blogspot.com.br/2009/04/biografia-de-bill-watterson.html>>. Acesso 20 set. 2016.

Bill Watterson e as aventuras de *Calvin e Haroldo*

Bill Watterson nasceu em 05 de julho de 1958, em Washington D.C., filho mais velho de James G. Watterson, um examinador de patentes, e de Kathryn Watterson, que após a mudança da família para Chagrin Falls, Ohio, quando Bill tinha seis anos de idade, viria a se tornar membro do conselho municipal.

Graduou-se em Artes com ênfase em Ciências Políticas pelo Ohio's Kenyon College em Gambier, em 1980. Durante o curso, Watterson foi cartunista do The Kenyon Collegion, jornal da faculdade que circulava entre os alunos. Ainda nessa época fez ilustrações para a editora Puck Press, tendo como principal trabalho a capa do livro “Best Political Cartoons of 1978” (As melhores Charges Políticas de 1978).

Esses pequenos trabalhos deram a Bill o status necessário para conseguir um emprego de seis meses no jornal Cincinnati Post, com a produção de charges políticas. O emprego não deu certo e Watterson se transferiu para o jornal semana *Target*, voltado para charges políticas e celebridades. O jornal não durou muito tempo — a última edição foi número 24 —, mas deu a experiência necessária para o cartunista seguir em frente.

Bill Watterson não era muito adepto das formas convencionais das tiras de jornais. Durante sua carreira, tentou muitas vezes inovar métodos e técnicas. Acima de tudo, acreditava no trabalho do cartunista e no valor artístico dos quadrinhos e, por isso, se incomodava com a diminuição dos espaços dedicados à arte. O cartunista realmente acreditava no poder das imagens críticas das charges e tirinhas.

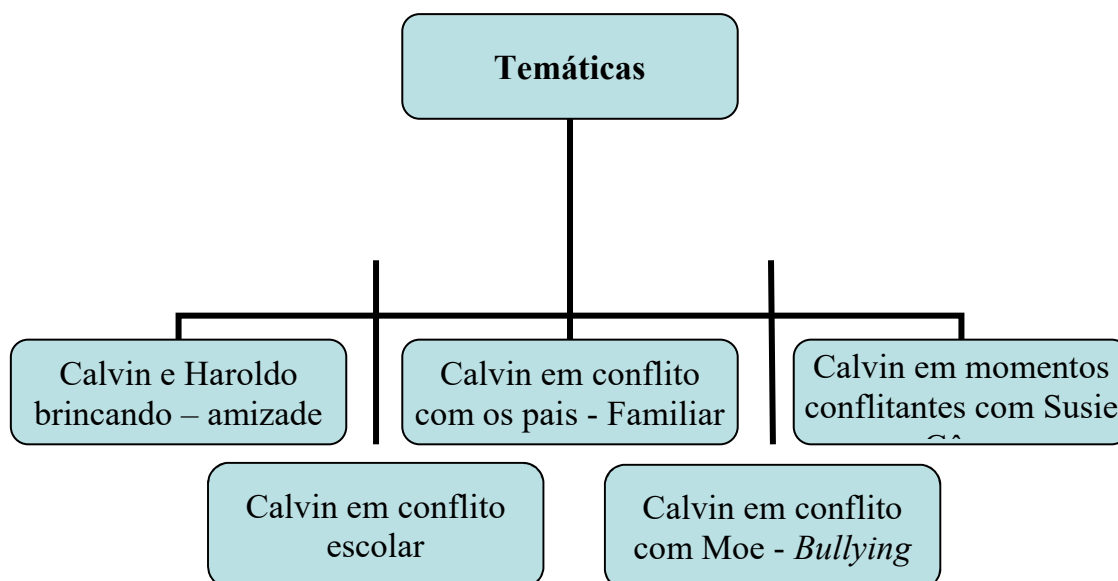
Foi no dia 18 de novembro de 1985 que nasceu a tirinha de *Calvin & Hobbes* (*Calvin & Haroldo*, no Brasil). A tira traz a relação entre Calvin, um menino bastante ardiloso, e seu tigre de estimação, Haroldo. As aventuras desses dois amigos duraram 10 anos, de 1985 a 1995 e fizeram sucesso em vários lugares do mundo.

Na história, o jovem Calvin é dono de uma imaginação fértil que cria aventuras incríveis e dá vida a Haroldo, seu tigre de pelúcia e fiel escudeiro.

Fonte: DUTRA, Katia. **Bill Watterson e as aventuras de Calvin e Haroldo** (2012). Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2012/07/05/bill-watterson-e-as-aventuras-de-calvin-e-haroldo/>>. Acesso em: ago. 2016.

Proposta de atividades

Organograma 1 — Temáticas.



Fonte: A própria autora (2016).

33. Ao receber as tiras, classifique-as de acordo com sua temática. Assim temos:

- 1- *Calvin e Haroldo* brincando;
- 2- *Calvin e Haroldo* em conflito com os pais;
- 3- *Calvin* em momentos conflitantes com *Susie*;
- 4- *Calvin* em conflito escolar;
- 5- *Calvin* em conflito com *Moe*.

Figura 87 — *Calvin e Haroldo* brincando.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 108.

Figura 88 — Calvin e Haroldo em conflito familiar.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. A hora da vingança. São Paulo: Conrad, 2009. p. 33.

Figura 89 — Calvin e Haroldo em conflito com Susie.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Yukon Ho. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 18.

Figura 90 — *Calvin e Haroldo* em conflito escolar.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Criaturas bizarras de outro planeta. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 92.

Figura 91 — *Calvin e Haroldo* em conflito com Moe.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Deu "Tilt" no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009. p. 6.

34. Façam a leitura da tira de *Calvin e Haroldo* e identifiquem a temática que escolhemos para nossa proposta de trabalho. Troque ideias com seus colegas e escreva no espaço abaixo as conclusões que chegaram.

Figura 92 — E foi assim que tudo começou (1).



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 12.

E.R. Espera-se que os alunos façam a leitura da tira e identifiquem a temática, a qual está relacionada aos momentos conflitantes entre Calvin e Susie.

35. A fala de Calvin aparece fora do balão na segunda e terceira vinheta. Explique por que tal recurso foi utilizado?

E. R. Segundo Ramos (2014), há o balão-zero ou ausência de balão quando não há o contorno do balão, podendo aparecer indicado com ou sem apêndice. No caso da tira acima, há a presença do apêndice. As letras estão em negrito, sugerindo tom de voz mais alto.

Figura 93 — E foi assim que tudo começou (2).



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 12.

36. Após a leitura da tira acima, podemos afirmar que Calvin realmente não sabia o nome de Susie?

E. R. Não, pois, quando se lê a tira em questão, observa-se que ele grita o nome e o sobrenome de Susie.

37. Calvin está sendo sincero na segunda e terceira vinheta? Justifique.

E. R. Não, pois seu comportamento, na última vinheta, denuncia que ele diz algo, mas, na verdade, sente o oposto.

38. Considera a tira engraçada? Procure justificar o que foi engraçado.

E. R. Sim. O humor está presente no fato de Haroldo perceber que Calvin estava mentindo quando provocava Susie. Na verdade, ele gostou da garota, só não sabia ou não entendia seus sentimentos. O humor é revelado na última vinheta, quando Haroldo revela para Calvin que Susie “é uma gatinha”.

Figura 94 — E foi assim que tudo começou (3).



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 13.

39. A partir da leitura da tira, podemos afirmar que Calvin está sendo educado com Susie? Justifique.

E. R. Não. Susie aproximou-se de Calvin educadamente, mas ele a provoca dizendo que seu sanduíche é feito de olho de lula. Susie não gostou nenhum pouco da brincadeira e chamou a professora para advertir o garoto.

Proposta de atividades 4	Número de aulas: 2	Data: 31/08/2016
---------------------------------	---------------------------	-------------------------

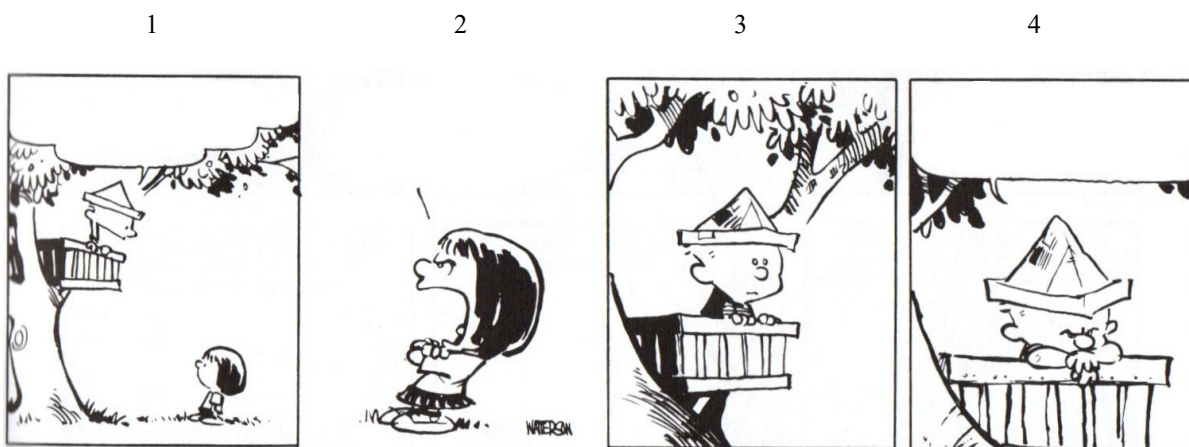
Proposta de atividades 4

40. O professor recorta a tira abaixo e entrega uma vinheta de cada vez aos alunos, para que eles percebam que o humor se faz a partir da quebra de expectativa marcada na última vinheta. A brincadeira é baseada no jogo chamado “Disparate”. A partir da ideia desse jogo, foi feita a adaptação para as tiras

Descrição da brincadeira “Expectativa”

A *Expectativa* é um jogo de inventar histórias a partir de uma determinada vinheta. Junte-se um grupo de pessoas, uma tira de papel, uma tira cômica de *Calvin e Haroldo* e um lápis. Cada pessoa tem que descrever uma vinheta. O número de participantes será de acordo com a quantidade de vinhetas. Supondo que a tira tenha quatro vinhetas, então esse grupo terá quatro componentes. Quem começa o jogo responderá o que está acontecendo na primeira vinheta, sem ter visto as demais, e assim se segue até o último. No final do jogo, o último integrante desdobra a tira e lê a história maluca que se formou.

Figura 95a — *Calvin* isso é discriminação? (1).



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 13.

E. R. Espera-se que os alunos participem da brincadeira com entusiasmo, utilizando os conhecimentos adquiridos.

Depois da leitura da história maluca, mostrar a tira original, para a compreensão da relação do texto verbal com o texto não verbal e a quebra de expectativa que há no final de toda tira cômica.

Figura 95b — *Calvin* isso é discriminação? (2).



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 13.

41. Questionamentos:

a) Sua história se aproximou da produzida por Watterson? Explique.

E. R. Espera-se que os alunos apliquem os conhecimentos adquiridos sobre a linguagem dos quadrinhos, tais como: tipo de balão, leitura de imagem e expressão facial dos personagens, espaço, tempo e narrativa. E lembrem-se de que, no final, última vinheta, deve apresentar a quebra de expectativa com um desfecho inesperado, marcando a presença do humor, característica do gênero.

b) Sentiu dificuldade em realizar a atividade: () sim () não . Justifique.

E. R. Resposta pessoal, mas se espera que os alunos não apresentem dificuldades na realização da atividade proposta. Caso haja manifestação de dificuldade, o professor precisará intervir.

c) A história que você inventou foi engraçada?

E. R. Espera-se que a resposta seja afirmativa.

d) E a tira de Watterson, você a considera engraçada? Por quê?

E. R. Espera-se que a resposta seja afirmativa, porque há quebra de expectativa na última vinheta.

Proposta de atividades 5	Número de aulas: 3	Data: 01/09/2016 e 02/09/2016
--------------------------	--------------------	-------------------------------

Com relação à estrutura, de modo geral, as tiras são produzidas em vinhetas, são dispostas em seqüências e seguem a ordem de leitura da esquerda para direita. Observem o exemplo (figura 96):

Figura 96 — Dias de inverno.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 27.

Para melhor analisar esse gênero, com base em Innocente (2005), há um conjunto de quatro movimentos que colaboram com a leitura e compreensão da tira. São eles:

Quadro 10 — Os quatro movimentos na perspectiva de Innocente (2005).

Movimento 1	Apresenta o título e a autoria.
Movimento 2	Prepara o cenário.
Movimento 3	Apresenta o clímax.
Movimento 4	Há a quebra de expectativa com a presença do humor.

Fonte: A própria autora (2016).

O professor faz a explicação dos quatro movimentos aos alunos a partir da tira (figura 96), para que, em seguida, os alunos possam realizar as atividades propostas.

Figura 97 — Descobrendo o amor.



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 45.

42. Identifique os quatro movimentos presentes na tira cômica (97) e registre-os na tabela:

E. R.

Movimento 1	E foi assim que tudo começou.
Movimento 2	É dia de inverno e, provavelmente, Calvin está no quintal de sua casa.
Movimento 3	Quando Susie acertou a cabeça de Calvin com uma bola de neve, porque ele mandou para ela um cartão de ódio e um buquê com flores murchas.
Movimento 4	Há a quebra de expectativa na última vinheta, quando os dois pensaram que suas atitudes demonstrariam que um estava apaixonado pelo outro.

Fonte: A própria autora (2016).

43. Quem está chamando o Calvin de **MONGO** na primeira vinheta? Como chegou a essa conclusão?

E. R. Espera-se que os alunos percebam que se trata de Susie, pois a segunda vinheta comprova sua presença. Assim, conclui-se que quem está gritando por Calvin é Susie, porque, na segunda vinheta, sua expressão facial e a boca bem aberta comprovam que ela está gritando e muito brava com Calvin.

44. Qual é o sentido da palavra **MONGO** nesse contexto?

E. R. Sujeito que faz *monguice*, coisas bobas.

45. A personagem que fala na primeira vinheta está:

() cochichando (X) gritando () falando com voz trêmula

46. Encontre a onomatopeia que está presente na tira cômica (97) e explique o que ela significa.

E. R. *Pow*. Representa o barulho da bola de neve ao acertar a cabeça de Calvin.

47. Quais são os tipos de balões presentes na tira cômica? De que forma eles contribuem com a compreensão de sentidos?

E. R. *Balão-berro*, primeira vinheta, demonstra que a personagem está falando aos gritos. Analisando a imagem da tira, verifica-se que a personagem que está falando se encontrava muito distante daquele que estava ouvindo, por isso a presença desse balão. As letras em negrito e garrafais evidenciam e também são um recurso utilizado para demonstrar que a personagem está falando em alto tom. *Balão-fala* aparece na segunda e terceira vinheta, demonstrando que as personagens estão conversando. O *balão-pensamento*, presente na última vinheta, demonstra que as personagens apenas pensam e não revelam o que estão sentindo.

Figura 98 — Brincando de adivinhar.



Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 35.

48. A partir da leitura da tira cômica (figura 98), responda as questões:

a) Quais são o título e a autoria da tira?

E. R. Criaturas Bizarras de outro planeta!

b) Qual é o espaço em que a narrativa da tira cômica se passa?

E. R. Provavelmente estão na calçada e próximos à casa dos dois.

c) Qual é o clímax da narrativa? E em qual vinheta ele se realiza?

E. R. O clímax está presente na terceira vinheta, quando Susie revelou para Calvin que “ninguém em juízo perfeito jamais iria querer ver?”. O questionamento de Susie revelou que ela se encontrava com juízo perfeito e, por isso, não ia querer ver o que Calvin tinha escondido nas mãos.

d) Há presença de humor a partir da quebra de expectativa. Explique como isso acontece.

E. R. A quebra de expectativa ocorre na última vinheta, quando Susie virou as costas para Calvin, atitude que demonstrou o perfeito juízo da personagem, conforme fora suposto na terceira vinheta. Seguido da decepção de Calvin, verifica-se que Susie desiste de fazer parte da brincadeira “desagradável”, proposta por Calvin.

Figura 99a — Vamos brincar de índio? (1).



Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Criaturas Bizarrias de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

49. A partir da leitura da tira cômica (figura 99a), explique como o humor é construído.

E. R. A professora corta a tira em vinhetas e entrega uma de cada vez aos alunos para que possam identificar os quatro movimentos. Pede-se aos alunos para descreverem cada vinheta segundo os questionamentos propostos oralmente pela professora. Vale ressaltar que a última tira é entregue apenas no final. Primeiramente, analisamos as três primeiras vinhetas. A proposta da atividade se justifica para que os alunos aprofundem seus conhecimentos a respeito da presença do humor nas tiras cômicas.

Figura 99b — Vamos brincar de índio (2).



- O que está acontecendo?
- Quais personagens participam da cena?
- Elas aparecem na cena ou estão ocultas?
- Qual o significado da onomatopeia **VAP**?

Fonte: WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*. Criaturas Bizarrias de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

Figura 99c — Vamos brincar de índio? (3).



- e) O que está acontecendo?
- f) A personagem que apareceu na segunda vinheta correspondeu às suas expectativas?
- g) Ao observar a expressão facial das personagens, é possível inferir seus estados de humor? Explique.
- h) *Calvin* está brincando sozinho ou acompanhado?
- i) A brincadeira é agradável?
- j) *Susie* estava gostando da brincadeira? Por quê?

Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarrias de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

Figura 99d — Vamos brincar de índio? (4).



- k) Observe a expressão facial de *Susie*. O que ela sugere?
- l) *Calvin* falou a verdade à amiga?
- m) O que você acha que *Susie* irá fazer?

Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarrias de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

Figura 99e — Vamos brincar de índio? (5).



- n) Suas expectativas em relação à atitude de *Susie* foram correspondidas?
- o) O que *Calvin* quis dizer ao falar que *Susie* “é bem perspicaz”?
- p) O que representam os desenhos que estão ao redor de *Calvin*?
- q) Como o humor foi construído na tira?

Fonte: WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarrias de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

REFERÊNCIAS

DUTRA, Katia. **Bill Watterson e as aventuras de Calvin e Haroldo** (2012). Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2012/07/05/bill-watterson-e-as-aventuras-de-calvin-e-haroldo/>>. Acesso em: ago. 2016.

WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo: o livro do décimo aniversário**. São Paulo: Conrad, 2013.

_____. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo, Conrad, 2010a.

_____. **Calvin e Haroldo**. Deu “Tilt” no progresso científico. São Paulo, Conrad, 2009a.

_____. **Calvin e Haroldo**. A hora da vingança. São Paulo, Conrad, 2009b.

_____. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo, Conrad, 2010b.

_____. **Calvin e Haroldo**. Yukon Ho! 2. ed. São Paulo, Conrad, 2010c.

_____. **Calvin e Haroldo**. Criaturas bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo, Conrad, 2011.

_____. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo, Conrad, 2010d.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO

Neste capítulo, são apresentados os sujeitos da pesquisa, a descrição de cada etapa da proposta de intervenção, bem como são discutidos e apresentados os resultados alcançados em cada uma dessas etapas. O objetivo deste capítulo, portanto, é mostrar as dificuldades, as reflexões e os avanços obtidos pela pesquisadora-professora e pelos alunos.

4.1 OS SUJEITOS DE PESQUISA E CONTEXTO DE OBSERVAÇÃO

A proposta de intervenção foi elaborada para uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública do estado do Paraná na qual a pesquisadora atua como professora há mais de dez anos. A turma iniciou o ano de 2016 com 26 alunos, sendo 13 alunos do sexo masculino e 13 do sexo feminino. No mês de março, um aluno do sexo masculino foi transferido; e, a partir dessa data, a turma ficou com 25 alunos regularmente matriculados, com a faixa etária entre 11 e 12 doze anos.

O município onde a escola está instalada possui três instituições de Educação Infantil, sendo duas filantrópicas e uma municipal. Duas escolas privadas atendem alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. E quatro escolas municipais atendem alunos do Ensino Fundamental I, sendo que duas delas fazem atendimento integral. As escolas estaduais presentes no município são duas: uma de Ensino Fundamental II e uma de Ensino Médio, profissionalizante e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A escola participante da pesquisa pertence à rede estadual de ensino e atende cerca de seiscentos e cinquenta alunos, divididos em dois períodos: cerca de trezentos no período matutino e trezentos e cinquenta no vespertino. A clientela atendida, em sua maioria, é proveniente de escolas municipais da cidade.

No ano de 2016, foram formadas 6 turmas de 6^{os} anos no período vespertino. A turma escolhida para desenvolver a proposta é formada por alunos que vieram das escolas municipais, apenas um aluno realizou os anos iniciais do Ensino Fundamental na escola privada.

4.2 COLETA DOS DADOS: INSTRUMENTOS E AGRUPAMENTO

Os dois instrumentos utilizados para coleta de dados foram: o diário de aula e as atividades dos alunos. O diário é um instrumento muito eficaz para que o professor possa refletir acerca do trabalho que está realizando. Segundo Zabalza (2004, p. 9), escrever diário é um “recurso de reflexão e lucidez profissional”. Com tal reflexão, permite-se ao professor analisar sua proposta de trabalho, verificando a contribuição para a aprendizagem dos alunos. Caso não seja eficaz, é possível repensar as estratégias de forma a ser favorável ao ensino-aprendizagem.

Em consequência, o diário possibilitou à professora-pesquisadora ter uma perspectiva ampla de tudo o que foi realizado durante a elaboração e aplicação da proposta. Assim, foi possível fazer uma análise envolvendo a prática docente e as práticas dos alunos relacionadas aos temas e às atividades trabalhadas. Diante disso, percebe-se que escrever e relatar sobre o que se está fazendo na condição de profissional é um “procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho” (ZABALZA, 2004, p. 10). E ainda, para o desenvolvimento do trabalho do professor, é possível repensar o que não deu certo e pensar de outra forma.

Por outro lado, fazer uso do diário de aula não é uma tarefa simples. Mas, durante a escrita, possibilitam-se uma experiência fantástica e um crescimento muito significativo no que diz respeito ao trabalho em sala de aula. Muitas vezes, o fato de relatar as experiências e frustrações vivenciadas em sala de aula leva à superação das dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do trabalho. Desse modo, ao retornar ao diário, “podemos obter essa dupla dimensão, sincrônica e diacrônica, de nosso estilo de ensino” (ZABALZA, 2004, p. 10). Na verdade, a prática do diário de aula é um recurso de reflexão da própria prática profissional, resultando-se em melhorias da própria pessoa na condição de sujeito profissional e daqueles que estão envolvidos com sua prática: os alunos.

As atividades foram desenvolvidas com o intuito de possibilitar um trabalho reflexivo com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II em relação à percepção do humor, principalmente nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo* (WATTERSON, 2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010d; 2011). Mas, para tanto, foi necessário trilhar um caminho que levasse os alunos a compreender as peculiaridades dos gêneros quadrinísticos — sobretudo, a tira cômica — para, assim, ter condições para analisar e identificar o humor como característica presente nos gêneros pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos*.

A proposta configura-se pela ausência de um trabalho com as histórias em quadrinhos no livro didático utilizado com a turma no ano de 2016, de modo a tratá-las como um

agrupamento de vários gêneros de características em comum e diversas. Muitas vezes, os quadrinhos, quando citados no livro didático, constituem pretexto para exploração gramatical. Desconsidera-se, dessa forma, que um texto em quadrinhos se fundamenta em duas linguagens [ou dois códigos, como trata Vergueiro (2014)]. Para Vergueiro (2014, p. 31), “dentro do ambiente das HQs, eles [os códigos] não podem ser pensados separadamente”.

Pelo fato do humor ser um dos elementos constituintes de certos gêneros quadrinísticos, optou-se por trabalhar com a charge, o cartum, a tira cômica e a HQ de aventuras com traços cômicos, tendo em vista analisar, explorar e se fazer entender o humor nesses textos. Corroborar-se com Ramos (2009, p. 187) quando diz que “não se pode compreender o sentido do humor presente num texto sem que o conteúdo seja lido e entendido”.

Para resolver o problema, o trabalho aqui relatado possui as seguintes etapas:

- 1) levantamento do problema — *como trabalhar a percepção do humor por meio dos gêneros quadrinísticos (HQ de aventuras, charge, cartum e tira cômica)?*
- 2) elaboração da proposta — seleção de textos em quadrinhos e de outros e construção de atividades.
- 3) desenvolvimento da proposta — execução com uma turma do 6º ano, entre 3 de agosto de 2016 a 2 de setembro de 2016.
- 4) análise dos resultados da proposta — coleta, agrupamento dos dados obtidos a partir de todas as atividades realizadas e análise.

Para facilitar a reflexão em torno dos dados coletados, são propostas três seções, sendo que, em cada uma delas, são respondidas as seguintes questões:

- 1) Como o aluno compreende os gêneros HQ de aventuras, charge, cartum e tira cômica? Foi capaz de reconhecer as particularidades entre os gêneros e diferenciá-los?
- 2) Os conflitos entre Calvin e Susie foram observados pelo aluno? Entendeu quando, como e por quais motivos esses conflitos acontecem? De que maneira colaboram com a construção do humor?
- 3) De que maneira o aluno percebe a presença do humor nos gêneros quadrinísticos estudados?

Segue-se a reflexão a partir dos dados coletados.

4.3 A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS: A CONEXÃO ENTRE LINGUAGEM QUADRINÍSTICA E GÊNEROS

Iniciou-se com a leitura da HQ de aventuras *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015). Nessa prática, foi possível explorar a leitura e compreensão do texto em quadrinhos, por meio da leitura coletiva do álbum e das discussões exploratórias da narrativa, pois há a necessidade de que o aluno compreenda o texto, para assim ter condições de identificar o humor. Ao retomar às anotações realizadas no diário de classe, verificou-se que, durante a leitura do álbum, alguns alunos se encontraram dispersos, talvez pelo fato de ter-se trabalhado em duplas. Entretanto, a maioria participou com dedicação e entusiasmo, colaborando com a produtividade da atividade.

Durante a leitura, aproveitou-se para verificar se os alunos conheciam as personagens ou a história lida, verificando-se que apenas dois alunos do sexo masculino (alunos 2 e 8) haviam assistido ao filme, mas não se recordavam do nome do filme. Eles foram capazes de identificar as personagens Asterix e Obelix e o uso da poção mágica pelos gauleses que lutavam por suas terras.

Assisti o filme na sessão da tarde, mas já faz tempo. Me lembro do personagem Asterix e Obelix e da poção que eles tomavam para ficar forte e defender sua aldeia dos romanos. (Sujeito 8. Trabalho com a HQ de aventuras)

Por meio de questões orais, verificou-se quais seriam as personagens mais apreciadas pela turma. Assim, obteve-se a seguinte resposta: Asterix. Dezesesseis alunos demonstraram simpatia por ele, porque é esperto, inteligente e forte. Uma parcela considerável de alunos, sete, identificou-se com Obelix, porque ele já é bastante forte e não necessita de tomar poção. Outros consideraram, ainda, o fato de ele ter como amigo inseparável o seu cãozinho Ideiafix. E, por fim, dois alunos apontaram maior apreço pelo Ideiafix, porque é um cãozinho adorável e grande amigo de Obelix, seu dono.

Asterix, porque ele é o mais esperto. (Sujeito 15. Proposta de atividade 2 c)

Obelix, porque ele já é forte e ele não precisa de toma poção. (Sujeito 25. Proposta de atividade 2 c)

Ideiafix. Ele é um cachorrinho muito lindo e fofo ele é amigo do Obelix. (Sujeito 3. Proposta de atividade 2 c)

Os alunos demonstraram maior simpatia por Asterix, por ser o mais esperto e líder das batalhas. (*Diário*, 5 de agosto de 2016. Proposta de atividade 2 c)

A escolha de iniciar o trabalho com a leitura do álbum ocorreu em decorrência de ser uma obra clássica dos quadrinhos, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos. Dessa forma, considerou-se produtivo apresentar-lhes algo que ainda não era de seu conhecimento, além de trazer bastante variedade no que diz respeito à linguagem dos quadrinhos: cores, recursos expressivos da letra, diferentes estilos de balões, onomatopeias, linhas cinéticas, linguagem verbal e não verbal, personagens fixas, presença de humor e sequência textual narrativa, entre outros. Trata-se de características da obra, aos quais se considerou importante para iniciar a formação dos leitores acerca do gênero quadrinístico, pois tanto Cagnin (2014) como Vergueiro (2014) concordam que o leitor precisa compreender os recursos da linguagem dos quadrinhos. Por isso, as primeiras atividades desenvolvidas na proposta salientaram tais recursos.

Na primeira parte do primeiro eixo (Eixo 1 — Gênero pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos*: apresentação, caracterização e comparação, p. 77), foi possível explorar a presença do humor, de um lado, utilizando-se da imagem exagerada de Obelix, a relação entre as personagens e a forma que são denominadas e, de outro, em algumas situações narradas. Assim, considerou-se a leitura das personagens que ainda não faziam parte do repertório de leitura dos alunos, procurando caracterizá-las e compará-las para estabelecer uma aproximação entre eles, personagens e alunos. Vale ressaltar que foi dada a oportunidade aos alunos para realizarem as atividades individualmente, podendo solicitar a intervenção da professora-pesquisadora, caso necessário. Ao concluírem a questão sete (p. 84), seria aberto o debate para compartilhar as respostas.

Ao concluir as atividades, verificou-se que os alunos passaram a perceber a importância da leitura da imagem, da identificação e das características das personagens. Relacionar Panoramix com Papai *Smurf* exige que o aluno faça a leitura da imagem procurando identificar semelhanças e diferenças, para assim ter condições de caracterizar as personagens. Com as atividades, possibilitou-se aos alunos refletirem e a buscarem na memória as informações que estão presentes no texto não verbal.

Todos os alunos identificaram semelhanças entre Papai *Smurf* e Panoramix, principalmente em relação à aparência física, além de serem pacientes e cuidarem da aldeia, por fazerem poção e serem o ancião da comunidade. As respostas obtidas pelos alunos a respeito da identificação de semelhanças e diferenças entre Popeye e uma personagem da HQ de aventuras merece maior atenção, pelo fato de não terem correspondido com o esperado pela professora-pesquisadora. No entanto, os alunos atribuíram explicações pertinentes e que mereceram ser relatadas nesta análise, pois, durante a prática pedagógica, é possível ensinar e

aprender com os alunos. A professora-pesquisadora está em processo de transformação e construção, precisando atuar como ouvinte e procurando crescer a cada instante nas diversas situações de interação entre ela e turma.

Dos vinte e cinco alunos, dezoito consideraram que o Popeye se assemelhava com Asterix, por serem fracos e precisarem de algo que os levassem a ter força para agir como heróis. O primeiro precisava de espinafre e o segundo de poção. Tal resposta era esperada, no entanto, não foi dada como única, pois cinco alunos fizeram a comparação com Obelix, alegando que os dois são fortes e heróis.

Durante a correção desta atividade, a questão 5 (p. 81), que diz respeito à comparação de uma personagem com Popeye, possibilitou-me perceber que alguns alunos ainda apresentavam dificuldades para identificação das características das personagens. No entanto, foi a minoria (dois alunos). E com minha intervenção, por meio de explicação individual e exploração das imagens, os alunos conseguiram realizar sua resposta à questão. Durante discussão oral, pude perceber que não foram todos os alunos que direcionaram suas respostas da forma como eu havia pensado. Assim, pude refletir acerca da elaboração das questões e, principalmente, da relevância e coerência apresentada nas respostas dos alunos. A discussão oral é demorada e bastante trabalhosa, mas permite ao aluno expor sua resposta de forma mais clara, o que, muitas vezes, não ficou evidente a mim. (*Diário*, 10 de agosto de 2016. Trabalho com a HQ de aventuras)

A contextualização histórica colaborou para que os alunos pudessem conhecer melhor as personagens e a história, desencadeando no interesse para a leitura de outros álbuns de aventuras de Asterix. Acreditava-se que, após a exploração dos recursos, a leitura seria enriquecida. Os alunos atribuirão um olhar mais crítico acerca das imagens, personagens e dos recursos quadrinísticos, contribuindo para a compreensão da leitura realizada.

A turma tinha o hábito de ler quadrinhos de *A Turma da Mônica* (Maurício de Sousa), *Cebolinha* (Maurício de Sousa), *Juca, o vampiro* (Maurício de Sousa) e *A Turma do Pererê* (Ziraldo), entre outros. Mas, ainda não tinham trabalhado a linguagem dos quadrinhos detalhadamente. Assim, paulatinamente foram instigados a identificarem personagens, suas características e semelhanças, as funções que exercem no texto, o valor expressivo de cada imagem, a forma como as letras são dispostas e apresentadas nos textos, os diferentes tipos de balões e a presença da legenda. Foi possível perceber que houve um crescimento considerável em relação à leitura dos quadrinhos e, principalmente, no que diz respeito à compreensão dos textos para assim conseguirem identificar a presença do humor.

A reflexão sobre o humor partiu do seguinte questionamento: quais sentimentos foram despertados em você após a leitura e análise das figuras? (questão 4, p. 79). A maioria das respostas obtidas não correspondeu ao esperado, devido ao fato de não identificarem graça alguma. Acredita-se na má formação da questão. A questão “Quais sentimentos foram

despertados em você após a leitura e análise da figura?” é bastante ampla e aceita várias respostas que não estejam relacionadas com o humor, mas está coerente com o questionamento. Assim, fez-se necessário fazer oralmente alguns questionamentos acerca do humor para obter a resposta esperada.

A questão 4 (p.79) deve ser reformulada... Se o objetivo é identificar o humor a questão deve ser mais direta, perguntando: a) as características das personagens revelam algo engraçado? b) Os nomes das personagens apresentam semelhanças? Quais? c) Você observou alguma coisa engraçada nas imagens apresentadas? (*Diário*, 10 de agosto de 2016. Trabalho com a HQ de aventuras)

No primeiro questionamento, a maioria dos alunos revelou que não havia “graça” na HQ de aventuras. Nesse momento, fez-se necessário retomar a questão e fazer alguns questionamentos mais objetivos acerca do humor. Depois de tais questionamentos, foi possível perceber que os alunos relacionaram o humor presente na imagem de *Abracurcix*, o chefe da aldeia que está sendo carregado por dois de seus súditos.

Professora, coitados dos dois homenzinhos magrinhos carregando seu chefe gordão. (Sujeito 5. Proposta de atividade 4 revista oralmente)

O humor também foi identificado nas características das personagens, no modo em que estão vestidas.

O jeito das roupas deles também são engraçadas (*risos*). (Sujeito 18. Proposta de atividade 4 revista oralmente)

Apesar de não estar proposto na atividade, a professora-pesquisadora aproveitou o momento para retomar a HQ de aventuras *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015) e chamar a atenção para algumas situações da história em que o humor se faz presente. Os alunos sentaram em dupla e começaram a explorar o material e assim foram chamando a professora-pesquisadora para mostrar o que identificavam conforme reviam o material. Como tarefa de casa, a professora-pesquisadora solicitou aos alunos para que encontrassem textos humorísticos com conteúdo coerente ao contexto escolar e trouxessem para serem lidos e debatidos na sala de aula, podendo ser: piadas, anedotas, crônicas, entre outros.

A aula seguinte foi iniciada com a apresentação da tarefa. A maioria dos alunos cumpriu com o que foi proposto. Apenas cinco alunos esqueceram de trazer um texto para ser lido, no entanto um deles se recordou de uma piada e contou para turma. Os alunos demonstraram bastante empolgação durante as apresentações, consideravam algumas piadas engraçadas e outras não. Foram poucas as piadas que trouxeram situações referentes a

estereótipos e preconceitos: loira, português, negro etc. A maioria era sobre o Joãozinho. O momento foi de descontração e de participação ativa dos alunos. Aqueles que não se lembraram da tarefa participaram ouvindo e comentando as piadas dos amigos.

A professora-pesquisadora explorou o humor, questionando-os por que consideravam aquelas piadas engraçadas.

[Risos] Coitado do professor, Joãozinho não quis deixar ele se sentir burro sozinho, *risos* (Sujeito 6. Proposta de atividade – Tarefa complementação da atividade 4. p. 79)

Quem é burro [risos]. (Sujeito 19. Proposta de atividade – Tarefa complementação da atividade 4. p. 79)

A maioria dos alunos acharam muita graça no fato de o professor ter pedido aos alunos para ficarem em pé, caso se considerassem burros. Joãozinho se levantou, não porque se considerava burro, mas para não deixar o professor em pé sozinho. (*Diário*, 10 de agosto de 2016. Trabalho com a HQ de aventuras)

O humor da piada está presente na quebra de expectativa, pois se esperava que Joãozinho levantasse por se considerar burro. No entanto, sua justificativa foi ter se levantado para não deixar o professor se sentir burro sozinho. Tal resposta rompe com o esperado, gerando o humor.

Finalizando as reflexões acerca das piadas para a identificação do humor presente nas piadas, seguiu-se com as atividades propostas. Assim, durante a leitura da obra *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015) e a realização das atividades propostas, foi possível observar que os alunos não dominavam alguns recursos que colaboram com a compreensão da leitura realizada.

Por meio das atividades propostas e dos questionamentos realizados em sala, destacam-se os seguintes conhecimentos:

- a) Todos os alunos já leram algum texto em quadrinhos. Portanto, tiveram acesso a algum gênero quadrinístico.
- b) A maioria não conhecia as HQ de aventuras de Asterix.
- c) Apenas dois alunos conheciam as personagens da obra: *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015).
- d) Conheciam alguns recursos da linguagem dos quadrinhos, por exemplo: onomatopeias e alguns balões.
- e) Não conheciam os recursos expressivos das letras.
- f) Não faziam a leitura expressiva das imagens, bem como das linhas cinéticas.
- g) Desconheciam o recurso das legendas.

h) Poucos conheciam os diferentes tipos de balões.

i) A percepção espacial ocorreu, porém a temporal não.

A partir desse diagnóstico, iniciou-se o trabalho de “alfabetização” dos quadrinhos, termo aferido por Vergueiro (2014). Esse processo de “alfabetização” permeia os recursos dos quadrinhos, permitindo com que os leitores criem os nexos entre imagem e texto, tendo em vista a construção dos sentidos.

Vale ressaltar que, na condição de professora-pesquisadora, estou me “alfabetizando” na leitura e compreensão dos quadrinhos no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS, 2014). Ressalto estar em processo de construção dos conhecimentos referentes à linguagem dos quadrinhos e aos gêneros, porque, quanto mais estudo, leio e tenho contato com obras e análises, desperto novos olhares para a leitura dos quadrinhos. (*Diário*, 10 de agosto de 2016. Trabalho com a HQ de aventuras)

Após a realização das atividades referentes ao álbum *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015), foi possível perceber que tal etapa foi muito significativa e bastante prazerosa aos alunos e também para a professora-pesquisadora, pois houve uma grande empolgação e questionamentos, os quais vinham para acrescentar os conhecimentos acerca do que estava sendo estudado. Vale ressaltar que algumas dessas atividades foram propostas aos alunos para desenvolvê-las em duplas, com o propósito de estimular os questionamentos, auxiliando-os na leitura das imagens tanto no âmbito individual quanto na interação com os colegas.

Os resultados obtidos com esta proposta de intervenção ratificam as constatações iniciais: os materiais didáticos são sumários e superficiais; os alunos não detêm conhecimentos adequados e suficientes para a leitura e interpretação de quadrinhos. Diante disso, com a proposta, permitiu-se, como Vergueiro (2014) sugere, que preliminarmente seja promovido o trabalho para leitura dos diversos gêneros quadrinísticos, abordando os balões, as escolhas tipográficas, a presença da onomatopeia, os recursos visuais, as expressões faciais etc. Todos esses fatores são importantes para a construção dos sentidos do texto, pois “devido aos vários recursos da linguagem quadrinística — como o balão, a onomatopeia, os diversos planos utilizados pelos desenhistas —, os estudantes têm acesso a outras possibilidades de comunicação” (VERGUEIRO, 2014, p. 22).

A respeito das anotações ligadas às apreciações, observou-se que os alunos têm uma percepção bem apurada para analisar as imagens, pois não conheciam diversos recursos quadrinísticos e, por alguns momentos, anteciparam o trabalho com alguns.

Os alunos identificaram tantos recursos que pareciam competir quem identificava mais: balões diferentes, letras garrafais dispostas de diversas maneiras... E logo vinham me questionar a respeito. Assim, anteciparam algumas explicações acerca da linguagem dos quadrinhos. (*Diário*, 12 de agosto de 2016. Trabalho com a HQ de aventuras)

A exploração da linguagem quadrinística possibilitou aos alunos outra forma de interpretar o texto em quadrinhos e, ainda, auxiliou no desenvolvimento do hábito de leitura.

Os alunos demonstraram bastante apreço e entusiasmo durante a realização das atividades sobre a linguagem dos quadrinhos, pois os questionamentos passaram a ser mais significativos. Ao apresentar outras edições das aventuras de Asterix, percebi que os alunos passaram a apresentar maior apreço para a leitura dos quadrinhos, pois pediram emprestado os exemplares para lerem em casa. Levei outros exemplares de HQ de aventuras de *Asterix* para estimular a leitura de textos desse gênero. Vale ressaltar que os alunos superaram as minhas expectativas no momento em que sugeriram uma forma de se organizar para fazer a leitura dos álbuns que levei para conhecerem. (*Diário*, 12 de agosto de 2016. Trabalho com a HQ de aventuras)

Iniciado o trabalho com o gênero *charge*, (Eixo 1 — Gênero pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos*: apresentação, caracterização e comparação, p.77), atividade 5 (p. 81), verificou-se que a maioria dos alunos já compreendia algumas características da linguagem dos quadrinhos, por exemplo, a presença da linguagem verbal e não verbal. Apresentaram um olhar mais crítico e cuidadoso perante as imagens, sendo capazes de fazer a leitura das expressões faciais das personagens, identificando a presença das linhas cinéticas como recurso que atribui sensação de movimento às imagens.

“Olha professora, o policial que está com medo!... É possível perceber pela expressão facial dele e das gotinhas que estão do lado do seu rosto”, disse um aluno (Sujeito 3) no momento em que fiz a apresentação da charge sobre a valorização do feijão no mercado. (*Diário*, 17 agosto de 2016. Trabalho com a charge)

A maneira que estão andando, o jeito dos pés deles mostram que estão com medo de carregar o feijão porque é muito caro. (Sujeito 25. Trabalho com a charge)

... é uma joia preciosa... (Sujeito 6. Trabalho com a charge)

Ele está com uma cara de muito assustado (Sujeito 21. Trabalho com a charge)

A primeira charge (figura 76a, p. 94) sobre a valorização do feijão no mercado foi de fácil interpretação aos alunos, pois estavam vivenciando o aumento exagerado do preço do feijão. Relataram: “minha mãe disse que o feijão subiu muito” (Sujeito 19); “não dá pra comer feijão não, professora, a coisa tá feia” (Sujeito 5); “agora ter uma sujeirinha de feijão no dente é luxo, [risos]” (Sujeito 24). Pelo fato de seus familiares comentaram sobre o assunto e também por ser motivo de brincadeiras ou mesmo piadas no *facebook* e outras redes sociais, os alunos estavam contextualizados com o assunto abordado na charge (figura 76a, p. 94). Isso possibilitou facilmente a leitura, interpretação e realização das atividades propostas.

Identificaram a presença do texto verbal e não verbal, a presença da imagem caricata dos policiais e a presença do humor. A maioria dos alunos destacou o aspecto físico do policial e

a maneira que um deles carregava o feijão. Em função de algo que era tão comum como o feijão, de repente, tornou-se supervalorizado. (*Diário*, 17 de agosto de 2016. Trabalho com a charge)

A dificuldade encontrada no trabalho com o gênero foi durante a compreensão da charge que trazia o contexto político (Figura 77, p. 94), pois os alunos não possuem o hábito de ler jornal nem de se apropriar de questões políticas. Nenhum aluno sabia o significado de “Recesso Branco”. Assim, precisou da intervenção da professora-pesquisadora para revelar o contexto de produção da charge para que os alunos pudessem ter condições de realizar as atividades propostas.

Professora, não entendi o que é recesso branco. (Sujeito 2. Trabalho com a charge)

Bom, parece que tem político dormindo em serviço, olha a rede aqui. (Sujeito 18. Trabalho com a charge)

E quem é esse gordinho aqui na rede? Tá com a carinha bem esquisita. (Sujeito 12. Trabalho com a charge)

E ele ainda não queria ser perturbado [risos] (Sujeito 20. Trabalho com a charge)

Foi possível perceber nos alunos o domínio de alguns recursos: a presença da imagem caricata, presença de texto verbal e não verbal, texto apresentado em uma única vinheta. Identificaram a imagem caricata da personagem, porém não foram capazes de identificar de qual figura pública estava sendo retratada. Compreenderam que se tratava de um político apenas, pois a imagem da personagem deitada em uma rede pendurada no Palácio do Planalto, em Brasília, confirmava a hipótese de ser um político. Num primeiro momento, consideraram que a personagem estava dormindo no trabalho.

Trata-se de uma leitura possível, quando é considerada a posição da personagem na rede, o traje formal (gravata e terno), o cabide (“Não perturbe. Recesso branco”), sugerindo um descanso no trabalho e a ilustração de um suposto lugar de trabalho. O enunciado “Não perturbe, Recesso Branco”, texto verbal que aparece na charge, anuncia que, durante quinze dias do mês de julho, ou seja, de dezoito a vinte nove de junho, a Câmara dos Deputados autoriza o “recesso branco”. Assim, neste período, não haverá sessão no plenário da Casa. Dessa forma, fez-se necessário fornecer aos alunos tal informação para que fosse possível a realização da atividade proposta.

A charge é um texto de humor que, segundo Ramos (2009, p. 193), “dialoga especificamente com um fato do noticiário. É uma leitura irônica de alguma informação, reportada ou não no jornal ou site em que foi veiculada”. Quando tem a presença de um político

como personagem, é comum o uso da imagem caricata, como exemplificada na charge que aborda o tema Recesso Branco (figura 77, p. 94).

Em relação às charges que trouxeram o contexto do *Jogo Pokémon Go* (figuras 78 e 80, p. 94 e 95), a leitura e compreensão também fluíram muito bem, pois, nesse momento, muitas pessoas estavam envolvidas com esse jogo e muitos deles tinham baixado o jogo em seus celulares.

Todos conhecem o jogo Pokémon Go e fizeram as seguintes interpretações: “as pessoas estão ficando desesperadas para caçar Pokémon” (Sujeito 5. Trabalho com a charge)

O jogo foi liberado no Brasil esses dias e é muito legal, eu já baixei, pena que não pode jogar na escola (Sujeito 8. Trabalho com a charge)

“as pessoas estão correndo risco de serem assaltadas, mesmo assim, continuam jogando” (Sujeito 19. Trabalho com a charge).

Os alunos falaram do jogo com muito entusiasmo. Citaram situações em que havia sido noticiada, como o fato de pessoas estarem arriscando a própria vida por causa de um jogo. Todavia, consideraram o jogo muito legal. Havia uma minoria que desprezava o jogo dizendo que jamais participaria da brincadeira. No entanto, todos tinham conhecimento a respeito do jogo, como funcionava e, por isso, a leitura e compreensão das duas charges que trouxeram o jogo Pokémon como contexto de produção fluiu perfeitamente. (*Diário*, 18 de agosto de 2016. Trabalho com a charge)

Por fim, no trabalho com a charge referente ao contexto das *Olimpíadas Rio 2016* (figura 79, p. 94), todos os alunos identificaram o gênero e a relação intertextual, devido à presença dos anéis olímpicos simbolizando as cores dos continentes participantes das olimpíadas.

Os alunos reconheceram a relação que a charge estabelecia com as Olimpíadas de 2016, que estava acontecendo no Brasil. Mas, não conseguiram interpretar e relacionar a presença do pássaro em cima dos arcos. Assim, precisaram da minha intervenção para trazer o contexto de produção: o Rio de Janeiro estava passando por dificuldades para sediar as Olimpíadas de 2016; a cidade olímpica apresentou problemas técnicos em suas instalações, o que impossibilitou, temporariamente, o alojamento dos participantes das Olimpíadas; muitos deles tiveram que se alojar em hotéis até que o problema fosse resolvido. Assim, depois de apresentar o contexto de produção e de levantar alguns questionamentos a respeito da simbologia do pássaro, os alunos apresentaram respostas significativas e relevantes aos questionamentos. (*Diário*, 18 de agosto de 2016. Trabalho com a charge)

Percebe-se que, muitas vezes, os alunos não compreendem um texto porque não conseguem estabelecer sentido a ele por meio da conexão com os conhecimentos prévios sobre a questão em discussão. Ler e compreender o gênero charge exige que o aluno faça inferências com a situação noticiada. Após a aplicação das atividades, foi possível perceber que a maioria dos alunos apresenta alguns conhecimentos e condições para avançar na análise textual. Mas, a

mediação e orientação da professora-pesquisadora durante a realização da proposta pode colaborar com o esclarecimento de algumas situações. O trabalho com o diário possibilita ao professor fazer reflexões sobre a maneira que está conduzindo seu trabalho, retomar algum assunto ou conteúdo, caso julgue necessário.

O trabalho com o diário possibilitou a mim considerável crescimento enquanto profissional da educação. Quando iniciei as anotações do diário, confesso ter relutado um pouco, pois é bastante trabalhoso e toma bastante tempo. Mas, o resultado foi gratificante, pois pude pontuar e refletir acerca dos conhecimentos adquiridos e dificuldades enfrentadas por cada aluno. Depois que adquiri a prática para realizar as anotações, escrever no diário se tornou uma tarefa fácil e prazerosa. (*Diário*, 19 agosto de 2016. Trabalho com a charge)

Para a realização das atividades da segunda etapa (p. 97), a intervenção da professora-pesquisadora aplicou-se com bastante frequência e de forma variada. Para que os alunos compreendam as peculiaridades e características do gênero, é necessário um trabalho simultâneo entre charge e contexto de produção. É importante destacar a resposta de alguns alunos sobre o contexto de produção das charges trabalhadas.

Quadro 5b — Charges: contexto de produção.

Charge 1	Charge 2	Charge 3	Charge 4	Charge 5
“Feijão ficou muito caro” (Sujeito 10)	“Políticos são folgados dorme em serviço” (Sujeito 21)	“As pessoas enlouqueceram jogando o jogo do Pokémon Go” (Sujeito 11)	“As Olimpíadas estão acontecendo no Rio de Janeiro — Brasil”. (Sujeito 2)	“As pessoas estão viciadas no jogo do Pokémon Go que estão esquecendo dos bandidos que podem aparecer nas ruas” (Sujeito 6)

Fonte: A própria autora (2016)

As respostas dadas pelos alunos comprovam a “chave” para compreensão da charge, presente nos elementos linguísticos. Cabe analisar e desvendar quais foram as relações sociais que levaram a tal produção, pois são diversos fatores, de ordem social e cognitiva, que são acionados no processo interativo para a construção de sentidos. E, vale lembrar que a charge é um texto humorístico ligado a uma crítica social de um dado momento ou de uma ação de um ser identificável na sociedade (TRAVAGLIA, 2015). Constatou-se, nas charges analisadas, a crítica social acerca do recesso branco, do uso exagerado do jogo e do aumento abusivo do preço do feijão. E, ainda, o reconhecimento do cidadão comum, da figura política e do policial e de suas funções na sociedade foram identificadas e conectadas com a proposta crítica desenvolvidas nas charges.

Na terceira parte do eixo 1: *O cartum e charge — semelhanças e diferenças* (p. 104), objetiva-se relacionar as semelhanças e diferenças entre charge e cartum. Como ação, foram

apresentados alguns cartuns (figuras 81, p. 105; 82, p. 106; 83, p. 107) para exploração oral, por meio da leitura e discussão dos textos. Em seguida, solicitou-se aos alunos que identificassem semelhanças e diferenças presentes no cartum de Quino (1982) para, em seguida, relacioná-los com as charges estudadas.

Quadro 8b — Semelhanças e diferenças entre cartum e charge.

Gêneros	Texto humorístico	Vínculo temporal	Temática	Narratividade de	Recurso da linguagem dos quadrinhos
Cartum	“É engraçado, por isso tem humor” (Sujeito 3)	“Não tem vínculo temporal.” (Sujeito 1)	“Acontecimentos do cotidiano.” (Sujeito 17)	“É narrado em linhas, mais de dois andares e vinhetas” (Sujeito 5).	“Linguagem não verbal, Personagens e linhas cinéticas”. (Sujeito 14)
Charge	“É engraçado e os acontecimentos estão ligados com o jornal” (Sujeito 2)	“Tem vínculo temporal” (Sujeito 16)	“Acontecimentos atuais” (Sujeito 24)	“Texto narrativo com uma ou duas vinhetas, quando tem uma ela é maior” (Sujeito 25)	“Linguagem verbal e não verbal, personagens, vinhetas, linhas cinéticas e é colorido”. (Sujeito 4)

Fonte: A própria autora (2016).

Os resultados apontaram que a maioria dos alunos correspondeu ao esperado. Exploraram-se a presença da narratividade, do texto verbal, do texto não verbal e o tema abordado. Solicitou-se aos alunos para narrarem oralmente os cartuns apresentados. Depois da exploração oral, encaminharam-se as atividades escritas exigindo do aluno uma produção textual (texto verbal) a partir da sequência narrativa estabelecida no cartum (figura 84, p. 108).

Analisando as atividades dos alunos, percebe-se que todos as realizaram sem dúvidas. O objetivo principal foi atingido, no entanto, foi possível perceber que ainda há alguns pontos da linguagem dos quadrinhos para serem trabalhados. A percepção do humor foi assimilada por uma minoria. Observa-se que identificar o humor presente no texto não é uma tarefa fácil para os alunos.

O homenzinho chegou com um carrão, saiu do carro com um terno, entrou no hotel, chegou no outro homem e foi bem recebido.

O homem mandou ele centá no sofá, o outro saiu de perto. E depois o homem descobre que ele é um golpista e da um chute no bumbum dele e depois ele leva outro chute e depois mais um chute e ele vai embora. (Sujeito 9. Trabalho com o cartum)

Era uma ves um homem de terno preto chegou com um carro moderno e entrou no hotel e daí o homem que trabalhava no hotel foi acompanhando o homem de terno.

E daí o homem deu o cartão dele para o homem e daí o homem viu que ele não tinha dinheiro no cartão e meteu o pé na bunda dele mandando ele pra bem longe dali. (Sujeito 15. Trabalho com o cartum)

Ao analisar as respostas realizadas pelos alunos, é possível identificar que o sujeito 9 demonstrou mais clareza na descrição: atendimento do “golpista”, recepção no hotel por um gerente. Já o sujeito 15 não se atentou para essa sequência de fatos e ainda usou o clichê “era uma vez” demonstrando pouca maturidade na produção textual. O objetivo, nessa atividade, foi verificar se os alunos conseguiam fazer a leitura do texto não verbal e a identificação do humor. Infelizmente, a maioria dos alunos se preocupou em apenas descrever os fatos narrados, esquecendo-se do humor, detalhe de extrema importância para se repensar a proposta de atividade.

O enunciado da proposta de atividade do cartum deve ser repensado, pois meu maior objetivo é identificar como os alunos percebem o humor nos gêneros quadrinísticos. O enunciado só pedia para escrever o texto na linguagem verbal. (*Diário*, 24 agosto de 2016. Trabalho com cartum)

Apesar da necessidade de fazer uma revisão no enunciado da atividade (p. 108-109), um ponto de grande importância foi percebido pelos alunos e comum em todos os gêneros quadrinísticos: a sequência textual narrativa e a leitura de imagens.

O trabalho com os gêneros quadrinísticos — HQ de aventuras, charge e cartum — possibilitou aos alunos um conhecimento e amadurecimento sobre a leitura, compreensão e identificação do humor nesses gêneros que fazem parte do hipergênero *histórias em quadrinhos*. Vale ressaltar que o foco desta pesquisa está na recepção do humor por meio desses gêneros citados, mas, em especial nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*. Acredita-se que, com as atividades que já foram realizadas, ao introduzir as tiras cômicas, os alunos já terão adquirido os pré-requisitos necessários para a continuidade deste trabalho.

4.4 A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS: OS CONFLITOS ENTRE CALVIN E SUSIE

No segundo eixo — *Tira cômica: humor e linguagem dos quadrinhos* — objetivou-se trabalhar a linguagem dos quadrinhos e o humor, a partir das tiras cômicas de *Calvin e Haroldo* de Bill Watterson (2009a; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c; 2010c; 2011). Iniciou-se com apresentação das personagens e do produtor das tiras cômicas. O material foi elaborado pela professora-pesquisadora (p. 112), em conjunto com as informações aferidas por Watterson (2013). Em leitura coletiva, de modo que cada aluno leu uma parte do material, foram feitos questionamentos quando necessários. Foi possível apresentar algumas informações sobre as

personagens que farão parte do enredo das tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, principal foco desta proposta.

Perguntaram o nome dos pais do Calvin. Então, foi destacado o que já haviam lido a respeito no texto em discussão: “eles são importantes apenas pelo papel que executam” (WATTERSON, 2013, p. 23), que é o de ser pais do Calvin.

Professora, como é o nome dos pais de Calvin? Podemos dar um nome a eles? (Sujeito 25. Trabalho com a tira cômica)

Os questionamentos foram respondidos oralmente. Solicitei a um aluno que fosse à biblioteca para pegar a caixa de dicionários para encontrarmos os significados das palavras desconhecidas. E ainda contextualizamos e exemplificamos as palavras para melhor compreensão dos alunos. Como o próprio Watterson disse, “os pais de Calvin só aparecem como coadjuvantes, ou seja, só reagem a algo que Calvin faz” (WATTERSON, 2013, p. 23). Assim, ter ou não um nome não irá interferir no papel que desenvolvem na tira cômica. (*Diário*, 26 de agosto de 2016. Trabalho com a tira cômica)

Depois de familiarizados com a leitura e feitas as discussões sobre as personagens fixas das tiras de *Calvin e Haroldo*, para conhecer um pouco mais sobre a trajetória de vida e produção do responsável pela criação das tiras, foi realizada a leitura da biografia de Bill Watterson (p. 116).

Optou-se pela organização das tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, a partir de suas temáticas:

- 1) *Calvin e Haroldo* brincando (figura 87, p. 117);
- 2) *Calvin* em conflito familiar (figura 88, p. 118);
- 3) *Calvin* em momentos conflitantes com Susie (figura 89, p. 118);
- 4) *Calvin* em ambiente escolar (figura 90, p. 119);
- 5) *Calvin* em conflito com *Moe* (figura 91, p. 119).

As cinco temáticas foram escritas no quadro, seguidas pela entrega das cinco tiras aos alunos, os quais deveriam relacioná-las com as respectivas temáticas. Os alunos receberam um papel sulfite e as cinco tiras para fazer a relação. A atividade foi realizada em dupla e os alunos não apresentaram dificuldades.

A professora-pesquisadora foi solicitada apenas para conferir a atividade realizada. Com esta atividade, os alunos puderam vivenciar um pouco do que havia sido teorizado. Desse modo, o conteúdo abordado foi assimilado de forma mais significativa. (*Diário*, 19 de agosto de 2016. Trabalho com a tira cômica)

Depois dessa atividade, apresentou-se a temática que seria abordada: momentos conflitantes entre *Calvin e Susie*. Tal escolha é coerente à vivência dos alunos e condizente com

a realidade da turma e pelo fato de terem considerado mais atrativa. Assim, iniciou-se a exploração da leitura e interpretação das tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*.

Calvin e Haroldo são personagens criadas por Bill Watterson. Calvin, menino de 6 anos e com personalidade bem forte, “dono de uma imaginação fértil que cria aventuras incríveis e dá vida a Haroldo, seu tigre de pelúcia e fiel escudeiro” (WATTERSON, 2012), seu amigo inseparável. Para Calvin, Haroldo é como se fosse um amigo real, humano, pois, em momentos em que estão sozinhos, o tigre é personificado, demonstrando, com muito humor, bastante sabedoria. São características percebidas pelos alunos, por meio das atividades aplicadas e debates em sala.

Foi possível perceber que, com as leituras das tiras cômicas, os alunos passaram a identificar as características das personagens, tanto que um dos alunos disse: “Nossa professora, o Calvin é tão teimoso que parece com o fulano. Ele não dá paz para os pais dele e não gosta de escola. Se pudesse, ficaria em casa [risos]” (Sujeito 2). Mais outros comentários foram feitos. Os alunos fizeram a relação com o amigo da sala, o que não foi muito bacana, apesar do sujeito envolvido não ter se importado. Logo fiz a intervenção, com o intuito de direcionar para a caracterização da personagem, a qual foi bastante produtiva para o trabalho. (*Diário*, 24 de agosto de 2016. Trabalho com a tira cômica)

Os comentários realizados pelos alunos sugerem que estão compreendendo as características das personagens fixas que aparecem nas tiras cômicas de Watterson. Eles entenderam a função da manutenção das características fixas dessas personagens, pois, durante a leitura, os alunos precisam retomá-las na forma de conhecimentos prévios tendo em vista a construção dos sentidos.

Susie Derkins, colega de classe do Calvin e também moradora da vizinhança, é uma personagem importante nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*. Ela, segundo Calvin, é uma garota engajada nos estudos, disciplinada e séria. Suas brincadeiras são coerentes com as de uma menina de sua idade: limita-se a brincar de casinha e tomar chá com amigos de pelúcia. É diferente de Calvin, que atribui vida ao seu bicho de pelúcia e, com ele, cria e recria diversas brincadeiras, como: viagens espaciais, corridas contra monstros e diversas artes com a neve.

Os alunos também reconheceram as características e importância de Susie, mas teve um momento da aplicação da proposta que fizeram o seguinte questionamento: “Professora, quem é Haroldo?” (Sujeito 12) Antes de responder ao aluno, pedi que retomasse o material estudado, no qual as personagens foram apresentadas. Assim, logo o aluno se lembrou de quem se tratava. Assim, ficou evidente a importância de trabalhar um assunto e retomá-lo, até que seja aprendido e assimilado pelos alunos, pois esquecem com muita facilidade. Nas tiras analisadas, *Haroldo* não apareceu com frequência, pois o foco estava voltado para os conflitos entre *Calvin e Susie*. (*Diário*, 25 de agosto de 2016. Trabalho com a tira cômica)

A primeira vez que *Susie* foi citada na tira cômica, *Calvin* conversava com o *Haroldo* a respeito da nova aluna que havia chegado e iria estudar junto com ele. Nessa tira cômica (figura 92, p. 119), trabalhou-se com os alunos o sentimento de Calvin com relação à garota que acabara de chegar. Os alunos são muitos espertos e logo argumentaram que, certamente, Calvin devia ter algum “sentimento” por *Susie* e estava mentindo quando afirmou não se importava com ela. Afinal, geralmente, quando um garoto implica com uma garota, pode ser pelo fato dela ter despertado nele um sentimento maior do que o de uma simples amizade.

Na análise da tira cômica (figura 92, p. 119), nem todos os alunos responderam se tratar da temática: Calvin e Haroldo em momentos conflitantes com *Susie*, pois, ao considerarem Calvin e Haroldo brincando, alguns arriscaram o palpite na temática *Calvin e Haroldo brincando*. Na verdade, tal relação é possível, pois *Susie* nem aparece na tira, no entanto é foco do discurso.

Calvin e Haroldo brincando. (Sujeito 1. Trabalho com a tira cômica, questão 34)

A temática é sobre *Calvin e Susie* em conflito (Sujeito 5. Trabalhando com a tira cômica, questão 34)

Calvin falando de Susie para Haroldo. (Sujeito 16. Trabalhando com a tira cômica, questão 34)

Não foi possível considerar a resposta “Calvin e Haroldo brincando”, devido ao fato de estarem próximo ao “muro” conversando sobre *Susie*, que estava passando diante deles, na rua. As respostas “A temática é sobre Calvin e *Susie* em conflito” e “Calvin falando de *Susie* para Haroldo” estão relacionadas com a tira cômica proposta. Assim, infere-se que os alunos compreenderam a temática proposta e ainda estão fazendo a leitura dos quadrinhos coerentemente.

Retomei a temática e fiz alguns questionamentos aos alunos. Solicitei para retornarem suas anotações sobre as temáticas destacadas para que apontassem a que está mais coerente com a proposta de atividade. Assim, obtive respostas mais coerentes. (*Diário*, 24 de agosto de 2016. Trabalho com a tira cômica)

Momentos conflitantes entre *Calvin* e Haroldo. (Sujeito 24. Trabalhando com a tira cômica, questão 34)

Na figura 93, é contemplada a questão (36), a qual se espera que o aluno reconheça que *Calvin* está incomodado com a presença de *Susie* na escola, mesmo que não admita. Observou-se que os alunos responderam à questão de forma condizente.

Não. Ele sabia o nome porque gritou o nome dela Susie Derkins. (Sujeito14. Trabalhando com a tira cômica, questão 36)

Não. no segundo quadrinho ele fala de boca bem aberta o nome dela. (Sujeito14. Trabalhando com a tira cômica, questão 36)

A questão 37 (p.120) exige que o aluno compreenda o texto falado por Calvin na terceira vinheta. Mas, para compreender esse texto, ele precisava retomar seus conhecimentos prévios sobre a linguagem dos quadrinhos e características das personagens fixas. A questão exigiu que o aluno inferisse sobre o fato de Calvin ser ou não ser sincero na segunda e terceira vinheta.

Na primeira vinheta, Calvin apareceu com seu amigo Haroldo, estando ambos próximos a um “muro”. O dizer de Calvin por meio do balão-fala faz com que o leitor infira que dois estão olhando para alguém passando. Como leitor, o aluno deveria também fazer tal inferência, fazendo uso dos recursos da linguagem dos quadrinhos. A atenção de Calvin estava toda voltada para essa pessoa que se aproximava. O texto reafirma o sugerido pelas imagens. Assim sendo, verifica-se se tratar de uma “garota nova”, tendo seu nome revelado na segunda vinheta. Ainda nessa vinheta, observa-se Calvin levando suas mãos próxima à boca e com a abertura bastante considerável da boca, a qual demonstra estar gritando. Por essa razão, a fala segue negritada, recurso indicativo de que a personagem está gritando, com ausência de balão. Nesse caso, dispensa-se o contorno do balão. Tudo isso, tendo o leitor (o aluno) conhecimento da linguagem dos quadrinhos, seria capaz de relacionar com a construção dos sentidos da tira.

A parte verbal evidencia se tratar de Susie. Na imagem da terceira vinheta, Calvin continuou com a boca bem aberta, demonstrando exaltação em sua fala, ou seja, manteve-se gritando e, ainda, levantou os braços com as mãos fechadas para o alto, inclinou seu corpo para o lado, seguindo o movimento da pessoa de quem ele estava falando “Susie”. A garotinha, em nenhum momento, disse algo porque o foco da sequência narrativa estava sobre a reação de Calvin em relação à presença de Susie, indicando um elemento fixo na relação entre os dois: conflitos de diferentes ordens.

Quando o aluno faz a leitura dessas palavras, ele até pode se convencer de que Calvin realmente alimentava todo esse pavor por Susie. Mas, ao ler a tira toda, compreende que Calvin disse algo de ruim para Susie apenas para chamar atenção dela, pois ainda não sabia fazer isso de uma forma diferente. Na verdade, Susie era uma garota que prendia a atenção de Calvin, fato confirmado por ele após o elogio de Haroldo, representada dentro do balão-fala. A imagem de Haroldo consolando carinhosamente Calvin, que estava irritado, reafirma certo interesse do garotinho por Susie.

Na questão 37 (p.120), o aluno precisava responder e explicar se Calvin foi sincero. Tal questionamento exigia uma leitura proficiente da tira cômica, por levar em conta o conhecimento dos recursos dos quadrinhos, por exemplo, balão, letras e, principalmente, a leitura sequencial das imagens para perceber que ele estava falando uma coisa, mas, na verdade, queria dizer outra. O jogo entre o sentido explícito e o implícito não só mostra a complexidade da construção dos sentidos de um texto em quadrinhos — com ou sem efeito cômico — como também exige que o aluno, como leitor, compreenda isso.

Sobre o recurso dos quadrinhos, observa-se que o balão-fala aparece na primeira e última vinheta, para representar a fala de Calvin e de Haroldo. O apêndice direcionado para as personagens donas dos discursos é permite identificar quem está falando. O recurso da letra negritada aparece na segunda, terceira e quarta vinheta. Na segunda e terceira, fica evidente quem estava falando e em alto tom. Já na quarta vinheta, objetiva destacar a palavra **gatinha**, característica dada por Haroldo quando se referiu a Susie. Todos esses recursos foram elencados pelos alunos oralmente.

Considerando os alunos que ainda não haviam compreendido a tira cômica abordada, a professora-pesquisadora retomou a leitura das possíveis temáticas abordadas, leu a tira novamente com os alunos e, ainda, abriu para discussão em grupo. Dessa forma, aqueles que ainda não haviam compreendido fizeram seus questionamentos orais, os quais foram respondidos e discutidos com a turma.

Em resposta à questão 39 (p. 121), exige-se que os alunos justificassem se Calvin estava sendo educado com Susie. Logo deram como resposta, conforme o esperado, alegando que, apesar de Susie ter se aproximado de Calvin educadamente, ele foi extremamente irritante e — “*coisas de meninos*” (Sujeito 26) — falou sobre coisas nojentas para deixa-la furiosa.

Não, parece que ele adora irritar a menina. (Sujeito12. Trabalho com a tira cômica)

Não por que os meninos adoram irritar as meninas eles é sem educação mesmo. (Sujeito 26. Trabalho com a tira cômica)

Não ele foi muito sem educação e fez Susie gritar a professora. (Sujeito 1. Trabalho com a tira cômica)

Com os argumentos dos alunos acerca da questão, percebe-se que estavam compreendendo a linguagem dos quadrinhos. Quando o Sujeito 1 disse que ele fez Susie “*gritar a professora*”, identifica-se a leitura da imagem, a qual é necessária e importante para compreensão do gênero e todo e qualquer texto em quadrinhos. Entende-se que tal argumentação se fez presente pelo fato de Susie estar com a “boca” bem aberta quando gritou

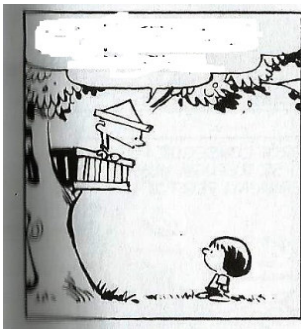
à professora “**Senhora Wormwood!**”. As letras aparecem em negrito e com letras garrafais, evidenciando se tratar de gritos, recurso trabalhado durante as aulas anteriores.

A brincadeira “Expectativa” foi aplicada para a identificação do humor e a leitura e compreensão da imagem, bem como o entendimento da relevância da linguagem dos quadrinhos na tira cômica. Esperava-se que os alunos não escrevessem nenhuma fala na terceira vinheta, pois só havia imagem sem presença de apêndice e balão. Não foi o que aconteceu. Após a explicação da atividade e entrega das partes da tira, os alunos, que estavam divididos em grupos de quatro pessoas, registraram falas nas quatro vinhetas.

Após a aplicação desta atividade, percebi que os alunos conseguiram registrar falas coerentes com as imagens apresentadas na tira. Mas, deixaram de perceber que, quando não aparecia apêndice nem balão, a narrativa se realizava por meio da imagem. Assim sendo, a fala não deveria aparecer. Foi necessário retomar os tipos de balões e a linguagem dos quadrinhos estudados anteriormente. (*Diário*, 31 de agosto de 2016. Trabalho com a tira cômica)

Na sequência, as respostas dadas pelos cinco grupos são apresentadas:

Figura 95a — Calvin e a discriminação sexual (1) (figura localizada na página 122).



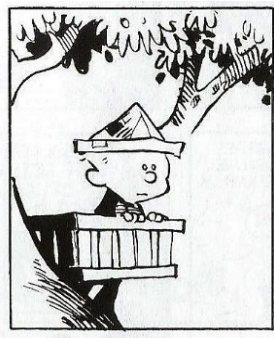
“Fica aí sua nanica” (Grupo 1, Sujeito 3).
 “Você não tem uma casinha na árvore” (Grupo 2, Sujeito 19).
 “Nossa, como você é feia!!! Kkk” (Grupo 3, Sujeito 24).
 “Eu tou aqui em cima e você não” (Grupo 4, Sujeito 5).
 “Ei, Susie” (Grupo 5, Sujeito 23).
 (Brincadeira: “Expectativa”, atividade 40, p. 121-122)

Figura 95a — Calvin e a discriminação sexual (2)) (figura localizada na página 122).



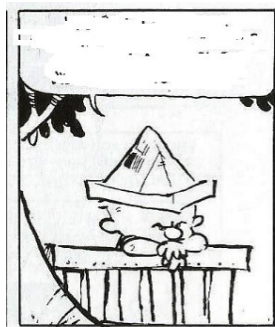
“Eu estou indo tá” (Grupo 1, Sujeito 22).
 “Para de ser idiota!!!” (Grupo 2, Sujeito 16).
 “Como minha boca é grande.” (Grupo 3, Sujeito 1).
 “Ai, a, a, a, que raiva” (Grupo 4, Sujeito 4).
 “Ei seu bobo!!!” (Grupo 5, Sujeito 11).
 (Brincadeira: “Expectativa”, atividade 40, p. 121-122)

Figura 95a — *Calvin* e a discriminação sexual (3) (figura localizada na página 122).



“Olha daqui de cima dá para ver tudo” (Grupo 1, Sujeito 18).
 “Olha eu to vendo um soldado” (Grupo 2, Sujeito 12).
 “Como eu queria ter alguém para brincar comigo”
 (Grupo 3, Sujeito 2).
 “O que será que ela esta fazendo? A não me importo mesmo!”
 (Grupo 4, Sujeito 26).
 “Avante” (Grupo 5, Sujeito 15).
 (Brincadeira: “*Expectativa*”, atividade 40, p. 121-122)

Figura 95a — *Calvin* e a discriminação sexual (4) (figura localizada na página 122).



“Sai daqui” (Grupo 1, Sujeito 8).
 “Sai Susie deixa eu brincar sozinho sua chata” (Grupo 2, Sujeito 14).
 “Quería muito ir brincar de barquinho mas minha mãe não deixa”
 (Grupo 3, Sujeito 10).
 “Que raiva, ninguém me entende” (Grupo 4, Sujeito 21).
 “Ve se me deixa” (Grupo 5, Sujeito 13).
 (Brincadeira: “*Expectativa*”, atividade 40, p. 121-122)

Para realização dessa atividade, cada aluno de cada grupo recebeu apenas uma vinheta da forma como está expresso na imagem. Cada aluno leu o texto não verbal e fez a parte verbal, sem ter acesso à vinheta do outro membro do seu grupo. Quando todos concluíram a atividade, foi solicitado que colocassem a tira na ordem crescente da primeira à quarta vinheta para conhecerem e lerem a tira cômica e discutirem em grupo as interpretações dos colegas.

Esta atividade tomou bastante tempo, pois os alunos se envolveram bastante. Quiseram compartilhar a atividade com os outros alunos. Perceberam que as tiras ficaram bem engraçadas. Algumas partes sem sequência lógica, pois alguns alunos descreveram a tira em vez de representar a fala da personagem, ponto que foi observado pelos alunos durante a conversa em grupo. No entanto, os alunos responsáveis pela terceira vinheta representaram a fala de Calvin com a linguagem verbal, apesar de não constar sinais de balão e apêndice. A professora-pesquisadora trouxe essa questão para debate e logo os alunos verificaram o que haviam feito, justificando o esquecimento.

Vale ressaltar que, apesar dos alunos demonstrarem algumas dificuldades no que diz respeito às regras da linguagem escrita — como: ortografia, concordância nominal e verbal, pontuação etc. — apresentaram um avanço considerável quanto à leitura e compreensão da linguagem dos quadrinhos. (*Diário*, 31 de agosto de 2016. Trabalho com a tira cômica)

Com o desenvolvimento da proposta, foi possível perceber a necessidade de retomar conteúdos que ainda não estavam claros a todos os alunos, pois é uma prática necessária e que

deve ser exercitada a todo momento, para que todos possam se apropriar dos conhecimentos necessários para leitura e compreensão dos gêneros trabalhados.

4.5 A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS: O HUMOR

Iniciou-se o trabalho com o humor de uma forma bem sutil, pois o objetivo era verificar como os alunos respondiam às situações humorísticas com base nos conhecimentos prévios que já possuíam. Na HQ de aventuras de *Asterix: O papiro de César* de Ferri e Conrad (2015), revelaram-se algumas passagens humorísticas, pois o humor não precisa estar presente em todos os gêneros quadrinísticos. Apenas na tira cômica, na charge, no cartum e na HQ de humor, o humor constitui um fundamento.

Na HQ de aventuras em questão, o humor está presente em vários momentos, porém poucos alunos o perceberam. Isso pode ser explicado pela ausência de abordagens nos livros didáticos diretamente ligadas ao humor. Também se deve considerar a formação dos professores. Assim como há lacunas na formação dos professores e nos livros didáticos quanto à linguagem dos quadrinhos e gêneros que compartilham dessa linguagem, observa-se isso em relação ao humor. O humor pode permear diversos gêneros discursivos.

À medida que o trabalho foi sendo desenvolvido, os alunos passaram a perceber a presença do humor na caracterização das personagens, em especial Obelix e Chatotorix. O primeiro, por ser grande e forte, apresentava um carisma fascinante. Durante a leitura, os alunos demonstraram bastante afinidade com a personagem que vivia faminta e adorava voltar das lutas contra os romanos com sua coleção de capacetes. Chatotorix, seu próprio nome já o qualificava como um sujeito chato e inconveniente, também despertou o interesse dos alunos. Muitas vezes, suas canções desafinadas e seu comportamento não muito agradável revelavam situações que contribuíram para o efeito de humor. Por fim, o comportamento autoritário da esposa de Abracurcix revelou situações humorísticas. O fato de a esposa estar sempre chamando atenção do marido e sugerindo a ele suas tomadas de decisões, de forma grosseira, acabava colocando-o em situações desajustadas perante seu posto de chefe.

Vale ressaltar que o humor é inerente ao ser humano, como afirma Bergson (1983). Alguns alunos identificaram a existência do humor, outros não. No entanto, o texto foi pensado e criado com a intenção de se fazer rir. As considerações dos alunos foram respeitadas, as ressalvas se deram no momento em que não havia muita coerência no que estava sendo compreendido por eles. Intervenções realizadas com o objetivo de levar os alunos a refletirem acerca do texto de forma coerente e compreensiva foram necessárias em poucos momentos.

Procurando reforçar a presença do humor nos gêneros discursivos foi solicitado aos alunos que trouxessem para discussão e debate textos humorísticos. Assim, trouxeram várias piadas. Alguns escreveram a piada no caderno, trouxeram o texto impresso, enquanto outros já tinham o texto gravado na memória para ser contado à turma. A atividade foi bastante prazerosa e produtiva aos alunos e à professora-pesquisadora. Com essa atividade, permitiu-se a identificação do e a discussão em torno do humor presente nas piadas e, ainda, relacioná-lo com a quebra de expectativa no desfecho.

Percebi que a maioria dos alunos identificou o humor presente em piadas de loira, português, com a personagem Joãozinho, que fez suas atrapalhadas, principalmente no contexto escolar. Assim, foi possível comprovar o que Ramos (2009) afirmou: “Humor e entendimento textual são elementos interligados, um depende do outro” (RAMOS, 2009, p. 187). O aluno só conseguiu identificar o humor quando compreendeu o texto, ou seja, quando estabeleceu relação de sentido ao que leu, ouviu ou viu. (*Diário*, 19 de agosto de 2016. Trabalho com HQ de aventuras).

Na charge, o humor está ligado com a crítica social. Assim, com as cinco charges (Figuras 76a, 77, 78a, 79, 80) apresentadas para análise, foi possível perceber o humor como elemento constituinte do gênero, ao lado de outros recursos da linguagem dos quadrinhos. Na charge referente ao preço elevado do feijão, os alunos apontaram: o carro forte, a imagem caricata dos policiais, bem como sua expressão facial de medo por estar carregando algo muito valioso e a imagem dos pés, sugerindo pisada leve e pausada para não fazer barulho e não chamar atenção de possíveis furtadores.

Para ilustrar tal afirmação, destacam-se algumas respostas dadas pelos alunos à questão 25 (p. 100).

“Porque estão colocando no carro forte” (Sujeito 17. Questão 25, p. 100).

“Porque o feijão estava caro e até os policial estavam com medo de carrega o feijão de tão caro que tava” (Sujeito 8. Questão 25, p. 100).

“Esta dizem que o feijão está muito caro. E eles estão levando o feijão num carro forte” (Sujeito 2. Questão 25, p. 100).

“Esta charge representa que o feijão está muito caro e as carinhas dos policiais de medo de carregar uma coisa muito mais muito mais cara como o feijão tá” (Sujeito 21. Questão 25, p. 100).

Verifica-se que os alunos estão compreendendo os sentidos do texto chárigo, para que, por consequência, percebam o humor como uma construção. Além disso, com a charge referente à política, observou-se como o contexto de produção e a intertextualidade com os fatos atuais em discussão interferiram na construção dos sentidos por parte dos alunos.

No cartum, o humor está ligado com os costumes, hábitos e questões humanas, sem conexão com o noticiário do momento. A conexão se dá com os conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre o mundo em que vivem ou conhecimentos construídos por diversas formas (leituras, filmes, novelas etc.). Durante o debate, percebeu-se que os alunos compreenderam e identificaram o humor presente no primeiro cartum (figura 81, p. 105), pois observaram que o homenzinho comprou na expectativa de ter as mulheres aos seus pés. No entanto, suas expectativas foram frustradas, pois, ao adquirir o produto, o único que rastejou aos seus pés foi apenas seu filho, um bebê, requerendo o colo do pai que acabara de chegar a própria casa após um dia de trabalho. O humor se efetiva nessa quebra de expectativa da personagem que comprou a calça imaginando que as mulheres estariam aos seus pés, pois era o prometido durante a propaganda do produto, mas não foi isso que aconteceu. A presença do bebê agarrando às suas pernas é o fato que torna o cartum engraçado.

Os alunos riram bastante quando apresentei o cartum I (figura 81). Durante o debate e a conversa com os alunos, pude perceber que relacionaram sentido ao texto. Por isso, o reconhecimento do humor fluiu com naturalidade. (*Diário*, 24 de agosto de 2016. Trabalho com o cartum)

No cartum I (figura 81), os alunos apreciaram a presença do humor depois da intervenção da professora-pesquisadora. Fizeram a leitura das imagens, mas foi necessário chamar atenção dos alunos para a relação que o cartum faz com o consumismo. Tal questão foi a motivação do marido a abandonar a esposa.

Percebi que os alunos compreenderam o cartum, mas não consideraram tão engraçado como o cartum anterior. Alguns disseram que a mulher mereceu o tratamento dado pelo marido, pois é difícil agradar uma pessoa que não se satisfaz com o que tem. Uma aluna apontou semelhança da mulher com sua mãe, que sempre quer coisas novas para casa, mas quem compra é ela mesma. Às vezes, não consegue pagar tudo o que compra. (*Diário*, 24 de agosto de 2016. Trabalho com o cartum)

Com o terceiro cartum (figura 83, p. 107), os alunos perceberam a presença da linguagem verbal e não verbal. Esse cartum traz a fala das personagens narradas por meio de balões-fala e balão-pensamento, além de fazer referência ao pagamento de impostos. Esse aspecto ainda não condizia diretamente com a realidade dos alunos, fator que dificultou o entendimento do texto e, principalmente, a compreensão e identificação do humor. Assim, também se fez necessária a intervenção da professora-pesquisadora para esclarecer o cartum, dando aos alunos condições de compreenderem seu sentido.

Ao apresentar o cartum (figura 84, p. 108), os alunos identificaram que a personagem central estava agindo como um golpista, fingindo ser uma pessoa de posses. Mas, na verdade,

estava falido e sem condições de pagar por algo que queria. A maioria dos alunos identificou que a personagem estava chegando a um hotel e gostaria de lá instalar-se. Porém, a atual condição financeira não lhe possibilitou.

Após a análise das respostas dos alunos, conforme descritas no item anterior, a professora-pesquisadora retomou o cartum com os seguintes questionamentos: será que o espaço retratado no cartum é mesmo um hotel? Quais são os elementos que justificam se tratar de um hotel? O sujeito trouxe malas para se instalar? O sujeito pode ter procurado um estabelecimento para fazer uma negociação financeira?

Os questionamentos foram propostos com o intuito de instigar os alunos para outras possíveis interpretações. Assim, os alunos consideraram a possibilidade de se tratar de uma negociação financeira, no entanto considerou-se coerente também a leitura da maioria dos alunos. Em seguida, retomou-se o foco do trabalho: a identificação do humor na quebra de expectativa na oitava vinheta, momento em que o cartão ou cheque é arremessado na cabeça da personagem. O efeito de humor dependia de os alunos tratarem uma das personagens como um impostor e a outra como vítima.

“Professora, você percebeu que o homenzinho desceu do carro feliz e sorridente, e quando recebeu o cartão na cabeça, perdeu o rumo, saiu dali com três pontapés” (Sujeito 2. Trabalho com o cartum).

O comentário do aluno sugere a compreensão acerca da construção da narrativa que se desenvolveu de forma crescente à expectativa da personagem. Mudando de feição (expressividade), houve a quebra de expectativa com desfecho inesperado, momento em que se configurou o humor.

Os alunos perceberam a presença do humor, pois responderam as questões 28 e 29 (p. 109), conforme o esperado. Por fim, os alunos foram alertados pelo fato de o humor, no cartum, estar vinculado às situações do cotidiano. Também foi possível notar que a afinidade dos alunos com a temática abordada no cartum favorece a construção dos sentidos.

E no que diz respeito ao humor nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo*, foi possível perceber que, no decorrer das atividades, os alunos foram avançando e adquirindo maior familiaridade com o gênero. Apesar de os alunos terem apresentado bons resultados em relação à percepção do humor a partir da proposta de intervenção, o trabalho pode seguir continuidade no decorrer do ano de 2016 e no próximo ano letivo (sétimo ano, 2017), pois o trabalho com as tiras cômicas permitiu que os alunos ampliassem seus conhecimentos, tornando-se mais atentos para as leituras de imagens e dos sentidos mantidos nas entrelinhas dos textos.

Constatou-se, com este trabalho, que a dinâmica desenvolvida por Innocente (2005) foi bem recebida pelos alunos. Seguindo a sequência dos quatro movimentos, o reconhecimento do humor ficou mais evidente. Muitas vezes, o aluno não tinha compreendido a tira cômica, mas, ao realizar os passos propostos pela autora — ou seja, a análise a partir do primeiro movimento — apresentação do título e da autoria; segundo — preparação do cenário; terceiro — apresentação do clímax, e, por fim, a quebra de expectativa seguida da presença do humor — a leitura e compreensão da tira cômica apresentaram melhores resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento da proposta de intervenção, permitiu-se despertar nos alunos a percepção do humor nos gêneros quadrinísticos estudados. Eles passaram a ter mais atenção e sensibilidade em identificar os elementos motivadores do humor. O primeiro gênero estudado foi a HQ de aventuras *Asterix: O papiro de César* de Jean-Yves Ferri e Didier Conrad (2015). À primeira vista, nem todos os alunos perceberam o humor. Mas, ao passo que a linguagem dos quadrinhos foi sendo trabalhada e os pontos cômicos da narrativa ressaltados pela professora-pesquisadora, os alunos passaram a perceber o humor nas passagens apontadas, além de notarem outras.

Vale ressaltar que o humor não é característica de todas os gêneros pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos*. Entretanto, como a HQ em estudo é uma narrativa de aventura, o humor pode se tornar um elemento constituinte da proposta dos autores. Dessa forma, houve a necessidade de realizar uma leitura com sensibilidade para a percepção do humor, que, às vezes, aparece de forma bastante sutil, quase que imperceptível ao leitor, sobretudo para aquele que pouco conhece os recursos propiciadores. Apesar do humor fazer parte do humano, sua construção é sociocultural e deve ser trabalhada nas aulas de língua portuguesa.

Na charge, o humor está a serviço de uma crítica social relacionada a um fato em discussão no noticiário, na mídia. O vínculo com a atualidade é fundamental para a construção dos sentidos, configurando um gênero quadrinístico temporal. Assim, constatou-se que o humor só é perceptível aos alunos quando eles conseguem atribuir sentidos a esse texto em quadrinhos. Notou-se grande dificuldade por parte da turma na compreensão tanto do humor, como na compreensão da charge que trazia o contexto político — o recesso branco (Figura 77, p. 94). O distanciamento desses leitores das discussões políticas pode ser a explicação para tal dificuldade. Já em relação às charges com temáticas próximas da realidade desses leitores — os alunos — a construção dos sentidos foi favorável, pois se referiam a um alimento de consumo diário deles e família — o feijão — (Figura 76a, p. 94) e um jogo para celular que era novidade na época (Figura 78a, p. 94 e Figura 80, p. 95) — o *Pokémon Go*.

Já o cartum possui uma relação direta com os costumes, hábitos e as questões humanas, sem conexão com as notícias do momento, “brincando” com temas gerais. Nos quatro cartuns (Figuras 81, p. 105; 82, p. 106; 83, p. 107 ; 84, p. 108) apresentados, houve a percepção do humor e também se notou a identificação com primeiro e o quarto cartuns. O poder da propaganda explorado no primeiro provocou uma reflexão em relação ao consumismo, a partir

do desejo masculino de as mulheres “caírem aos pés” da personagem principal. As dificuldades afloraram quando os alunos tiveram que considerar conhecimentos prévios sobre o pagamento de impostos, temática do terceiro cartum (Figura 83, p. 107). Mais uma vez, é possível dizer como os conhecimentos prévios dos alunos vinculados à linguagem dos quadrinhos, aos gêneros pertencentes ao hipergênero *histórias em quadrinhos* e aos conhecimentos de mundo (construído por meio de filmes, leituras, vivências diversas etc.) influenciaram na construção dos sentidos do texto em quadrinhos, sobretudo a charge e o cartum.

Nas tiras cômicas de *Calvin e Haroldo* de Bill Watterson, verificou-se um grande crescimento dos alunos na percepção do humor e na compreensão dos sentidos. A apresentação dos quatro movimentos propostos por Innocente (2005) facilitou a compreensão de como o humor é construído nas tiras cômicas. Relembrando, estes são os movimentos: i) apresentação do título e a autoria; ii) preparação do cenário; iii) apresentação do clímax; iv) presença da quebra de expectativa com a presença do humor.

Neste trabalho, o propósito foi elaborar uma proposta de intervenção que estimulasse a percepção do humor nos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Norte do Paraná. Tal objetivo foi cumprido à medida que se constatava, por meio das respostas das atividades realizadas pelos alunos, a compreensão dos mecanismos utilizados nos gêneros quadrinísticos, tendo em vista o humor. As expectativas da professora-pesquisadora foram superadas, pois, à primeira vista, acreditava-se que os alunos teriam muitas dificuldades na percepção do humor.

No entanto, é importante ressaltar que esta proposta de intervenção não se configura em um manual pronto e acabado, e sim em uma possibilidade de trabalho, que pode ser realimentada conforme as necessidades específicas de cada turma. Assim sendo, entende-se que se trata de um caminho possível para o trabalho do humor nos quadrinhos, uma questão proposta pelos PCN (BRASIL, 1998) e presente em diversas avaliações, porém pouco explorada nos livros didáticos e na formação dos professores. Destacou-se a contribuição com relação à construção de conhecimentos em torno da linguagem dos quadrinhos e dos gêneros HQ de aventuras, charge, cartum e tira cômica, não só para a formação dos alunos como leitores como também para a professora-pesquisadora.

Não há proposta de intervenção perfeita. Por essa razão, também é importante apontar algumas limitações, por exemplo, o trabalho com a HQ de aventuras, apesar de produtiva e relevante para os alunos, o cansaço foi inevitável, requerendo uma revisão no tempo de exploração desse gênero. Em relação à charge, é necessário a construção prévia de conhecimentos relacionados com questões políticas e outras que não façam parte do universo

dos alunos. Os textos que materializem os cartuns também devem contemplar aspectos relacionados com os conhecimentos prévios dos alunos. Deve-se explorar textos próximos à realidade dos alunos em equilíbrio com aqueles que exijam uma ampliação dos conhecimentos prévios. Por isso, há a necessidade de conhecer o repertório sociocultural dos alunos.

Por fim, o trabalho com a tira cômica foi favorecida pela exploração prévia de um gênero quadrinístico com traços cômicos — a HQ de aventuras — seguida da charge e do cartum. A sequência de apresentação dos gêneros citados se mostrou eficaz, pois os conhecimentos foram construídos gradualmente, tudo em torno da percepção do humor. O diário também se mostrou um importante registro do cotidiano da professora-pesquisadora, possibilitando reflexões posteriores e retomadas. Tornou-se uma ferramenta da prática docente para além do desenvolvimento da proposta de intervenção.

Desta proposta de intervenção, incluindo problematização, desenvolvimento e reflexão dos resultados, é possível repensá-la e propor outras, tendo em vista sempre a construção dos conhecimentos dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Juan. **Como fazer histórias em quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BENETT. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.
- _____. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Português - 6º ano**. Projeto Teláris. São Paulo: Abril, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em: 2 mar. 2016.
- _____. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Cadernos temáticos, CECAD 4. Brasília, 2007. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf> Acesso em: 6 ago. 2016.
- CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial; linguagem e semiótica**. São Paulo: Criativo, 2014.
- CASTELLANO, Daniel. **Gazeta do Povo**. Disponível em: 23 jul. 2016 <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/agricultura/governo-zera-imposto-de-importacao-para-feijoes-preto-e-carioquinha-por-3-meses-e2fu7uzgyht3unageoh83puq4>>. Acesso em: 8 ago. 2016.
- DUTRA, Katia. **Bill Watterson e as aventuras de Calvin e Haroldo (2012)**. Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2012/07/05/bill-watterson-e-as-aventuras-de-calvin-e-haroldo/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e a arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- GOSCINNY, René; UDERZO, Albert. **Asterix Gladiador**. Tradução de Claudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- _____. **A galera de Obelix**. Tradução de Claudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **O escudo Averno**. Tradução de Claudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **A odisseia de Asterix**. Tradução de Claudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **O aniversário de Asterix e Obelix**. Tradução de Claudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **Uma volta pela Gália com Asterix**. Tradução de Claudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **Como Obelix caiu no caldeirão do druida quando era pequeno**. Tradução de Claudio Varga. Rio de Janeiro: Record, 2015.

INNOCENTE, Lenaide Gonçalves. **A tira em quadrinhos no jornal do Brasil e no Diário Catarinense: um estudo do gênero**. 2001, 107 f. Tese (Mestrado em Ciências da Linguagens), Santa Catarina – Tubarão, 2001.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O humor nas tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamento e enquadres em Mafalda**. Vitória, ES: Grafer, 2002.

MAGALHÃES, Helena Maria Gramiscelli. **Aprendendo com humor**. São Paulo: Mercado de letras, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de texto de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **INTERCOM**, Campo Grande, 2001.

MOISÉS; Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 388.

PAIXÃO. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-06-23-5usid67rl1p7gmewzclxc0h2e>>. Acesso em: 2 ago. 2017.

_____. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-07-22-86kfflizzsqo7yzp0t6q3bkvvs>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

_____. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 27 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares de Educação Básica: Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2008.

PARK, Gene (Tradução de Adriano Scandolaro). **Gazeta do Povo**. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/oimenso-sucesso-de-pokemon-go-da-medo-quanto-ao-futuro-dos-videogames-cur6o2kkbc1f2cxwtvkh3yccv?ref=aba-ultimas>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

QUINO. **Ibem, obrigado, e você?** n. 4. 2. ed. 1982.

RAMOS, Paulo. Humor nos quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 185-217.

_____. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. São Paulo: Zarabatana Books, 2011.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Piadas para ver: o uso da imagem como recurso de humor em tiras cômicas. In: CARMELINO, Ana Maria. **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 137-153.

SOUSA, Maurício de. **Almanaque do Chico Bento**, n. 48, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. In: CARMELINO, Ana Maria (Org.). **Humor: eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 49 – 90.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, Angela et al. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014a. p. 7-29.

_____. A linguagem dos quadrinhos uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela et al. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 31-64.

VILELA, Túlio. **Quadrinhos e Antiguidade: O mundo antigo segundo Asterix e Obelix**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/quadrinhos-e-antiguidade-o-mundo-antigo-segundo-asterix-e-obelix.htm>>. Acesso em: 30 julho 2016.

WATTERSON, **Calvin e Haroldo**. Deu “Tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009.

_____. **Calvin e Haroldo**. A hora da vingança. São Paulo: Conrad, 2009.

_____. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

_____. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010.

_____. **Calvin e Haroldo**. Yukon Ho! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

_____. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

_____. **Calvin e Haroldo**. Criaturas bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011

_____. **Calvin e Haroldo**: o livro do décimo aniversário. São Paulo: Conrad, 2013.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Figura 1 — Um exemplo de tira cômica com formato fixo. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 23.

Figura 2 — Ele é exterminador de ratos! NIK. Publicada em: 7 fev. 2013. Disponível em: <<http://kmtirinhasdomundogaturro.blogspot.com.br/2013/07/ele-e-o-exterminador-de-ratos.html>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

Figura 3 — Um exemplo de tira em formato vertical. SOUSA, Maurício de. **Almanaque do Chico Bento**, n. 48, 2014. p. 82.

Figura 4 — Um exemplo de tira de fotografia. BENETT. Publicada em: 12 jul. 2001. Disponível em: <<http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

Figura 5 — Um exemplo de charge. RAMOS. Disponível em: <<http://www.barrosoemdia.com.br/wp-content/uploads/DENGUE.jpg>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

Figura 7 — Linguagem dos quadrinhos. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. A hora da vingança. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2009. p. 5.

Figura 8 — O tempo narrativo. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**: Criaturas bizarras de outro planeta. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 9.

Figura 9 — Balão-fala. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 20.

Figura 10 — Balão-pensamento. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 6.

Figura 11 — Balão-cochicho. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 51.

Figura 12 — Balão-berro. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 47.

Figura 13 — Balão-trêmulo. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 125.

Figura 14 — Balão-de-linhas-quebradas. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 34.

Figura 15 — Balão-vibrado. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. São Paulo: Conrad, 2010. p. 90.

Figura 16 — Balão-glacial. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 69.

Figura 17 — Balão-unísson. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 33.

Figura 18 — Balões-duplos. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 96.

Figura 19 — Balões compostos. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 94.

Figura 20 — Balão-zero ou ausência de balão. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 30.

Figura 21 — Balão-mudo. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 69.

Figura 22 — Balão-sonho. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 8.

Figura 23 — Balão de apêndice cortado. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 88.

Figura 24 — Uso da legenda. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010. p. 10.

Figura 25 — Os 7 álbuns de Calvin e Haroldo. WATTERSON, Bill. **Capas das antologias**. Disponível em: <<https://www.americanas.com.br/busca/calvin-e-haroldo-box-7-volumes>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Figura 26 — Título: Calvin e Haroldo e Subtítulo: “E foi assim que tudo começou”. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.

Figura 27 — Título: Calvin e Haroldo e Subtítulo: “Deu ‘Tilt’ no progresso científico”. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Deu “Tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009.

Figura 28 — Título: Calvin e Haroldo e Subtítulo: “A hora da vingança”. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. A hora da vingança. São Paulo: Conrad, 2009.

Figura 29 — Título: Calvin e Haroldo e Subtítulo: “O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos”. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010.

Figura 30 — Título: Calvin e Haroldo e Subtítulo: “Yukon Ho!” WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Yukon Ho! 2 ed. São Paulo: Conrad, 2010.

Figura 31 — Título: Calvin e Haroldo e Subtítulo: “Criaturas bizarras de outro planeta!” WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas bizarras de outro planeta! 2 ed. São Paulo: Conrad, 2011.

Figura 32 — Título: Calvin e Haroldo e Subtítulo: “Tem alguma coisa babando embaixo da cama”. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo, Conrad, 2010.

Figura 33 — Calvin e Haroldo: título de forma única. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Deu “tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009, p. 5.

Figura 34 — O valor expressivo da letra. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 8.

Figura 35 — Valor expressivo da letra negrita. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 11.

Figura 36 — Valor expressivo do formato da letra. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 91.

Figura 37 — Valor expressivo da letra diferenciada. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 47.

Figura 38 — Valor expressivo da letra diferenciada – robotizada. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criatura bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011, p. 101.

Figura 39 — Valor expressivo da letra. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos. São Paulo: Conrad, 2010, p. 82.

Figura 40 — Valor expressivo da letra durante a leitura. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 6.

Figura 41 — Som da martelada na mesa. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 23.

Figura 42 — Som da bola de neve acertando Calvin. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 45.

Figura 43 — Som da campainha. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 30.

Figura 44 — Som de Calvin sendo arremessado na bola de neve. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 27.

Figura 45 — Som do secador de cabelo ligado. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 57.

Figura 46 — Som do secador de Calvin tomando refrigerante. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 97.

Figura 47 — Brincando de Tarzan. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 7.

Figura 48a — Calvin. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 16.

Figura 48b — Calvin. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 16.

Figura 49a — Haroldo. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 16.

Figura 49b — Haroldo. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo: E foi assim que tudo começou**. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 16.

Figura 50a — Os pais de Calvin. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 85.

Figura 50b — Os pais de Calvin. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 85.

Figura 51a — Susie Derkins. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 29.

Figura 51b — Susie Derkins. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 29.

Figura 52a — Senhora Wormwood. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 28.

Figura 52b — Senhora Wormwood. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 28.

Figura 53a — Moe. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 76.

Figura 53b — Moe. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 76.

Figura 54a — Rosalyn. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Deu “tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009, p. 91.

Figura 54b — Rosalyn. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Deu “tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009, p. 91.

Figura 55 — O pedido de Calvin ao pai. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 12.

Figura 56 — Calvin e Haroldo: amigos inseparáveis. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 19.

Figura 57 — Hora da história. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Tem alguma coisa babando embaixo da cama. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 6.

Figura 58 — Calvin não faz sua parte. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Yukon Ho! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 116.

Figura 59 — Calvin não fez a tarefa. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011, p. 111.

Figura 60 — Brincadeira de criança. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010, p. 13.

Figura 61 — Alguns dos nossos heróis. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 4.

Figura 62 — Mulher Maravilha na forma realista. Disponível em: <<https://hqrock.wordpress.com/2015/11/30/mulher-maravilha-filmagens-confirmam-trama-na-i-guerra-mundial/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 63 — Mulher Maravilha na forma estilizada. Disponível em: <http://forum.jogos.uol.com.br/batman-gordo-e-mulher-maravilha-magrela_t_3719927>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 64a — Mulher Maravilha na forma caricata. Disponível em: <<http://emmanuelcaricaturas.blogspot.com.br/2015/04/dica-de-caricatura-mulher-maravilha.html>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 64b — Mulher Maravilha na forma caricata. Disponível em: <<http://emmanuelcaricaturas.blogspot.com.br/2015/04/dica-de-caricatura-mulher-maravilha.html>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 65 — Papai Smurf. Disponível em: <http://pt-br.smurfs.wikia.com/wiki/Papai_Smurf>. Acesso em: 20 jul. 2016

Figura 66 — Popeye. Disponível em: <<http://thefwoosh.com/2015/04/he-yam-what-he-yam-its-time-for-a-new-popeye-toyline>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 67a — Thor. Disponível em: <<https://quadrinhos.wordpress.com/2015/11/01/o-deus-do-trovao>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 67b — Thor. Disponível em: <<https://quadrinhos.wordpress.com/2015/11/01/o-deus-do-trovao>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Figura 68 — Aldeia Gaulesa. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 3.

Figura 69 — Alguns dos nossos heróis - Asterix. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 4.

Figura 70 — Balão-fala e apêndice indicando fala dentro do prédio. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 5.

Figura 71 — Balão mudo e uníssonos. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 6.

Figura 72 — Balão-pensamento. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 34.

Figura 73 — As vozes presentes na legenda. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 6.

Figura 74a — Onomatopeia (1). FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 12.

Figura 74b — Onomatopeia (2). FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 18.

Figura 74c — Onomatopeia (3). Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/idiomas/artigos/55868/onomatopeias-na-era-digital>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

Figura 75 — Letra em negrito. FERRI, Jean-Yves; CONRAD, Didier. **Asterix: O papiro de César**. Tradução de Gilson Dimenstein Koatz. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 7.

Figura 76a — Charge de Paixão de 23 jun. 2016 (1). Paixão. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-06-23-5usid67rl1p7gmewzc1xc0h2e>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 76b — Charge I: Valorização do feijão no mercado (2). Paixão. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 23 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-06-23-5usid67rl1p7gmewzc1xc0h2e>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 77 — Charge de Paixão de 22 jul. 2016. Paixão. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-07-22-86kfflizzsqo7yyp0t6q3bkvvs>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 78 — Charge de Benett de 25 jul. 2016 (1). Benett. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/2016-07-25-b0gv25qqdbvchq7z6f4b2965k>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 78b — Charge III: Pokémon Go (2). Benett. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 25 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/benett/2016-07-25-b0gv25qqdbvchq7z6f4b2965k>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 79 — Charge de Paixão de 27 jul. 2016 (1). Paixão. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 27 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-07-27-aliw2abugoaupqb8korzyymkv>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Figura 80 — Charge de Paixão de 06 ago. 2016. Benett. **Gazeta do Povo**. Publicação em: 6 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/charges/paixao/2016-08-06-evneqbx98heqrypl06mdjm695>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Figura 81 — O poder da propaganda. QUINO. **Ibem, obrigado, e você?** n. 4. 2. ed. 1982.

Figura 82 — Quero trocar!? QUINO. **Ibem, obrigado, e você?** n. 4. 2. ed. 1982.

Figura 83 — Hora de pagar impostos. QUINO. **Ibem, obrigado, e você?** n. 4. 2. ed. 1982.

Figura 84 — Posso hospedar-me? QUINO. **Ibem, obrigado, e você?** n. 4. 2. ed. 1982

Figura 85 — Tira cômica de Calvin e Haroldo e o jornal. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**: o livro do décimo aniversário. São Paulo: Conrad, 2013. p. 6.

Figura 86 — Bill Waterson. **Fonte**: Disponível em:
<<http://depositocalvin.blogspot.com.br/2009/04/biografia-de-bill-watterson.html>>. Acesso em: 20 set. 2016.

Figura 87 — Calvin e Haroldo brincando. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 108.

Figura 88 — Calvin e Haroldo em conflito familiar. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. A hora da vingança. São Paulo: Conrad, 2009. p. 33.

Figura 89 — Calvin e Haroldo em conflito com Susie. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Yukon Ho. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 18.

Figura 90 — Calvin e Haroldo em conflito escolar. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas bizarras de outro planeta. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 92.

Figura 91 — Calvin e Haroldo em conflito com Moe. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Deu “Tilt” no progresso científico. São Paulo: Conrad, 2009. p. 6.

Figura 92 — E foi assim que tudo começou (1). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 12.

Figura 93 — E foi assim que tudo começou (2). Watterson, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 12.

Figura 94 — E foi assim que tudo começou (3). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 13.

Figura 95a — Calvin, isso é discriminação? (1). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 13.

Figura 95b — Calvin, isso é discriminação? (2). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 13.

Figura 96 — Dias de inverno. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 27

Figura 97 — Descobrimo o amor. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. E foi assim que tudo começou. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010. p. 45.

Figura 98 — Brincando de adivinhar. WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 35.

Figura 99a — Vamos brincar de índio? (1). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

Figura 99b — Vamos brincar de índio? (2). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

Figura 99c — Vamos brincar de índio? (3). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

Figura 99d — Vamos brincar de índio? (4). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.

Figura 99e — Vamos brincar de índio? (5). WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo**. Criaturas Bizarras de outro planeta! 2. ed. São Paulo: Conrad, 2011. p. 83.